





As Crônicas de Nathaniel Starbuck



SAÍDA DE EMERGÊNCIA

Para quem quer fugir da rotina

TÍTULO: *Inimigo — As Crónicas de Nathaniel Starbuck*

AUTORIA: *Bernard Cornwell*

EDITOR: *Luís Corte Real*

Esta edição © 2013 Edições Saída de Emergência

Título original Battle Flag © 1995 Bernard Cornwell. Publicado originalmente na Grã-Bretanha por HarperCollinsPublishers, 1995

TRADUÇÃO: *Luís Santos*

REVISÃO: *Saída de Emergência*

COMPOSIÇÃO: *Saída de Emergência, em caracteres Minion, corpo 12*

DESIGN DA CAPA: *Saída de Emergência*

IMPRESSÃO E ACABAMENTO: *Caflesa - Soluções Gráficas, Lda.*

1.ª EDIÇÃO: *Maió, 2013*

ISBN: *978-989-637-538-6*

DEPÓSITO LEGAL: *359876/13*

EDIÇÕES SAÍDA DE EMERGÊNCIA

R. Adelino Mendes n.º 152, Quinta do Choupal, 2765-082 S. Pedro do Estoril, Portugal

TEL E FAX: *214 583 770*

WWW.SAIDADEEMERGENCIA.COM

Bernard Cornwell



As Crônicas de Nathaniel Starbuck

LIVRO III

Tradução de Luís Santos

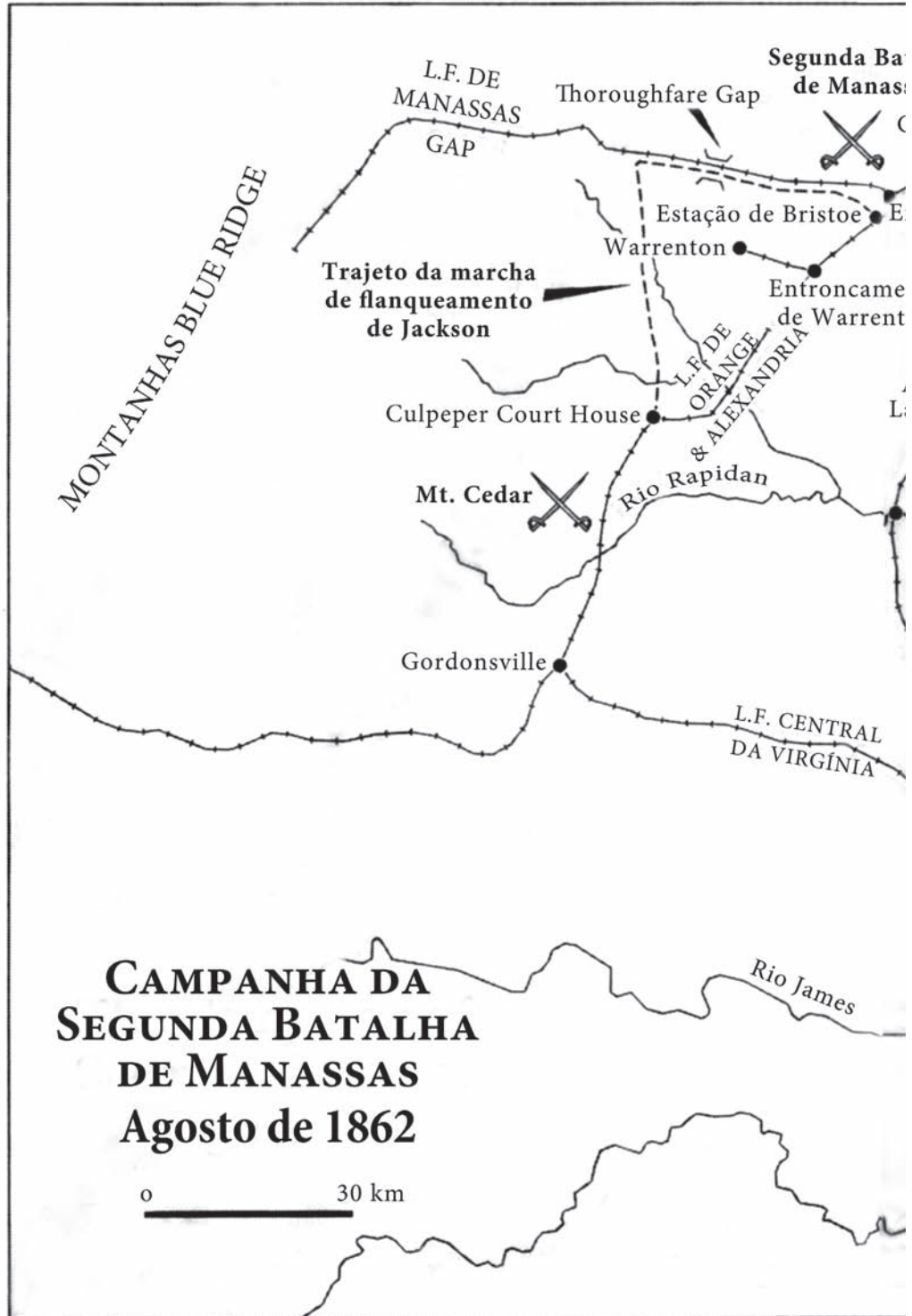
*A presente obra respeita as regras
do Novo Acordo Ortográfico.*

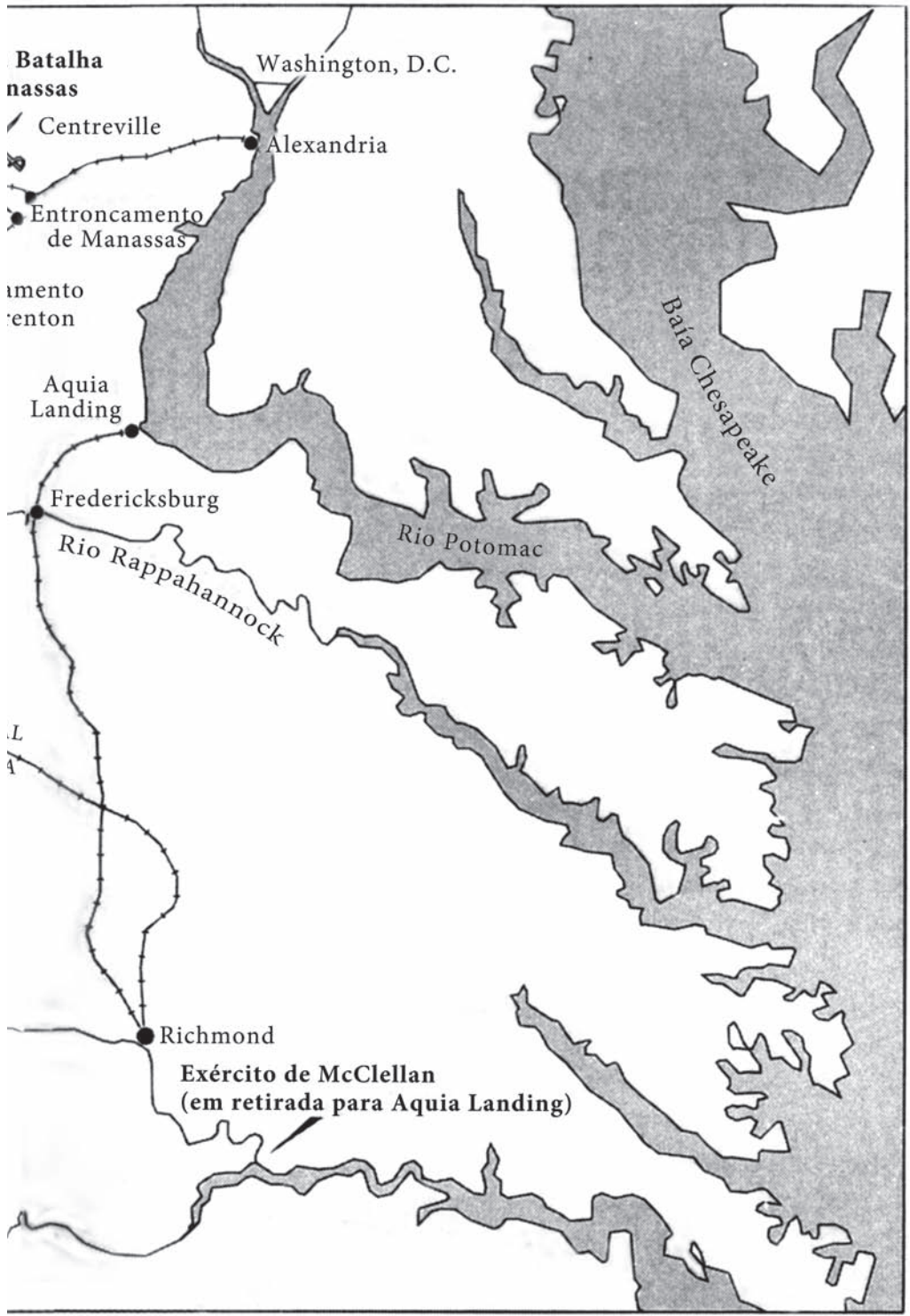


SAÍDA DE EMERGÊNCIA
Para quem quer fugir da rotina



Inimigo é dedicado ao meu pai, com muito amor









PARTE UM



O capitão Nathaniel Starbuck conheceu o novo comandante quando a Legião Faulconer vadeou o Rapidan. O general Thomas Jackson encontrava-se na margem norte do rio. Parecia estar em transe, já que, imóvel na sela, tinha a mão esquerda levantada no ar enquanto os olhos azuis e ressentidos fitavam as profundezas sombrias do rio. A sua imobilidade lúgubre era tão sinistra que a coluna em marcha se chegou à margem oposta do vau, em vez de se aproximar de um homem com uma pose tão pressagiadora de morte. O aspeto físico do general era igualmente perturbador. Jackson tinha barba desgrenhada, uma casaca simples e boné sujo, enquanto a montada aparentava dever ter sido levada para o matadouro há muito. Era difícil acreditar que se tratava do mais controverso general do Sul, o homem que deixava o Norte insone e nervoso, mas o tenente Franklin Coffman, de dezasseis anos de idade e acabado de chegar à Legião Faulconer, garantia que aquela figura de aparência estranha era, de veras, o famoso Parede Jackson. Coffman chegara a ter aulas com o professor Thomas Jackson.

— Mas note-se — segredou o tenente Coffman a Starbuck —, não acredito que os generais tenham grande influência no resultado das batalhas.

— Tanta sabedoria em alguém tão jovem — replicou Starbuck, que tinha vinte e dois anos.

— Não são os generais que vencem as batalhas, mas sim os soldados — prosseguiu Coffman, ignorando o sarcasmo do seu capitão. O tenente Coffman estudara durante um ano no Instituto Militar da Virgínia, onde Thomas Jackson lhe prestara, sem qualquer resultado, recruta de artilharia

e ensinara Filosofia Natural. Coffman olhava agora para a figura hirta, sentada, imóvel, na sela desgastada. — Não consigo imaginar o velho Caixote como general — troçou Coffman. — Nem era capaz de manter a ordem numa sala de aulas, quanto mais num exército.

— Caixote? — indagou Starbuck. O general Jackson tinha muitas alcunhas. Os jornais chamavam-lhe Parede, os soldados tratavam-no por Velho Jack, ou até Velho Doido Jack, enquanto muitos dos antigos alunos do Velho Jack se referiam a ele como Jack Pateta, mas Caixote era um nome inédito para Starbuck.

— Tem os maiores pés do mundo — explicou Coffman. — Enormes! E os únicos sapatos que lhe serviam pareciam caixotes.

— O tenente é uma fonte inesgotável de informações úteis — comentou Starbuck despreocupadamente. A Legião ainda se encontrava muito longe do rio para que Starbuck visse os pés do general, mas registou mentalmente que teria de prestar atenção a esses prodígios quando por fim chegasse ao Rapidan. Naquele momento, a Legião não avançava de todo, tendo o progresso sido impedido pela relutância dos soldados em vadearem o rio sem primeiro descalçarem as botas puídas. Dizia-se que o Jack Doido Parede Caixote Jackson detestava tais atrasos, mas parecia alheio à demora. Limitava-se a permanecer sentado, de mão no ar e olhos fitos no rio, enquanto à sua frente a coluna se aglomerava e parava. Os homens atrás da obstrução ficaram gratos pela paragem forçada, pois o dia estava quente como um forno, o ar imóvel e o calor húmido como vapor. — O Coffman estava a comentar a ineficácia dos generais? — lembrou Starbuck, o mais recente oficial subalterno.

— Se pensarmos bem, meu capitão — declarou Coffman, com uma paixão juvenil —, não temos generais a sério, como os dos Ianques, mas mesmo assim vencemos batalhas. Acho que isso acontece porque o Sul é imbatível.

— E quanto ao Robert Lee? — adiantou Starbuck. — Ele não é um general a sério?

— O Lee é velho! É antediluviano! — exclamou Coffman, chocado por Starbuck ter sequer aventado o nome do novo comandante do Exército do Norte da Virgínia. — Deve ter pelo menos cinquenta e cinco anos!

— O Jackson não é velho — lembrou Starbuck. — Ainda nem tem quarenta.

— Mas é doido, meu capitão. A sério! Costumávamos chamar-lhe Pateta.

— Então deve ser louco — provocou Starbuck o tenente. — Nesse caso, porque é que vencemos batalhas, mesmo tendo generais loucos, generais vetustos ou não tendo generais de todo?

— Porque o combate está no sangue sulista, meu capitão. A sério. — Coffman era um jovem ávido, determinado a ser um herói. O pai morrera de tuberculose pulmonar, deixando a mãe com quatro filhos jovens e duas filhas pequenas. A morte do pai obrigara Coffman a deixar o Instituto Militar da Virgínia depois do primeiro ano, mas esse breve período de formação militar deixara-o equipado com um manancial de teorias marciais. — Os Nortistas — explicava agora a Starbuck — têm o sangue diluído. Existem demasiados imigrantes no Norte, meu capitão. O Sul, por outro lado, tem sangue puro. O verdadeiro sangue americano.

— Está a querer dizer que os Ianques são uma raça inferior?

— Trata-se de um facto reconhecido, meu capitão. Perderam a linhagem pura.

— O Coffman sabe que eu sou ianque, não sabe? — perguntou Starbuck.

Coffman pareceu de imediato confuso, mas antes de poder adiantar qualquer resposta, foi interrompido pelo coronel Thaddeus Bird, o comandante da Legião Faulconer, que chegou com as suas passadas longas vindo da retaguarda da coluna retida.

— Aquele é mesmo o Jackson? — perguntou Bird, olhando para o outro lado do rio.

— Aqui o tenente Coffman informou-me de que o verdadeiro nome do general é Velho Louco Pateta Caixote Jackson, e que se trata, com efeito, do cavaleiro em questão — respondeu Starbuck.

— Ah, Coffman — disse Bird, espreitando o diminuto tenente como se Coffman fosse um espécime curioso de interesse científico. — Ainda me lembro quando não passavas de um bebé gorgolejante a absorver as joias menores da minha sabedoria cintilante. — Antes de abraçar a vida de soldado, Bird fora mestre-escola em Faulconer Court House, onde vivia a família de Coffman.

— O tenente Coffman ainda não deixou de absorver sabedoria — deu Starbuck a saber com toda a solenidade ao coronel Bird —, nem de a partilhar, já que acabou de me informar que os Ianques são uma raça inferior, de sangue maculado e diluído pelas estirpes imigrantes.

— E com toda a razão! — retorquiu Bird num tom enérgico. Depois o coronel passou o braço magro sobre os ombros diminutos de Coffman. — Poderia apresentar-te uma narrativa, meu jovem Coffman, que te gelaria a alma e o sangue e te faria saltar os olhos das órbitas, quais estrelas cadentes. — Aproximou-se ainda mais do ouvido do sobressaltado tenente. — Sabias, Coffman, que assim que um barco de imigrantes atraca em Boston, todas as famílias de Beacon Hill mandam as esposas às docas para que sejam fecundadas? Não é essa a alarmante verdade, Starbuck?

— Com efeito, meu coronel, e se o barco porventura chega ao domingo, também enviam as filhas.

— Boston é uma cidade libidinosa, Coffman — declarou Bird severamente ao afastar-se do tenente de olhos arregalados —, e se apenas pudesse dar-te um único conselho neste mundo triste e cruel, seria que evitasses esse sítio. Foge dele, Coffman! Pensa em Boston como se fosse uma Sodoma, ou uma Gomorra. Elimina tal cidade da tua lista de destinos. Estás a perceber, Coffman?

— Sim, meu coronel — asseverou Coffman, num tom de grande seriedade.

Starbuck riu-se da expressão no rosto do tenente. Coffman chegara na véspera, a par de uma série de recrutas obrigatórios que vinham substituir as baixas sofridas no Moinho de Gaines e em Malvern Hill. Na sua maioria tinham sido retirados dos becos de Richmond e a Starbuck pareciam um bando enfezado e enfermiço de índole dúbia, mas à semelhança dos membros originais da Legião, Franklin Coffman era um voluntário de Faulconer County, cheio de entusiasmo pela causa sulista.

O coronel Bird deixou a provocação do tenente e puxou a manga de Starbuck.

— Nate — indicou —, uma palavrinha. — Os dois homens afastaram-se da estrada, cruzando uma vala baixa e entrando num prado murcho e acastanhado devido à onda de calor daquele verão. Starbuck coxeava, não por ter sido ferido, mas porque a sola da bota direita se estava a soltar da gáspea. — Serei eu? — indagou Bird enquanto caminhavam sobre a erva seca. — Estarei a ficar mais sábio, ou será que os jovens estão a ficar progressivamente mais idiotas? E acredites ou não, ali o jovem Coffman era mais inteligente do que a média das crianças que tive a infelicidade de ensinar. Lembro-me que dominou a teoria dos gerúndios numa única manhã!

— Não me parece que eu tenha chegado a perceber os gerúndios — admitiu Starbuck.

— Não tem nada que saber — garantiu Bird —, conquanto te lembres de que são substantivos que dão...

— E também não creio que pretenda dominar os malfadados — atalhou Starbuck.

— Pois então deixa-te chafurdar na tua ignorância — rematou Bird, num tom superior. — Mas também tens de tomar conta do jovem Coffman. Ia custar-me muito ter de escrever à mãe a dizer que morreu, e tenho um horrível pressentimento de que é provável que ele se venha a revelar tolamente corajoso. É como um cachorrinho. Cauda no ar, nariz húmido e mal pode esperar por brincar às guerras com os Ianques.

— Eu tomo conta dele, Pica-pau.

— Mas também tens de cuidar de ti — acrescentou Bird, com toda a seriedade. Parou e fitou os olhos de Starbuck. — Anda por aí um boato, nada mais do que um boato, e sabe Deus que eu não gosto de espalhar boatos, mas este é um pouco desagradável. Ouviu-se por aí que o Swynyard disse que não vais sobreviver à próxima batalha.

Starbuck minimizou a premonição com um sorriso rasgado.

— O Swynyard é um bêbado, não é um profeta. — Mesmo assim, sentiu um arrepio de receio. Já era soldado há tempo suficiente para se ter tornado exageradamente supersticioso, e ninguém gostava de ouvir um sentimento acerca da sua própria morte.

— Imagina — opinou Bird, enquanto tirava dois charutos da fita do chapéu — que o Swynyard decidiu orquestrar as coisas.

Starbuck fitou, incrédulo, o coronel.

— Orquestrar a minha morte? — acabou por indagar.

Bird acendeu um fósforo e curvou-se sobre a chama.

— O coronel Swynyard — declarou com dramatismo quando o charuto ficou bem aceso — é um porco ébrio, um animal, um lunático, um escravo da natureza e um filho do demo, mas também é um velhaco astuto, Nate, e quando não anda metido nos copos, deve aperceber-se de que está a perder a confiança do nosso grandioso líder reverenciado. É por isso que tem de procurar fazer alguma coisa que vá agradar ao nosso estimado mestre. Ver-se livre de ti. — As derradeiras quatro palavras foram pronunciadas com brutalidade.

Starbuck ignorou-as com uma gargalhada.

— Acha que o Swynyard vai dar-me um tiro pelas costas?

Bird entregou o charuto aceso a Starbuck.

— Não sei como te vai matar. Só sei que ele gostaria de te matar, que o Faulconer gostaria que ele te matasse, e, para todos os efeitos, o nosso estimado general está preparado para oferecer ao Swynyard um avultado prémio monetário caso te consiga matar. Por isso, Nate, tem cuidado, ou então vai para outro regimento.

— Não! — respondeu Starbuck de imediato. A Legião Faulconer era o seu lar. O jovem era bostoniano, nortista, um estranho numa terra estranha que encontrara na Legião o refúgio do seu exílio. A Legião dera a Starbuck gentilezas casuais e uma série de amigos, e tais laços de afeto eram de longe mais fortes do que a inimizade distante de Washington Faulconer. Essa inimizade crescera quando Adam, o filho de Faulconer, desertara do exército sulista para combater pelos Ianques, algo pelo qual o brigadeiro-general Faulconer culpava o capitão Starbuck. No entanto, nem sequer a disparidade de patentes levava Starbuck a desistir da luta contra o homem que fundara a Legião e que agora comandava os cinco regimentos que com-

punham a Brigada Faulconer, onde se contava a Legião. — Não preciso de fugir — garantiu a Bird. — O Faulconer não vai durar muito mais do que o Swynyard. O Faulconer é um covarde e o Swynyard é um bêbado, e antes do final do verão, o Pica-pau vai ser comandante da Brigada e eu o comandante da Legião.

Bird ululou, divertido.

— És um convencido incorrigível, Nate. Tu! A comandar a Legião? Imagino que o major Hinton e a dúzia de oficiais de patente acima de ti devam ter uma opinião diferente.

— Podem ter uma patente superior, mas eu sou o melhor.

— Ah, continuas a sofrer da ilusão de que o mérito é recompensado neste mundo? Imagino que tenhas contraído essa opinião a par de todos os outros disparates que te impingiram em Yale, ao mesmo tempo que se esqueciam de te ensinar o gerúndio. — Tendo apresentado a piada sobre a alma-máter de Starbuck, Bird riu-se com gosto. Atirava a cabeça para a frente e para trás enquanto se ria, sendo esse o bizarro movimento que lhe conseguira a alcunha: Pica-pau. Starbuck juntou-se às gargalhadas, pois à semelhança de todos os elementos da Legião, ele gostava bastante de Bird. O mestre-escola era excêntrico, opinioso, antagónico e um dos homens mais bondosos à face da Terra. Também revelara um inesperado talento para o mister de soldado. — Finalmente estamos a avançar — indicou Bird, gesticulando na direção da coluna retida que começara lentamente a andar para o vau onde se erguia a bizarra figura solitária de Jackson, imóvel no seu cavalo miserável. — Deves-me dois dólares — comentou de repente Bird, ao levar Starbuck de volta à estrada.

— Dois dólares!

— O quinquagésimo aniversário do major Hinton está quase aí. O tenente Pine garantiu-me que será capaz de encontrar um presunto e eu irei providenciar vinho ao nosso adorado líder. Vamos pagar-lhe um festim.

— O Hinton é assim tão velho? — quis saber Starbuck.

— Com efeito, e, se lá chegares, garanto que te oferecemos um jantar ébrio como recompensa. Tens dois dólares?

— Nem sequer dois cêntimos — admitiu Starbuck. Tinha algum dinheiro em Richmond, mas isso representava a sua tábuca de salvação contra um potencial desastre e não seria esbanjado em presunto e vinho.

— Eu empresto-te o dinheiro — acedeu Bird com um suspiro um tanto ou quanto desesperado. A maior parte dos oficiais da Legião dispunha de rendimentos pessoais, mas à semelhança de Starbuck, o coronel Bird era obrigado a viver do mísero soldo que recebia enquanto oficial confederado.

Os homens da Companhia H levantaram-se quando Starbuck e Bird se aproximaram da estrada, embora um dos recrutas recém-chegados ti-

vesse permanecido deitado à beira da erva, queixando-se de ser incapaz de marchar mais um passo que fosse. A sua recompensa foi um pontapé nas costelas dado pelo sargento Truslow.

— Não me pode fazer isso! — protestou o homem, arrastando-se para o lado para fugir ao sargento.

Truslow agarrou na casaca do soldado e puxou-lhe o rosto para junto do seu.

— Ouve bem, seu filho de uma cabra sarnenta, se eu quiser, arranco-te as tripas e vendo-as aos Ianques para darem de comer aos porcos, e não é por eu ser um sargento e tu seres um soldado, mas sim porque sou um sacana tramado e tu és uma florzinha de estufa. Agora, toca a levantar e a marchar.

— São tão reconfortantes, as palavras do nosso bom sargento — proferiu Bird ao voltar a saltar a vala. Deu um bafo no charuto. — Quer dizer que não vou ser capaz de te convencer a pedir transferência para outro regimento, Nate?

— Não, meu coronel.

Pica-pau Bird abanou a cabeça, pesaroso.

— Acho que és um tolo, Nate, mas pelo amor de Deus, vê lá se és um tolo cuidadoso. Vá-se lá saber porquê, mas teria muita pena se te perdesse.

— Toca a formar! — bradou Truslow.

— Eu tenho cuidado — prometeu Starbuck enquanto regressava à sua Companhia. Os trinta e seis veteranos estavam magros, bronzeados e esfarrapados. As botas caíam aos bocados, as casacas cinzentas estavam remendadas com tecido castanho vulgar e as posses mundanas resumiam-se àquilo que um homem conseguia transportar pendurado no cinto de corda ou enfiado no cobertor enrolado que tinham sobre os ombros. Os vinte novos recrutados estabeleciam um contraste marcado, com as suas novas fardas, sapatos grosseiros de cabedal e mochilas rígidas. Tinham os rostos pálidos e os canos das armas limpas, por não terem sido disparadas. Sabiam que a marcha para norte pelos territórios centrais da Virgínia deveria levar a uma batalha iminente, mas o seu resultado era um mistério para eles, ao passo que os veteranos sabiam muito bem que um combate só podia implicar gritos, sangue, dor, sofrimento e sede, mas talvez igualmente um saque de dólares ianques, ou um saco de café verdadeiro, retirado do cadáver nortista a ser consumido por vermes. — Toca a marchar — vociferou Starbuck, chegando-se ao tenente Franklin Coffman, à frente da Companhia.

— Vai ver se não tenho razão, meu capitão — disse Coffman. — O Velho Louco Jack tem os pés maiores do que um cavalo.

Ao marchar a caminho da frente, Starbuck olhou para os pés do general. Eram realmente enormes, tal como as mãos de Jackson. No

entanto, o mais extraordinário era o facto de o general continuar de mão suspensa no ar, qual criança a pedir autorização para deixar a sala de aula. Starbuck estava prestes a pedir uma explicação a Coffman quando o general se mexeu. Desviou o olhar da água e concentrou-se na Companhia de Starbuck.

— Coffman! — chamou, num tom de voz abrupto e agudo. — Vem cá, rapaz.

Coffman saiu do vau, atrapalhado, e praticamente correu até junto do general.

— Meu general?

O oficial de barba desgrenhada baixou o olhar do alto da sela.

— Lembras-te de mim, Coffman?

— Sim, meu general, é claro que sim, meu general.

Jackson baixou lentamente a mão esquerda, como se receasse magoar o braço, caso se mexesse demasiado depressa.

— Tive pena que tivesses deixado o Instituto antes do tempo, Coffman. Foi depois do teu ano de caloiro, não é verdade?

— Sim, meu general. É verdade, meu general.

— Devido à morte do teu pai?

— Sim, meu general.

— E a tua mãe, Coffman? Ela está bem?

— É verdade, meu general. Sim, meu general, obrigado, meu general.

— O luto é uma situação terrível, Coffman — observou o general, após o que aliviou lentamente a postura hirta para se inclinar na direção do tenente magro e louro —, especialmente para quem não se encontra num estado de graça. Estás num estado de graça, Coffman?

Coffman enrubesceu, franziu o cenho e conseguiu assentir.

— Sim, meu general. Acho que sim, meu general.

Jackson voltou a assumir a sua posição direita e voltou a erguer a mão esquerda, tão lentamente como a tinha baixado. Desviou o olhar de Coffman e fitou a distância abrasada pelo calor.

— Terás muita dificuldade em chegar ao teu Criador se não tiveres a certeza da graça d'Ele — declarou o general numa voz rouca —, por isso estuda as tuas escrituras e faz as tuas orações, rapaz.

— Sim, meu general, assim farei, meu general — garantiu Coffman. Deixou-se ficar, desajeitado e inseguro, à espera que o general acrescentasse mais alguma coisa, mas Jackson pareceu voltar ao seu transe, pelo que o tenente deu meia-volta e regressou para junto de Starbuck. A Legião prosseguiu a sua marcha e o tenente manteve o silêncio enquanto a estrada subia entre pequenos pastos e matas dispersas, e passava ao lado de quintas modestas. Foram precisos pelo menos três quilómetros até que Coffman

quebrasse finalmente o silêncio. — É um grande homem — declarou o tenente —, não é, meu capitão? Não é um grande homem?

— O Pateta? — provocou Starbuck.

— É um grande homem — admoestou-o Coffman.

— Se o dizes — replicou Starbuck, embora acerca de Jackson só soubesse que o Jack Doido tinha reputação de marchar, e que quando o Jack Doido marchava, havia homens a morrer. E naquele momento estavam a marchar, a marchar para norte, e seguir para norte só podia querer dizer uma coisa: os Ianques estavam à sua frente. O que significava que em breve haveria uma batalha, e um campo de túmulos a seguir à batalha, e, desta vez, caso o Pica-pau tivesse razão, os inimigos de Starbuck não estariam apenas à sua frente, mas também atrás dele. Starbuck prosseguiu a marcha. Um tolo a caminho da batalha.

O comboio do meio-dia parou no Entroncamento de Manassas por entre o estrépito de carruagens, o silvo do vapor e o clamor do sino da locomotiva. As vozes dos sargentos sobrepuseram-se aos barulhos mecânicos, apressando as tropas a sair dos carros para a faixa de terra entre os carris e os armazéns. Os soldados desceram, satisfeitos por estarem livres dos vagões e entusiasmados por se encontrarem na Virgínia. O Entroncamento de Manassas poderia não estar na frente de combate, mas não deixava de fazer parte de um Estado rebelde, pelo que olharam em seu redor como se a paisagem fosse tão exótica e estranha como as colinas enevoadas do misterioso Japão, ou do longínquo Cataio.

As tropas recém-chegadas eram constituídas, na sua maioria, por rapazes de dezassete e dezoito anos de idade vindos de Nova Jérсия e do Wisconsin, do Maine e do Ilinóis, de Rhode Island e do Vermont. Eram voluntários, bem fardados e ansiosos por se juntarem ao mais recente assalto contra a Confederação. Gabavam-se de terem enforcado Jeff Davis numa macieira e apregoavam que marchariam por Richmond e enxotariam os rebeldes dos ninhos, quais ratazanas num celeiro. Eram jovens e indestrutíveis, cheios de confiança, mas ao mesmo tempo estavam assombrados com a selvajaria daquele destino estranho.

Isso porque o Entroncamento de Manassas não era, de todo, um lugar convidativo. Fora saqueado uma vez pelas tropas nortistas, destruído outra vez pelos confederados em fuga e depois reconstruído à pressa por empreiteiros nortistas, pelo que agora havia hectares de armazéns raquíticos fabricados com madeira em bruto entre as linhas de serviço e prados peçados de ervas daninhas, atulhados de peças de artilharia, armões, forjas portáteis, ambulâncias e carroças. A cada hora chegavam mais suprimentos e armas,

pois aquele era o depósito que forneceria a campanha de verão de 1862, a ação que traria o fim da rebelião e restauraria os Estados Unidos da América. A vastidão de edifícios era ocultada pela cada vez mais intensa mortalha de fumo gorduroso que era despejado pelos ferreiros, pelos barracões de reparação e pelas fornalhas das locomotivas que puxavam os seus vagões de carga e carros de passageiros.

Dois oficiais da cavalaria aguardavam na estação. Era óbvio que se tinham dado a muito trabalho para se tornarem apresentáveis, pois as casacas da farda estavam escovadas, as botas com esporas brilhavam e os cinturões de cabedal tinham sido polidos. O mais velho era um homem de meia-idade calvo, com um rosto agradável e grandes suíças. Dava pelo nome de major Joseph Galloway e nas mãos nervosas segurava um chapéu emplumado. O companheiro era um indivíduo muito mais jovem, bem-apessoado e louro, com barba direita, ombros largos e um rosto franco que inspirava confiança. A casaca ostentava as barras de um capitão.

Ambos eram virginianos, mas lutavam os dois pelo Norte. Joseph Galloway era dono de propriedades nos arredores de Manassas, quinta essa que servia agora de depósito de um regimento de cavalaria nortista recrutada exclusivamente entre os sulistas leais ao governo de Washington. A maior parte dos soldados na cavalaria de Galloway era voluntária dos Estados fronteiriços, dos disputados territórios de Maryland e dos condados ocidentais da Virgínia, mas boa parte era refugiada dos Estados confederados. Galloway não duvidava que alguns dos seus homens seriam fugitivos da justiça sulista, mas a maior parte era composta por idealistas que lutavam por preservar a União e fora ideia do major Galloway recrutar esses homens para levarem a cabo missões de reconhecimento por trás das linhas rebeldes. Os cavaleiros nortistas eram fortes e corajosos, mas percorriam os campos virginianos como forasteiros, sendo, por isso mesmo, mais tímidos quando comparados com os sulistas afoitos que sabiam que todas as aldeias e lugarejos da Virgínia continham simpatizantes dispostos a escondê-los e a alimentá-los. Fora Galloway quem tivera a inspiração de criar um regimento que pudesse cavalgar pelos Estados rebeldes como sulistas nativos, mas essa ideia fora recebida em Washington com um entusiasmo moderado. “Crie o regimento”, tinham dito os burocratas do governo ao major Galloway, “e talvez nos dignemos a empregá-lo, mas só se estiver devidamente equipado com armas, cavalos e fardas.”

Era por isso que o major Galloway e o capitão Adam Faulconer esperavam agora por um passageiro que deveria ter chegado no comboio do meio-dia, acabado de entrar em Manassas. Os dois oficiais de cavalaria vogaram contra a onda de soldados entusiasmados, a caminho do último vagão do comboio, reservado a passageiros de maior relevância do que os

simples elementos destinados a ser carne para canhão. Um carregador baixou os degraus da carruagem e duas senhoras, de saias rodadas que mal conseguiam espremer-se pela porta apertada do carro, foram ajudadas a descer. Atrás das damas surgiu um grupo de oficiais superiores, de bigodes aparados, fardas escovadas e rostos afogueados devido ao calor do dia e ao consumo de uísque da empresa ferroviária. Um dos oficiais, mais jovem do que os restantes, afastou-se e ordenou que lhes trouxessem cavalos.

— Vamos a despachar! Cavalos para o general! — gritou o ajudante-de-campo. Os para-sóis gémeos das senhoras exibiam as rendas brancas por entre a neblina de fumo de tabaco e o amontoado de chapéus militares escuros.

O último homem a descer do carro de passageiros foi um civil idoso, magro e alto, de cabelo e barba brancos, olhos ferozes e um rosto severo e chupado. Tinha faces encovadas, um nariz romano tão arrogante como o olhar, sobrecasaca preta, chapéu alto e, apesar do calor que se fazia sentir, um colete abotoado até ao pescoço, sobre o qual pendiam as duas faixas brancas do cabeção engomado. Trazia nas mãos um saco grande vermelho-escuro e uma bengala de ébano que usou para afastar o criado negro que depositava os malões das senhoras num carro de mão. O gesto fora perentório e automático, típico de um homem habituado à autoridade.

— É ele — indicou Adam, reconhecendo o ministro que ele ouvira pregar em Boston, pouco antes de a guerra começar.

O major Galloway abriu caminho por entre a multidão, na direção do homem de cabelo alvo.

— Desculpe, senhor? — chamou ele o pregador recém-chegado. — Doutor Starbuck?

O reverendo Elial Joseph Starbuck, doutor de Divindade, panfletista e o mais famoso de todos os pregadores abolicionistas do Norte, lançou um olhar carrancudo a quem o recebia.

— Deve ser o Galloway. E você é o Faulconer? Ótimo! O meu saco. — Deixou a bagagem na mão de Adam, que fora estendida para um aperto de cumprimento.

— Espero que o senhor tenha tido uma viagem agradável — disse o major Galloway enquanto levava o convidado a caminho da estrada.

— Foi-se tornando cada vez menos agradável à medida que viajava para sul, Galloway. Vejo-me obrigado a concluir que a engenharia atingiu o seu auge na Nova Inglaterra e que quanto mais nos afastamos de Boston, menos confortável o transporte. — O reverendo Starbuck declarou a avaliação numa voz treinada para chegar a todos os recantos das maiores igrejas e salões de conferências da América. — Deixe-me que lhe diga que as linhas férreas sulistas são absolutamente irregulares. Sem dúvida o resultado de-

gradado de uma escravocracia. Terei de andar até ao meu destino? — exigiu saber o reverendo Starbuck, detendo-se subitamente.

— Não, senhor. Tenho um landó. — Galloway fez menção de pedir a Adam que fosse buscar o carro, mas apercebeu-se de que o jovem estava demasiado atrapalhado com o pesado saco do pregador. — Eu vou buscá-lo diretamente. Não está longe.

O reverendo Starbuck incitou a partida de Galloway com um aceno e depois, com uma curiosidade feroz, mirou um grupo de civis que esperava que o correio fosse descarregado da composição acabada de chegar.

— Já leu o tratado de Spurzheim sobre frenologia? — perguntou a Adam.

— Não, senhor — respondeu Adam, surpreendido com a questão abrupta.

— Temos muito a aprender com a ciência — declarou o reverendo doutor Starbuck —, conquanto nos recordemos de que as suas conclusões estão sempre sujeitas à aprovação e às correções de Deus Todo-Poderoso, mas estou interessado em observar essas provas do tratado de Spurzheim. — Acenou com a bengala na direção dos civis à espera. — Regra geral, o nativo de Nova Inglaterra possui uma fronte com uma forma nobre. Exibe contornos cranianos que denotam inteligência, benevolência, sabedoria e constância, mas reparo que até nestas zonas superiores do Sul, a forma dos crânios dos homens exhibe depravação, combatividade, destrutividade e uma tendência clara para o cretinismo.

A consciência torturada de Adam, a par do patriotismo arraigado, poderiam tê-lo levado a combater a terra do pai, mas não deixava de ser filho da Virgínia, pelo que as críticas do pregador nortista deixaram-no irritado.

— George Washington não era sulista? — indagou, num tom gelado.

Claro que o reverendo Starbuck era demasiado versado nas artes retóricas para se deixar apanhar numa retratação.

— Meu jovem, George Washington, tal como o senhor, era produto da aristocracia. As minhas observações prendem-se unicamente com as pessoas comuns. Ali o general, está a vê-lo? — A bengala perentória falhou por pouco um sargento de artilharia ao apontar para um passageiro anafado que partilhara a carruagem com o reverendo Starbuck.

— Estou a vê-lo, sim — disse Adam, interrogando-se quanto às características que seriam reveladas pela forma do crânio do general.

No entanto, o reverendo Starbuck abandonara o tema da frenologia.

— Aquele é Pope — anunciou o pregador. — Teve a gentileza de me cumprimentar durante a viagem. É deveras um homem de excelente aparência.

Adam olhou com interesse para o novo comandante do Exército da Virgínia nortista. O general Pope era um homem corado de expressão confiante, com olhos inteligentes e uma barba espessa. Se a frenologia servisse de guia fidedigno para o caráter de um indivíduo, nesse caso a testa larga e a aparência sólida de Pope apontavam para que talvez fosse o salvador procurado pelo Norte desde o triste rebentar da guerra. John Pope distinguira-se na luta contra o Mississippi, tendo agora sido levado para leste, onde se esperava que fizesse a sua magia no campo virginiano intransigente, onde general atrás de general nortista tinha sido primeiro ludibriado e depois derrotado pelos andrajosos exércitos rebeldes.

— O Pope tem as ideias certas — prosseguiu o reverendo Starbuck com entusiasmo. — Não se deve ser gentil para com rebeldes. A desobediência pede castigo e o desafio obriga a retribuição. A escravocracia tem de ser eliminada, Faulconer, e os seus territórios devastados. O Pope garantiu-me que não será brando. É o homem certo para o trabalho do Senhor. — Com efeito, praticamente assim que fora nomeado comandante do Exército da Virgínia, o general Pope declarara o fim da antiga política que determinava que os civis sulistas seriam tratados com respeito. A partir daquele momento, os soldados nortistas tomariam da população do Sul aquilo de que precisassem, e qualquer sulista que resistisse a tais predações seria castigado. O reverendo Elial Starbuck aplaudia o fervor de Pope. — O sulista — era o sermão com que apresentava agora Adam — só compreende uma linguagem. A da força bruta. É a linguagem que usou para oprimir os Negros, e é a linguagem que terá agora de ser usada para oprimir a ele. Não concorda?

— Julgo, meu senhor — replicou Adam, com tato —, que o Norte terá de chegar à vitória rapidamente.

— Assim é, assim é — admitiu o reverendo Starbuck, sem ter a certeza de obter a concordância do jovem. Por certo merecia aprovação, pois o futuro tanto de Adam como da cavalaria de Galloway dependia da generosidade do reverendo Starbuck. Adam desertara do Sul na penúria, mas tivera a felicidade de conhecer o major James Starbuck, o filho mais velho do pregador, jovem esse que informara Adam acerca da cavalaria de Galloway e que sugerira que o seu pai famoso talvez pudesse garantir a Adam os fundos necessários para se juntar ao regimento.

O reverendo doutor Starbuck mostrara-se mais do que disposto a avançar com o dinheiro. Sendo demasiado velho para combater, embora excessivamente apaixonado para se abster de lutar, observara, impotente, o Norte a sofrer derrotas consecutivas na Virgínia. Essas derrotas tinham levado o reverendo Starbuck a avançar com o seu dinheiro, bem como com o da Igreja, para a criação e apetrechamento de regimentos do Massachusetts, acabando por ver tais tropas a marcharem para o desastre. Outros homens,

homens menores, talvez abandonassem os seus empreendimentos, mas os desastres serviam apenas para alimentar o fervor do reverendo, motivo pelo qual, ao deparar-se com a possibilidade de contribuir para a criação da cavalaria de Galloway, o reverendo Starbuck rapidamente concordara. Não só financiava Adam, como também doava quinze mil dólares de armas e munições ao regimento de Galloway. O dinheiro não pertencia ao reverendo Starbuck, tendo sido, isso sim, angariado entre os abolicionistas da Nova Inglaterra tementes a Deus.

— No passado — disse a Galloway e a Adam enquanto viajavam para ocidente no landó — servimo-nos dessas doações caridosas para empreender o nosso trabalho no Sul: distribuíamos opúsculos, criávamos catequeses para os pretos e, é claro, levávamos a cabo a investigação da escravocracia, mas agora que fomos privados dessas atividades, as nossas obras de caridade precisam de outros destinos.

— Imagino que haja muito a gastar com o bem-estar dos escravos fugidos — aventou Adam, esperando, ao mesmo tempo, que não se estivesse a privar e a Galloway dos seus financiamentos.

— Os refugiados têm cuidados generosos. Muito generosos! — O tom reprovador do reverendo Starbuck sugeria que os escravos que conseguiam fugir para o Norte viviam num luxo exagerado, em vez de se estarem a debater por uma sobrevivência insalubre em campos de refugiados improvisados. — Temos de lidar com a raiz da escravatura. Não podemos limitar-nos a arrancar uma mancha de folhas doentes dos ramos mais altos.

Ao perceber a fúria por trás das palavras do clérigo, Adam imaginou que o reverendo Elial Starbuck estivesse mais interessado em punir os esclavagistas do que em libertar os escravos.

O landó subiu a colina baixa desde New Market, passando por entre matas profundas a caminho da Estrada de Warrenton. Enquanto seguiam, o major Galoway foi indicando pontos de referência tornados famosos na batalha travada no verão passado, naquele mesmo terreno. Havia as ruínas da casa onde a viúva do doutor Henry morrera num bombardeio, e ali estava a casa Matthews, que fora usada como hospital. À medida que o landó percorria a estrada de Sudley, a norte da casa de portagem, Galloway apontou para o ponto de onde surgira o ataque ao flanco nortista, na outra margem do rio, mas enquanto falava, apercebeu-se de que as respostas do pregador de Boston não mostravam qualquer entusiasmo. O reverendo doutor Starbuck não queria uma visita guiada ao local onde o Norte sofrera a sua primeira derrota. Só queria ouvir promessas de vitória, pelo que a conversa esmoreceu e Galloway conduziu o landó para o caminho que dava acesso à quinta que herdara do seu pai.

O gentil major Galloway sentia-se nervoso na presença do famoso

abolicionista e ficou aliviado quando o reverendo Starbuck anunciou que não tencionava passar a noite na quinta confortável, pretendendo apanhar o comboio da noite para sul, até Culpeper Court House.

— O meu amigo Banks teve a cortesia de me convidar — explicou o pregador, referindo-se ao general Nathaniel Banks, que em tempos fora governador do Massachusetts e agora servia como general da União. O oficial acreditava que a visita do seu velho amigo ajudaria a encorajar o espírito abatido das tropas. O convite já começara a fazer maravilhas, pelo menos ao espírito do pregador. Em Boston sentira-se irritado por ter de receber as informações sobre a guerra a partir de jornais e de cartas, mas agora poderia saber ao certo o que se passava na Virgínia, motivo pelo qual tomara providências para se ausentar do púlpito durante todo o mês de agosto. Rezava com ardor para que um mês fosse suficiente para se tornar o primeiro ministro nortista a pregar o evangelho do cimo de um púlpito de Richmond.

Claro que antes de se juntar a Banks, o pregador acedera a encontrar-se com o major Galloway e seus homens. Dirigiu-se ao regimento de Galloway no prado atrás da casa com palavras de encorajamento para a luta divina, mas os modos bruscos deixaram claro que tinha pressa de dar por encerrado os assuntos daquele dia e prosseguir viagem. O major Galloway teve o discernimento de abdicar da exibição de duelos de sabres, levando, em vez disso, o seu convidado para a casa da quinta, um edifício imponente à sombra de grandes carvalhos e ladeado por vastos relvados.

— O meu pai saiu-se bem na prática de direito — adiantou Galloway, à laia de explicação para o luxo de tal casa.

— Também é dono de escravos? — quis saber o pregador num tom feroz, enquanto apontava com a bengala de ébano para as pequenas barracas a norte da casa.

— Libertei as pessoas todas — apressou-se Galloway a garantir. — Se as tivesse vendido — prosseguiu —, não precisaria de suplicar verbas para o regimento. Hipotequei a propriedade para angariar fundos e usei o dinheiro todo para comprar os cavalos e as armas que o senhor acabou de ver, mas, muito sinceramente, os meus recursos esgotaram-se. Fiquei na penúria pela causa da liberdade.

— Uma causa pela qual todos teremos de estar preparados para sofrer, Galloway — exclamou o reverendo Starbuck ao seguir o major pelos degraus da varanda até à entrada. A casa ecoava como um espaço vazio. Praticamente assim estava, já que à exceção de algum mobiliário essencial, Galloway expedira todos os seus livros, quadros, cortinados e ornamentos para um armazém a norte, para que os vizinhos rebeldes não se vingassem nos objetos valiosos pela tomada de partido de Galloway. E

se não fossem os vizinhos a roubar-lhe as coisas, seria o irmão, segundo explicou o major.

— Infelizmente, o meu irmão luta pelo Sul — contou o major Galloway ao pregador — e um dos seus sonhos seria ficar-me com a casa e seu conteúdo. — Fez uma breve pausa. — Não deve haver nada mais triste, meu senhor, do que ter membros de uma família a combater em lados opostos, não acha? — O reverendo Starbuck ofereceu um ronco pouco amistoso à laia de resposta, e o ruído mal-humorado deveria ter alertado o major para que não desenvolvesse o assunto, mas Galloway era um homem desprovido de maldade. — É verdade que o senhor tem um filho que luta pelos rebeldes? — perguntou Galloway.

— Não conheço tal pessoa — retorquiu o pregador, ficando visivelmente tenso.

— Mas decerto o Nate... — começou Adam a dizer, mas foi brusca-mente interrompido.

— Não tenho qualquer filho chamado Nathaniel — atirou o pregador. — Não reconheço qualquer pessoa chamada Nathaniel Starbuck. Ele está condenado, foi expulso, não só da minha família, mas também da congregação de Cristo! É um réprobo! — A última condenação foi vociferada num tom que teria percorrido um quilómetro contra um vento poderoso.

Galloway apercebeu-se de que não mostrara tato na abordagem do assunto e apressou-se a desviar a conversa, falando inofensivamente sobre a casa e seus encantos até chegar às portas da biblioteca, onde aguardava um capitão alto e entroncado. O capitão tinha um sorriso pronto e modos afáveis.

— Permita-me que lhe apresente o meu segundo comandante — disse Galloway ao pregador. — O capitão William Blythe.

— É um prazer conhecê-lo, reverendo. — Blythe ofereceu a mão.

— O capitão Blythe foi comerciante de cavalos antes da guerra — informou Galloway.

— Não o devias ter contado ao ministro, Joe! — disse Blythe, com um sorriso. — Todos sabem que nós, comerciantes de cavalos, somos os maiores vigaristas nesta terra, mas louvado seja Deus, reverendo — voltara a encarar o pregador —, pois tento ser tão honesto quanto possível a um cristão.

— Folgo sabê-lo — respondeu o reverendo Starbuck num tom severo.

— Cada dólar é um dólar honesto, reverendo, sempre foi essa a minha política — garantiu Blythe alegremente —, e se alguma vez enganei um homem, acredite que não foi de propósito. E ainda lhe digo mais, reverendo. — Blythe baixou a voz para um tom conspirativo. — Sempre que um homem do clero precisou de um cavalo, fique sabendo que esqueci os lucros e às vezes bem mais do que isso. Confesso que nunca frequentei as-

siduamente a igreja, reverendo, para mal dos meus pecados, mas o meu pai sempre disse que uma oração nunca fez mal a ninguém, e a minha querida mãe, Deus a tenha e guarde, gastou bem os joelhos no chão da igreja. E de certeza que ela bem gostaria de o ter ouvido a falar, reverendo, pois todos dizem que o senhor é dono de um sermão poderoso!

O reverendo Starbuck parecia satisfeito com os modos diretos e afáveis de Blythe, a tal ponto que não mostrou sinais de desagrado quando o alto capitão lhe passou o braço sobre os ombros e o encaminhou para a biblioteca de estantes vazias.

— O capitão diz que não frequenta a igreja assiduamente, mas imagino que tenha sido salvo — aventou o pregador.

Blythe soltou o reverendo Starbuck, para lhe poder dirigir uma expressão espantada.

— Fiquei imaculado com o sangue do cordeiro, reverendo — declarou Blythe num tom que sugeria um choque profundo por alguém o poder tomar por pagão. — Acredite que fui bem lavado com esse sangue precioso, meu caro senhor. A minha querida mãe certificou-se de que assim era antes de morrer, louvado seja o Senhor, e que Deus a tenha e guarde.

— E a sua mãe, capitão, aprovaria o seu partido nesta guerra? — quis saber o reverendo Starbuck.

O capitão William Blythe franziu o cenho para exhibir a sua sinceridade.

— A minha querida mãe, Deus abençoe a sua alma, reverendo, sempre disse que aos olhos do Senhor, a alma de um preto era igual à de qualquer branco. Desde que o preto fosse cristão, claro está. Chegados ao Céu, dizia ela, seremos todos brancos como a neve, até o mais preto dos pretos, louvada seja a bondade do Senhor. — Blythe ergueu o rosto para o teto e depois, sobre a cabeça do pregador, ofereceu ao major Galloway uma piscadela de olho escandalosa.

Galloway atalhou a diatribe do seu segundo comandante instalando o convidado à grande mesa da biblioteca, atulhada de livros de contabilidade. Galloway, Adam e Blythe sentaram-se à frente do pregador e o major descreveu os seus objetivos para o regimento de cavalaria; como iriam percorrer os caminhos do Sul com uma confiança e um conhecimento local que nenhum cavaleiro nortista poderia igualar. O major falou com toda a modéstia, destacando a necessidade por parte do exército de um bom sistema de reconhecimento e a sua ambição de um regimento de cavalaria disciplinado, mas era óbvio que as suas palavras desiludiam o pregador bostoniano. O reverendo Starbuck queria resultados céleres e vitórias dramáticas, e foi o bombástico William Blythe que começou por se aperceber desse desejo. Blythe interveio com uma risada.

— Peço-lhe que perdoe o major, reverendo — adiantou —, por não

nos elogiar demasiado, mas a verdade é que vamos espremer o Jeff Davis e depois vamos esfolá-lo, e que me esfolem a mim se não sou eu que lhe vou arrancar a pele! Reverendo, garanto-lhe que vamos deixar os rebeldes a gritar e o senhor até em Boston vai ouvir esses gritos. Não é verdade, major?

Galloway limitou-se a parecer surpreendido, enquanto Adam fitava o tampo marcado da mesa, mas o reverendo Starbuck ficou deliciado com as implicações da promessa de Blythe.

— Tem planos específicos? — indagou, ansioso.

Blythe pareceu momentaneamente chocado.

— Não poderíamos adiantar pormenores, reverendo, seria uma atitude muito pouco marcial da nossa parte, mas garanto-lhe que nas próximas semanas não vai ler nada nos jornais de Boston sobre o Jeb Stuart, ah pois não, vai ser sobre o major Joseph Galloway e o seu galante regimento de tropas! Não é verdade, Joe?

Sobressaltado, Galloway aquiesceu.

— Faremos os possíveis.

— Mas não há nada que possamos fazer, reverendo — Blythe chegou-se à frente com uma expressão séria —, se não tivermos armas, sabres e cavalos. Tal como sempre disse a minha santa mãe, as promessas não enchem barrigas. Se quisermos encher a barriga de um rapaz do Sul, reverendo, temos de dar um pouco de trabalho e alguns trocos, e acredite, reverendo, que me dói, dói-me cá no fundo, ver estes patriotas sulistas sem poderem fazer nada por falta de uns dólares.

— E o que farão com o dinheiro? — quis saber o reverendo Starbuck.

— O que não faremos? — contrapôs Blythe. — Com Deus do nosso lado, reverendo, podemos virar o Sul do avesso. Pois, se calhar não lhe devia contar isto, mas acho que o senhor é um homem discreto, portanto vou arriscar-me, mas nos meus aposentos tenho um mapa de Richmond, e para que é que um homem como eu precisaria de um mapa de Richmond? Bem, não lho vou contar, reverendo, porque isso não seria uma atitude muito marcial da minha parte, mas acho que alguém com a sua inteligência sabe qual é a parte da cobra que morde.

Adam ergueu o olhar, espantado com a implicação de que o regimento pretendia atacar a capital rebelde, e Galloway pareceu à beira de contradizer o capitão, mas o reverendo Starbuck ficara cativado com o golpe prometido por Blythe.

— Vão até Richmond? — perguntou ao capitão.

— Até à cidade, reverendo. Centro do mal e covil da serpente. Quem me dera ser capaz de lhe dizer o quanto abomino esse sítio, reverendo, mas com a ajuda de Deus vamos arrasá-la e purificá-la!

O comerciante de cavalos falava agora na língua que o reverendo

Starbuck queria ouvir. O pregador de Boston desejava promessas de humilhação dos rebeldes e de vitórias espantosas da União, de feitos que rivalizassem com os empreendimentos insolentes do rebelde Jeb Stuart. Não queria saber de reconhecimentos rigorosos, mas sim de garantias audazes de vitórias nortistas, e não havia cautela por parte do major Galloway que convencesse o pregador de que as promessas de Blythe eram exageradas. O reverendo Starbuck ouviu o que desejava ouvir e para o tornar realidade tirou um cheque do bolso interior da sobrecasaca. Pediu pena e um tinteiro ao major e depois assinou o cheque com toda a solenidade.

— Louvado seja o Senhor — exclamou William Blythe quando o cheque foi assinado.

— Louvado seja, com efeito — ecoou piamente o ministro, empurrando o cheque sobre a mesa na direção de Galloway. — Esse dinheiro, major, vem de um consórcio de igrejas abolicionistas da Nova Inglaterra. Representa os dólares suados de pessoas simples e trabalhadoras, oferecidos com todo o gosto para uma causa sagrada. Use-o assiadamente.

— Daremos o nosso melhor, senhor reverendo — afirmou Galloway, após o que ficou momentaneamente em silêncio ao ver que o cheque não correspondia aos quinze mil dólares que esperara, mas sim a vinte mil. A oratória de Blythe conseguira um pequeno milagre. — E muito obrigado, senhor reverendo — conseguiu Galloway dizer.

— Em troca, só peço uma coisa — indicou o pregador.

— Tudo, reverendo! — garantiu Blythe, abrindo as mãos enormes, como se quisesse abraçar o mundo inteiro. — Tudo o que quiser!

O pregador olhou para a parede sobre as largas portas de acesso ao jardim, onde um bastão polido, com uma ponta de lança e um pendão de cavalaria desbotado, servia de única decoração naquele espaço.

— A bandeira — disse o pregador — é importante para um soldado, não é verdade?

— É sim, senhor reverendo — respondeu Galloway. O pequeno pendão sobre a porta fora o estandarte que levava para a guerra mexicana.

— Até podemos dizer que é sagrada — acrescentou Blythe.

— Nesse caso, seria uma honra se me fornecesse um estandarte rebelde — pediu o reverendo —, algo que possa exibir em Boston como prova de que os nossos donativos estão a servir para o trabalho do Senhor.

— Terá a sua bandeira, senhor reverendo! — garantiu Blythe prontamente. — Vou assegurar-me disso. Quando regressa a Boston?

— No final do mês, capitão.

— Não irá de mãos a abanar, reverendo, ou não me chamo Billy Blythe. Juro-lhe, pela campa da minha querida mãe, que terá a sua bandeira rebelde.

Galloway abanou a cabeça, mas o pregador não viu o gesto. Só conseguia imaginar um odiado estandarte de batalha pendurado sobre o coro da sua igreja, como objeto de escárnio. O reverendo Starbuck chegou a cadeira atrás e consultou o relógio de bolso.

— Tenho de regressar à estação — declarou.

— O Adam leva-o, senhor reverendo — indicou o major Galloway. O major esperou até que o pregador saísse e depois abanou a cabeça, pesaroso. — Fizeste muitas promessas, Billy.

— Havia muito dinheiro em jogo — lembrou Blythe, despreocupado — e, que raios, nunca tive problemas em fazer promessas.

Galloway dirigiu-se à porta aberta para o jardim, onde fitou a relva queimada pelo sol.

— Não me importo que um homem faça promessas, Billy, mas preocupo-me com o facto de serem mantidas.

— Eu mantenho sempre as minhas promessas, podes crer. Mantenho-as sempre presentes enquanto faço o possível por as quebrar. — Blythe riu-se. — E agora, será que vais dar-me um sermão por te ter conseguido o dinheiro? Que raios, Joe, já chega a piedade que o jovem Faulconer me dá.

— O Adam é um bom homem.

— Nunca disse que não era. Só disse que é um filho de uma cabra pia e que só Deus sabe porque o nomeaste capitão.

— Porque ele é um bom homem — repetiu Galloway, com firmeza — e porque a família dele é famosa na Virgínia, e porque gosto dele. E também gosto de ti, Billy, mas não se passares o tempo a discutir com o Adam. E se fosses fazer alguma coisa de útil? Tens uma bandeira a capturar.

Blythe desprezou tal demanda.

— Tenho? Que raios! Há por aí muito tecido vermelho, branco e azul, por isso basta pôr os teus pretos domésticos a fazer uma bandeira rebelde num instante.

Galloway suspirou.

— São meus criados, Billy, criados.

— Não deixam de ser pretos, pois não? E a rapariga sabe usar a agulha, não sabe? Além disso, o reverendo nem vai dar pela diferença. Ela pode fazer-nos uma bandeira, e depois rasgá-la e sujá-la um bocado, e o velho tonto vai pensar que a arrancámos das mãos do Jeff Davis. — Blythe sorriu com a ideia e depois pegou no cheque. Assobiou, satisfeito. — Parece que nos arranjei um belo lucro, Joe.

— Parece que assim foi. Por isso agora vais gastá-lo, Billy. — Galloway precisava de equipar as tropas de Adam com cavalos, e a maior parte dos soldados também necessitava de sabres e de armas de fogo, mas agora, graças à generosidade dos abolicionistas do reverendo Starbuck, a Cavalaria de

Galloway ficaria tão bem apetrechada como qualquer regimento de cavalaria do exército nortista. — Gasta metade em cavalos e a outra metade em armas e selaria — sugeriu Galloway.

— Os cavalos são caros, Joe — alertou Blythe. — A guerra fê-los escassear.

— És comerciante de cavalos, Billy, por isso vai fazer magia com os negócios. A menos que queiras que eu mande o Adam. Ele gostava de comprar os seus próprios cavalos.

— Nunca deixes que um rapaz faça o trabalho de um homem, Joe — disse Blythe. Levou o cheque do pregador aos lábios e deu-lhe um beijo exagerado. — Louvado seja Deus — exclamou Billy Blythe —, louvado seja o Seu santo nome, amém.

A Legião Faulconer acampou poucos quilómetros a norte do rio onde tinham avistado pela primeira vez a figura sinistra do seu novo comandante. Ninguém na Legião sabia onde estava, para onde ia, ou porque estava a marchar por ali, mas um major de artilharia de passagem, veterano das campanhas de Jackson, disse-lhe que era essa a forma normal de agir do Velho Jack.

— Vão saber quando chegarem, assim que o inimigo também o souber e nunca antes — explicou o major, após o que pediu um balde de água para o cavalo.

O quartel-general da Brigada ergueu tendas, mas nenhum dos regimentos se deu ao trabalho de imitar tais luxos. A Legião Faulconer começou a guerra com três carroças de tendas, mas agora só lhes restavam duas, ambas reservadas ao doutor Danson. Os homens tinham aperfeiçoado a construção de abrigos com ramos e lama, embora naquela noite quente ninguém precisasse de proteção contra as condições atmosféricas. Alguns grupos de trabalho foram buscar lenha para as fogueiras, enquanto outros levaram água de um regato a mil e quinhentos metros. Alguns dos homens sentaram-se com os pés descalços dentro do ribeiro, numa tentativa de lavar as bolhas e o sangue resultantes da marcha do dia. Os quatro homens no destacamento de castigo da Legião deram de beber aos cavalos que puxavam os carros de munições e depois deram a volta ao acampamento com troncos acabados de cortar aos ombros. Os homens cambaleavam sob o peso enquanto percorriam as dez voltas às linhas de Legião que constituíam o seu castigo noturno.

— O que fizeram eles? — perguntou a Starbuck o tenente Coffman.

Starbuck dirigiu o olhar à procissão miserável.

— O Lem Pierce embriagou-se. O Matthews trocou munições por um quartilho de uísque e o Evans ameaçou bater no capitão Medlicott.

— Uma pena que não o tivesse feito — exclamou o sargento Truslow. Daniel Medlicott fora moleiro em Faulconer Court House, onde granjeara a reputação de ser um homem severo com dinheiro, embora durante as eleições de primavera para oficiais de campo, ele tivesse distribuído promessas e uísque suficiente para ser promovido de sargento a capitão.

— E não sei o que o Trent fez — concluiu Starbuck.

— O Abram Trent é só um filho de uma cabra sarnenta — explicou Truslow a Coffman. — Roubou comida ao sargento-mor Tolliver, mas não é por isso que está a ser castigado. O castigo, meu rapaz, é por ter sido apanhado.

— Está a ouvir o evangelho segundo o sargento Thomas Truslow — disse Starbuck ao tenente. — Roubarás tudo o que puderes, mas não serás apanhado. — Starbuck sorriu e depois silvou de dor quando espetou uma agulha no polegar. Debatia-se para coser a sola da bota direita à gáspea, tarefa para a qual pedira emprestada uma das três preciosas agulhas de que a Companhia dispunha.

Sentado à frente dos dois oficiais, do outro lado da fogueira, o sargento Truslow escarneceu do esforço do capitão.

— És uma porcaria como remendão.

— Nunca disse que não era.

— Com essa força, vais partir a malfadada agulha.

— Quer fazê-lo? — perguntou Starbuck, oferecendo o trabalho meio feito ao sargento.

— Nem penses. Não me pagam para te remendar as botas.

— Então cale-se — concluiu Starbuck, tentando fazer passar a agulha por um dos anteriores orifícios da sola.

— Isso assim vai partir-se logo pela alvorada — adiantou Truslow, após um momento de silêncio.

— Não parte se o fizer como deve ser.

— Não vais conseguir — insistiu Truslow. Partiu um pedaço de tabaco que enfiou na boca, junto à bochecha. — Tens de proteger o fio, percebes? Para não roçar na estrada.

— É o que eu estou a fazer.

— Não, não estás. Estás só a juntar a bota. Há cegos sem dedos que faziam um trabalho melhor do que esse.

O tenente Coffman escutou nervosamente a conversa. Soubera que o capitão e o sargento eram amigos — com efeito, eram amigos desde que o ianque Starbuck fora enviado para convencer o anti-ianque Truslow a deixar a sua fazenda no alto das montanhas e a juntar-se à Legião Faulconer — mas para Coffman era uma amizade estranha, expressa com tal desprezo mútuo. Agora, o intimidante sargento dirigia-se ao nervoso tenente.

— Um oficial como deve ser — segredou Truslow a Coffman — tinha um escurinho para tratar da agulha.

— Um oficial a sério — replicou Starbuck — enfiava-lhe esses dentes podres pela goela abaixo.

— Quando quiseres, capitão — disse Truslow, rindo-se.

Starbuck atou o fio e admirou o seu trabalho com um olhar crítico.

— Não está perfeito — admitiu —, mas serve.

— Vai servir — concordou Truslow —, desde que não andes com isso. Starbuck riu-se.

— Que se dane, daqui a um dia ou dois vamos travar uma batalha e nessa altura arranjo um par de botas ianques novinhas. — Calçou a medo a bota reparada e ficou agradavelmente surpreendido quando a sola não se soltou de imediato. — Como nova — disse, e depois estremeceu, não por causa da bota, mas devido a um grito que se fez ouvir repentinamente pelo acampamento. O grito foi interrompido de forma abrupta; seguiu-se uma pausa e depois um lamento miserável ecoou brevemente.

Coffman parecia estarrecido, pois o som era como o de uma criatura a ser torturada, o que era o caso.

— O coronel Swynyard — explicou o sargento Truslow ao novo tenente — está a espancar um dos pretos dele.

— O coronel bebe — acrescentou Starbuck.

— O coronel é um bêbado — emendou Truslow.

— E ninguém sabe se o que o vai matar primeiro será o álcool ou um dos escravos — continuou Starbuck —, ou um de nós, já agora. — Cuspiu para o lume. — Não me importava de ser eu a matar aquele canalha.

— Bem-vindo à Brigada Faulconer — ofereceu Truslow a Coffman.

O tenente não sabia como responder a tal cinismo, pelo que se limitou a parecer incomodado e nervoso, e depois arrepiou-se quando algo lhe passou pela mente.

— Vamos mesmo combater daqui a um dia ou dois? — perguntou.

— Provavelmente amanhã. — Truslow acenou com a cabeça na direção do céu a norte, onde se via o reflexo avermelhado das fogueiras de um exército. — É aquilo que te pagam para fazer, filho — acrescentou Truslow ao reparar no nervosismo de Coffman.

— Não sou pago — disse Coffman, enrubescendo de imediato com a confissão.

Truslow e Starbuck ficaram em silêncio durante alguns segundos e depois Starbuck franziu o sobrolho.

— O que quer dizer com isso? — indagou.

— Bem, eu sou pago — explicou Coffman —, mas não recebo o dinheiro, percebe?

— Não, não percebo.
O tenente estava visivelmente embaraçado.
— É a minha mãe.
— Está a querer dizer que é ela que recebe o dinheiro? — perguntou Starbuck.
— Ela deve dinheiro ao general Faulconer — adiantou Coffman —, porque arrendámos uma das casas dele na estrada de Rosskill, e a minha mãe atrasou-se com a renda, por isso o Faulconer fica com o meu soldo.
Seguiu-se mais uma longa pausa.
— Cristo crucificado. — A blasfémia de Truslow quebrou o silêncio. — Queres dizer que aquele sacana rico fica com os teus três miseráveis dólares semanais para ele?
— É justo, não é? — quis saber Coffman.
— Não, não é nada justo — retorquiu Starbuck. — Se quiser enviar o dinheiro à sua mãe, isso é justo, mas não é justo combater a troco de nada! Merda! — Praguejou furiosamente.
— Não preciso de dinheiro — defendeu Coffman o acordo.
— É claro que precisas — garantiu Truslow. — Se não, como é que vais pagar as putas e o uísque?
— Já falou sobre isso ao Pica-pau? — quis Starbuck saber.
Coffman abanou a cabeça.
— Não.
— Que raios, então vou eu falar — declarou Starbuck. — Não vou deixar que leve um tiro à borla. — Levantou-se. — Volto daqui a meia hora. Ah, merda! — A derradeira imprecação não se dirigia à ganância de Washington Faulconer, tendo sido proferida porque a sola direita se soltara com o primeiro passo. — Mas que grande merda! — exclamou, furioso, e depois foi à procura do coronel Bird.
Truslow riu-se dos dotes miseráveis de Starbuck como remendão e depois cuspiu suco de tabaco para a borda do lume.
— Ele consegue-te o dinheiro, filho — garantiu a Coffman.
— A sério?
— O Faulconer tem medo do Starbuck.
— Medo? O general tem medo do capitão? — Coffman tinha dificuldade em acreditar em tal coisa.
— O Starbuck é um soldado a sério. É um lutador, enquanto o Faulconer não passa de uma farda bonita montada num cavalo caro. A longo prazo, filho, o lutador acaba sempre por vencer. — Truslow puxou uma lasca de tabaco de entre os dentes. — A menos que seja morto, claro.
— Morto?
— Amanhã vais ser apresentado aos ianques, filho — indicou Truslow

—, e alguns de nós vão ser mortos, mas vou fazer o possível por impedir que sejas chacinado. E vou começar agora. — Chegou-se ao jovem e arrancou as barras da gola do tenente, atirando em seguida os restos de tecido para o lume. — Os atiradores usam telescópios nas espingardas, filho, à procura de oficiais para abater, e os ianques não querem saber se já és crescido. Se veem um par dessas barras, disparam e tu ficas dois palmos debaixo da terra com uma pazada de terra em cima dos olhos. — Truslow cuspiu mais suco de tabaco. — Ou pior — acrescentou, num tom sombrio.

— Pior? — indagou Coffman, nervoso.

— Podes ser ferido, miúdo, e ficar a guinchar que nem um porco atado com um médico meio bêbado a remexer-te dentro do corpo. Ou a chorar como um bebé quando estiveres deitado no campo, com as tripas a serem comidas por roedores, e sem que ninguém saiba onde estás. Não é bonito, e a única maneira de impedir que fique ainda mais feio é magoar os sacanas antes que eles te magoem a ti. — Olhou para Coffman, reconhecendo que o rapaz tentava ocultar o medo. — Vai correr tudo bem — garantiu Truslow. — O pior é a espera. Agora vai dormir, rapaz. Amanhã tens um trabalho de homem à tua espera.

Lá no alto, uma estrela cadente riscou com fogo branco o céu a escurer. Algures, um homem cantava sobre um amor deixado para trás, enquanto outro tocava uma melodia triste ao violino. O escravo chicoteado do coronel Swynyard tentava não gemer, Truslow ressonava e Coffman tremia ao pensar no dia seguinte.

A patrulha da cavalaria ianque chegou ao quartel-general do general Banks ao fim da noite. A patrulha fora alvejada no rio Rapidan e a perda de um dos cavalos, a par da necessidade de cuidar de dois feridos, abrandara o regresso a Culpeper Court House. Um cabo do New Hampshire fora atingido por uma bala no baixo-ventre e por certo morreria, enquanto o comandante da patrulha, um capitão, fora acertado de raspão nas costelas. O ferimento do oficial não era, de todo, grave, mas o capitão coçara e esfregara a zona do impacto até ficar com a camisa satisfatoriamente manchada com uma boa quantidade de sangue.

O major-general Nathaniel Banks, comandante do Segundo Corpo do general Pope, fumava um derradeiro charuto na varanda da casa requisitada para o seu estado-maior quando foi informado do regresso da patrulha com notícias ominosas sobre as forças inimigas que atravessavam o Rapidan.

— Ele que aqui venha! Que nos conte o que aconteceu! Depressa! — Banks era um indivíduo miudinho que, apesar de todas as provas em contrário, estava convencido do seu próprio génio militar. Bem aparentava esse papel de sucesso, pois poucos seriam os homens que envergavam a farda dos Estados Unidos com maior segurança. Era um homem elegante, brusco e confiante, mesmo nunca tendo sido soldado até ao início da guerra, apenas um político. Chegara a porta-voz da Câmara dos Representantes, mesmo tendo precisado de 133 votos para alcançar tal honra, e depois governador do Massachusetts, um Estado tão rico em homens dispostos a

pagarem impostos que o governo federal julgara necessário oferecer ao seu governador a oportunidade de conquistar a glória marcial imortal como prova da sua gratidão. O governador Banks, tão apaixonado no seu amor pelo país como no seu ódio pelo comércio de escravos, não desperdiçara a oportunidade.

Direito como um fuso, esperava agora que o capitão da cavalaria, que usava a casaca à laia de capa para que a camisa ensanguentada ficasse bem visível, subisse os degraus da varanda e fizesse continência, gesto esse atalhado com um esgar, como se a dor no peito o tivesse atingido de repente.

— O seu nome? — indagou Banks perentoriamente.

— Thompson, general. John Hannibal Thomspom. De Ithaca, Nova Iorque. Imagino que tenha conhecido o meu tio, Michael Fane Thompson, quando era governador. Representou Nova Iorque em...

— Encontrou o inimigo, Thompson? — atalhou Banks, num tom gelado.

Ofendido por ter sido interrompido de forma tão pouco gentil, Thompson encolheu os ombros.

— É verdade que nos deparámos com alguém hostil, general.

— Quem?

— Bem pode perguntar. Fomos alvejados. — Thompson levou os dedos ao sangue coalhado na camisa, sangue esse que à luz do candeeiro parecia mais castanho do que vermelho.

— Responderam ao fogo? — quis saber Banks.

— Que raios, general, ninguém dispara contra mim sem ter retaliação e acho que eu e os meus rapazes abatemos uns quantos sacanas.

— Onde foi isso? — perguntou o ajudante-de-campo que acompanhava o general Banks.

O capitão Thompson dirigiu-se a uma mesa de verga onde o ajudante-de-campo abrira um mapa do norte da Virgínia, iluminado por dois candeeiros com velas tremeluzentes. As traças voaram freneticamente à volta da cabeça dos três homens quando estes se debruçaram sobre o mapa. Thompson serviu-se de uma das lanternas para acender um charuto e depois bateu com o dedo no mapa.

— Foi num vau nesta zona, general. — Indicara no mapa um território bastante a ocidente da estrada principal que seguia para sul, entre Culpeper Court House e Gordonsville.

— Atravessou para a margem sul do rio? — perguntou Banks.

— Não o podia fazer, general, já que havia um bando de rebeldes a ocupar o vau.

— Não há qualquer vau aqui marcado — interveio o ajudante-de-cam-

po. O suor escorreu-lhe do rosto e manchou as montanhas Blue Ridge, muito a ocidente dos rios. A noite não ajudara a aliviar o calor abrasador.

— Fomos guiados por um preto local — explicou Thompson. — Ele disse que o vau não era conhecido, que não passava de uma estrada secundária de verão que dava acesso a um moinho, e houve quem imaginasse que ele estaria a mentir, mas afinal sempre havia vau. Pelos vistos, o preto estava a dizer a verdade.

— O termo é negro, Thompson — recordou Banks, num tom gelado, e depois voltou a olhar para o mapa. Outras patrulhas tinham falado sobre infantaria rebelde a marchar para norte ao longo da estrada de Gordonsville, e aquele novo relato sugeria que os Confederados avançavam numa frente vasta e com uma força considerável. O que estariam a fazer? Seria um reconhecimento em força ou um ataque em grande escala, com o objetivo de destruir as suas tropas?

— Então e quantos homens dispararam contra si? — prosseguiu Banks o interrogatório ao irreverente Thompson.

— Não estive propriamente a contar as balas, general, já que estava ocupado a responder ao fogo. Mas imagino que fosse pelo menos um regimento a norte do rio, com mais desses demónios a caminho.

Banks fitou o oficial de cavalaria, interrogando-se o motivo por que a responsabilidade parecia ficar sempre nas mãos de tolos como aquele.

— Tentou fazer prisioneiros?

— Acho que estava atarefado a tentar não ficar sete palmos debaixo da terra, general. — Thompson riu-se. — Que raios, éramos só uma dúzia e eles seriam mais de mil. Talvez dois mil.

— Apurou a identidade do regimento que disparou contra vocês? — indagou Banks, com um pedantismo gelado.

— Apurei que era um regimento rebelde, general — foi a resposta de Thompson. — Traziam aquela bandeira nova, a que tem a cruz.

Banks arrepiou-se com a idiotice obtusa daquele homem e interrogou-se porque seriam os cavaleiros nortistas tão miseráveis a obter informações. Provavelmente por estarem desprovidos de inteligência, pensou. Quem seriam aqueles rebeldes a marchar para norte? Corria o boato de que Parede Jackson chegara a Gordonsville e Banks estremeceu ao pensar nesse homem barbado e andrajoso, cujas tropas marchavam com a rapidez de um fogo de mato e lutavam como demónios.

Banks dispensou o oficial de cavalaria.

— Inútil — disse, enquanto o homem se afastava pela rua principal de Culpeper Court House, onde as sentinelas estavam de guarda às tabernas. Nas pequenas casas de madeira da povoação ardiam luzes amarelas por trás das cortinas de musselina que serviam para afastar os insetos. A

carroça de um cangalheiro, de varais apontados para o céu, estava à porta da igreja onde, se Banks bem se lembrava, o famoso pregador bostoniano Elial Starbuck deveria falar na manhã de domingo. A população da vila não aguardava o sermão do abolicionista com qualquer prazer, mas Banks, velho amigo do pregador, ansiava pelo discurso de Starbuck e ordenara a presença de tantos oficiais quanto possível. Nathaniel Banks tinha a nobre visão de Deus e país marchando de mãos dadas a caminho da vitória.

Agora, de expressão carregada, Banks voltava a olhar para o mapa, sobre o qual o suor pingava monotonamente. E se a movimentação do inimigo fosse um truque? E se houvesse apenas uma mancha de rebeldes a tentar assustá-lo? De certeza que os rebeldes teriam imaginado que ele estava de olho em Gordonsville, pois se capturasse essa povoação, de seguida cortaria a linha férrea que ligava Richmond aos férteis territórios no vale do Shenandoah. Se cortasse essa linha, os exércitos inimigos passariam fome, pensamento esse que voltou a alumiar o brilho da glória marcial prometida na mente de Nathaniel Banks. Via uma estátua em Boston, imaginava ruas e terras em Nova Inglaterra batizadas em sua honra, e até sonhava com a possibilidade de criação de um novo Estado nos territórios selvagens do Oeste que receberia o seu nome. Banks Street, Banksville, o Estado de Banks.

Tais visões inspiradas eram alimentadas por algo mais do que a mera ambição. Eram incitadas por uma necessidade ardente de vingança. Nesse ano, Nathaniel Banks comandara um grande exército pelo vale do Shenandoah, onde fora enganado e esmagado por Thomas Jackson. Até os jornais nortistas tinham admitido que Banks fora dizimado por Jackson — com efeito, os rebeldes tinham levado tantas peças de artilharia e suprimentos de Banks, que este fora alcunhado de “Aprovisionador Banks”. Tinha troçado dele, ridicularizaram-no e o desprezo ainda magoava Nathaniel Banks. Queria vingança.

— O mais prudente, meu general, seria uma retirada para trás do Rappahannock — murmurou o ajudante-de-campo. O oficial era antigo aluno de West Point e deveria garantir ao general político bons conselhos militares.

— Talvez não passe de um reconhecimento — disse Banks, pensando em vingança.

— Pode ser que assim seja, meu general — admitiu o ajudante-de-campo num tom calmo —, mas o que teremos a ganhar com uma luta? Para quê manter as nossas posições se as poderemos retomar facilmente daqui a uma semana? Porque não deixar o inimigo esgotar-se a marchar?

Banks limpou cinza de charuto de cima do mapa. Retirar agora? Numa semana em que o mais famoso pregador de Boston estaria de visita ao

exército? O que diria o Massachusetts se soubessem que o Aproveisionador Banks tinha fugido de uma mancha de rebeldes?

— Ficamos — declarou Banks. Bateu com o dedo no contorno de uma cumeada que atravessava a estrada, a sul de Culpeper Court House. Se Jackson estivesse a marchar para norte na esperança de reabastecer o exército às custas do Aproveisionador Banks, ele teria de atravessar as elevações que ficavam por trás da pequena proteção de um ribeiro. O regato chamava-se Cedar Run e ficava no sopé da montanha Cedar. — Vamos enfrentá-lo aqui — disse Banks — e derrotá-lo aqui.

O ajudante-de-campo não disse nada. Era um jovem bem-apegoado e inteligente que acreditava merecer mais do que estar limitado por aquele arrogante teimoso. Tentou ordenar uma resposta, algumas palavras convincentes que impedissem a impetuosidade de Banks, mas não se lembrou de nada. No seu lugar, vindas da rua iluminada, chegaram as vozes de homens que cantavam sobre os entes queridos deixados para trás, sobre paixões à espera, sobre o lar.

— Vamos enfrentá-lo aqui — repetiu Banks, batendo com o dedo no mapa manchado de suor — e derrotá-lo aqui.

Na montanha Cedar.

A Legião não avançou muito no dia em que atravessaram o Rapidan. Curiosamente, à expedição faltava urgência, quase como se estivessem a mudar de base de operações, em vez de estarem a avançar contra os nortistas que tinham invadido a Virgínia. Na manhã seguinte, mesmo tendo acordado muito antes da alvorada e estando prontos a marchar ainda antes de o Sol ter surgido por cima das altas árvores orientais, esperaram três horas, enquanto uma sucessão de outros regimentos percorriam lentamente a estrada poeirenta. Uma bateria de pequenas peças de seis libras e morteiros de canos curtos passou por eles, seguidos por uma coluna de infantaria virginiana, que troçou, divertida, da Legião Faulconer devido ao seu nome pretensioso. O dia estava quente e prometia aquecer ainda mais, mas continuaram a esperar enquanto o Sol ia subindo no céu. Mais tropas passaram por eles até que, perto do meio-dia, a Legião seguiu por fim a Brigada Faulconer pela estrada de terra.

Momentos depois, as armas começaram a soar. O ruído vinha da frente, sendo um estrondo que poderia ter sido confundido com trovões, caso o céu não tivesse estado limpo. O ar estava opressivo, húmido e parado, e os rostos dos homens de Starbuck estavam pálidos com a poeira da estrada, com o suor a abrir sulcos escuros. Em breve, pensou Starbuck, algumas dessas marcas estariam ensanguentadas, cobertas de moscas e a contor-

cer-se, e tal premonição de combate azedou-lhe o estômago e deixou-lhe os músculos da coxa direita a tremer. Tentou antecipar o som das balas, ao mesmo tempo que se esforçava por mostrar coragem e não o receio que lhe liquefazia as entranhas, ao mesmo tempo que os canhões distantes faziam ribombar os seus estampidos inumanos pelos campos.

— Maldita artilharia — resmungou Truslow num tom amargo. — Há desgraçados a passar um mau bocado.

O tenente Coffman pareceu fazer menção de dizer alguma coisa, mas depois decidiu ficar calado. Um dos recrutados saiu das fileiras para baixar as calças e agachar-se ao lado da estrada. Em situações normais teria sido alvo de uma troça bem-humorada, mas o estrondo abafado das peças deixava os homens nervosos.

Ao início da tarde, a Legião parou num vale baixo. A estrada à sua frente estava bloqueada por um batalhão da Geórgia, além do qual se erguia uma cumeada encimada por árvores escuras por baixo de um céu embranquecido pelo fumo dos canhões. Alguns dos georgianos dormiam na estrada, quais cadáveres. Outros rabiscavam a lápis os seus nomes e terras natais em pedaços de papel que prendiam às casacas ou enfiavam nas casas dos botões, para que, se morressem, os corpos pudessem ser reconhecidos e as famílias informadas. Alguns dos homens de Starbuck começaram a tomar as mesmas precauções macabras, servindo-se das folhas em branco no fim das Bíblias como etiquetas.

— Culpeper Court House — anunciou George Finney de repente. Sentado ao lado da estrada, Starbuck fitou-o, à espera. — O Billy Sutton diz que esta é a estrada para Culpeper Court House — explicou George Finney. — Diz que há dois anos o pai o trouxe por esta estrada.

— Viemos enterrar a minha avó, capitão — interveio Billy Sutton. Sutton era um cabo da Companhia G. Em tempos pertencera à Companhia J, mas um ano de batalhas reduzira a Legião Faulconer de dez para oito Companhias. No início da guerra, a Legião marchara para as batalhas como um dos maiores regimentos do exército rebelde, mas depois de um ano de combates, o que restava mal chegava para encher uma igreja rural.

Três cavaleiros galoparam para sul por entre o restolho de um milheiroal ceifado, com os cascos das montadas a levantar nuvens de pó da terra ressequida. Starbuck imaginou que se tratasse de oficiais de estado-maior a trazer ordens. Truslow olhou para os três homens e abanou a cabeça.

— Malditos ianques em Culpeper Court House — resmungou o sargento, afrontado. — Não têm nada que lá estar.

— Se for Culpeper Court House — duvidou Starbuck. Culpeper Court House ficaria pelo menos a cem quilómetros de Faulconer County, a origem da Legião, e poucos dos seus integrantes alguma vez se teriam afastado

mais de trinta quilómetros de casa na sua vida. Pelo menos até que aquela guerra os levara até Manassas e Richmond, para matar ianques. Tinham-se tornado muito bons nisso. Também se tinham tornado muito bons a morrer.

Os disparos aumentaram subitamente de intensidade, criando um daqueles acessos em que, sem motivo aparente, cada canhão do campo de batalha falava ao mesmo tempo. Starbuck meneou a cabeça, à escuta do matraquear mais débil da mosquetaria, mas não ouviu nada além do ribombar infernal da artilharia.

— Desgraçados — lamentou.

— Em breve vai ser a nossa vez — replicou Truslow, num comentário que não foi de grande ajuda.

— A este ritmo vão ficar sem munições — aventou Starbuck, esperançoso.

Truslow cuspiu em resposta ao otimismo do capitão e depois virou-se ao ouvir cascos.

— Maldito Swynyard — resmungou, num tom átono.

Todos os homens da Companhia fingiam agora estar a dormir, ou então mantinham os olhos fitos na estrada empoeirada. O coronel Griffin Swynyard era um soldado profissional de talentos há muito dissolvidos pelo álcool, mas cuja carreira fora salva pelo general Washington Faulconer. O primo de Swynyard era editor do mais influente jornal de Richmond e Washington Faulconer, ciente de que a reputação era mais facilmente comprada do que conquistada, pagava pelo apoio do *Richmond Examiner* empregando Swynyard. Por um instante, Starbuck interrogou-se se Swynyard estaria à sua procura, mas o coronel, seguido de perto pelo capitão Moxey, galopou ao largo da Companhia H e subiu a encosta na direção dos sons da batalha. Starbuck sentiu um aperto no coração ao imaginar que Swynyard iria marcar o local onde a Legião formaria, o que significava que a qualquer momento chegariam as ordens que os levariam a avançar ao encontro das peças.

Mais à frente, onde a estrada desaparecia sobre a elevação baixa, as tropas georgianas estavam já a levantar-se e a pegar nos cobertores e nas armas. O som dos canhões tinha acalmado por momentos, mas o estrépito das munições das espingardas matraqueava agora sobre a paisagem seca. O som intensificou o nervosismo de Starbuck. Passara um mês desde a última batalha da Legião, mas esses meros trinta dias não chegavam para reprimir os terrores do campo de batalha. No seu íntimo, Starbuck esperara que a Legião pudesse escapar-se àquela escaramuça, mas o batalhão da Geórgia avançava já para norte, deixando uma nuvem de pó sobre a estrada.

— Vamos a levantar, Nate! — O capitão Murphy vinha transmitir as ordens de Bird a Starbuck.

Truslow bradou à Companhia H para que se levantasse. Os homens puseram os cobertores enrolados aos ombros e limparam o pó das espingardas. Atrás da Companhia H, os homens da Companhia G do capitão Medicott ergueram-se lentamente, de lapelas e presilhas dos cintos enfeitadas com os pedaços de papel branco onde tinham escrito os seus nomes.

— Procure o Swynyrd na estrada — indicou a Starbuck o capitão Murphy.

Starbuck interrogou-se onde estaria Washington Faulconer e imaginou que o general estaria a comandar a Brigada na retaguarda. Swynyrd, pesasse embora todos os seus outros defeitos, não era covarde.

— Em frente! — gritou Starbuck. Depois, de espingarda e rolo de enxerga às costas, assumiu a sua posição à frente da coluna. O pó levantado pelas botas dos georgianos fazia-lhe arder a garganta e os olhos. A estrada estava pontilhada com manchas escuras do suco de tabaco que lembravam o sangue espirrado dos ferimentos. O som do fogo de espingarda intensificava-se.

O estrépito cresceu ainda mais quando Starbuck liderou a Legião através da mata no cimo da cumeada, que servira para disfarçar e abafar o som da luta, barulho esse que agora se abria à frente de Starbuck numa cacofonia furiosa. Ao longo de quase dois quilómetros além das árvores, não havia nada senão fumo das armas, chamas e caos. Os campos à esquerda da estrada estavam repletos de feridos e de cirurgiões que remendavam a carne rasgada, à direita via-se uma colina orlada de fumo de artilharia, e à frente erguia-se uma segunda faixa de árvores que ocultavam os combates, mas não conseguiam esconder a mortalha de fumo, que voluteava de ambos os lados da estrada, nem disfarçar o som das peças.

— Valha-me Deus — exclamou Coffman. Estava excitado e nervoso.

— Fique ao pé do Truslow — alertou Starbuck o jovem tenente.

— Eu fico bem, meu capitão.

— Todos os homens que morreram nesta guerra disseram o mesmo, Coffman — reagiu Starbuck furiosamente —, e antes de ser alvejado, quero que já tenha começado a fazer a barba. Por isso fique ao pé do Truslow.

— Sim, meu capitão — acedeu Coffman docilmente.

Um dardo de artilharia atravessou os topos dos pinheiros à direita da estrada, deixando os ramos a abanar sobre a chuva de agulhas que caíram sobre o pó. Havia feridos, todos rebeldes, deitados em ambas as bermas. Alguns já tinham morrido. Um homem chegou a cambalear vindo dos combates. Estava em tronco nu e tinha os suspensórios pendurados ao lado das pernas. Agarrava a barriga, tentando impedir que as entranhas se espalhassem sobre a terra. Os antebraços estavam cobertos de sangue.

— Valha-me Deus — repetiu Coffman, que empalideceu. O sangue na

estrada poeirenta parecia mais negro do que as manchas de tabaco. O som dos tiros de espingarda dilacerava a tarde que cheirava a resina, enxofre e sangue. As sombras eram compridas, a ponto de deixar Starbuck com a vaga esperança de que a noite pudesse chegar antes de ser obrigado a combater.

Starbuck liderou a Companhia pelo terreno aberto até à proteção da segunda linha de árvores. As folhas estremeciam com o impacto das balas e marcas recentes de madeira amarela deixavam-se ver onde os dardos da artilharia tinham arrancado ramos das árvores. Um carro de munições com uma roda partida estava inclinado na berma da estrada. Um condutor negro, de cabeça ensanguentada, estava encostado à carroça abandonada e observou a passagem dos homens de Starbuck.

As árvores terminavam pouco à frente e Starbuck sabia que, além delas, no espaço aberto coberto de fumo, a batalha o aguardava. O bom senso dizia-lhe para abrandar e assim atrasar a sua entrada naquele palco minado de balas, mas o orgulho levava-o a apressar-se. Via o fumo das armas a passar por entre os derradeiros ramos verdes, qual nevoeiro de primavera a pairar vindo do Porto de Boston. Sentia o fedor acre do fumo e sabia que estava praticamente na altura de a Legião assumir as suas posições. Tinha a boca seca do pó, o coração aos saltos e a bexiga cheia. Passou por um homem cujo corpo jazia rasgado pelo impacto de uma granada de artilharia. Ouvia Coffman a tentar vomitar em seco. As moscas zumbiam no ar opressivo. Um dos seus homens riu-se do cadáver eviscerado. Starbuck puxou da espingarda que trazia ao ombro e confirmou com o dedo que tinha o fulminante no lugar. Era capitão, mas não ostentava marcas de patente e usava uma espingarda tal como os seus homens, e, nessa altura, tal como eles, puxou a caixa de munições para a frente do cinto de corda, onde estaria à mão para recarregar a arma. A bota direita danificada quase o fez cair ao deixar a sombra das árvores e ver à sua frente um vale baixo, devastado e ocupado pela batalha. O campo baixo estava coberto de fumo e ressoava com os disparos. Um cavalo jazia morto numa vala ao lado da estrada. Coffman estava pálido, mas esforçava-se por parecer tranquilo e não se baixar sempre que um projétil assobiava por cima deles. As balas cruzavam o ar húmido. Não havia sinais de qualquer inimigo — a bem da verdade, praticamente não se viam homens, à exceção de alguns artilheiros rebeldes e do coronel Swynyard, montado a cavalo num campo à esquerda da estrada, com Moxey a seu lado.

— Starbuck! — bradou o coronel Swynyard. — Aqui! — Starbuck levou a Companhia sobre o restolho seco do milheiral. — Formem aqui! — ordenou Swynyard, apontando para um local atrás do cavalo. Depois virou-se na sela para olhar para norte pelos binóculos. O capitão Moxey

atarefava-se a ordenar à Companhia H que se alinhassem segundo a sua indicação, pelo que Starbuck o deixou com os seus afazeres e avançou na direção de Swynyard. O coronel baixou os binóculos para observar a bateria de peças de seis libras rebeldes que estavam dispostas a pouco menos de cem metros mais à frente. O fumo das pequenas armas obscurecia os combates mais adiante, mas de vez em quando uma granada ianque rebentava perto da bateria, fazendo Swynyard sorrir de satisfação. — Ah, muito bem! Bom tiro! — gritou o coronel quando uma granada inimiga eviscerou um cavalo de tração preso cinquenta passos atrás das peças. O animal relinchou em sofrimento enquanto esperneava, ensanguentado, deixando em pânico os outros cavalos amarrados que se empinaram na tentativa de arrancar do chão as estacas de ferro. — Caos! — exclamou Swynyard alegremente, após o que baixou o olhar para Starbuck. — Os ianques estão bem agitados, esta tarde.

— Imagino que estivessem à nossa espera — aventou Starbuck. — Sabiam que vínhamos.

— Alguém lhes deve ter contado. Um traidor, ein? — Swynyard adiantou a sugestão com malícia. O coronel era um homem de fealdade impressionante, sendo grande parte o resultado de ferimentos recebidos honrosamente ao serviço dos antigos Estados Unidos, mas também devido ao uísque que, regra geral, o deixava comatoso logo ao início da noite. Tinha barba preta hirsuta pontilhada com tons grisalhos e suja de suco de tabaco seco, olhos encovados e um tique na face direita cicatrizada. Faltavam-lhe três dedos na mão direita e tinha a boca cheia de dentes podres malcheirosos. — Talvez o traidor tenha sido um nortista, ein? — aventou Swynyard desastradamente.

Starbuck sorriu.

— O mais provável é que tenha sido um desgraçado bêbado a precisar de dinheiro para o uísque... — fez uma pausa — ... coronel.

A única resposta de Swynyard foi a sua gargalhada rouca, que dava a entender um toque de loucura. Por incrível que parecesse, e apesar do adiantado do dia, continuava sóbrio, talvez por Washington Faulconer lhe ter escondido o uísque, ou então por os últimos vestígios de sensatez de Swynyard o terem convencido de que teria de agir devidamente num dia de batalha, caso contrário correria o risco de perder o trabalho. Swynyard olhou para o fumo das armas e depois mais uma vez para o caderno onde escrevia. Na manga direita tinha um quadrado de tecido branco bordado com um crescente vermelho. O símbolo fora retirado do brasão de Washington Faulconer e o general tivera a brilhante ideia de distribuir os emblemas a todos os homens da sua Brigada, embora o sucesso não tivesse sido total. Alguns dos homens recusaram-se a usar o emblema, e, regra ge-

ral, era possível distinguir os apoiantes de Faulconer através da presença ou ausência do pedaço de tecido. Como seria de esperar, Starbuck nunca usara o emblema com o crescente, embora alguns dos seus homens se tivessem servido do conveniente pedaço de tecido para remendar o fundo das calças.

Swynyard rasgou a página do caderno, guardou-o e depois sacou do revólver. Começou a enfiar fulminantes nas câmaras carregadas. O cano da arma estava apontado diretamente ao peito de Starbuck.

— Podia ter um acidente — comentou Swynyard. — Ninguém me culparia. Tenho três dedos a menos na mão, por isso é natural que às vezes me atrapalhe. Um tiro, Starbuck, e transformava-se em carne para os abutres. Imagino que o general Faulconer fosse gostar disso. — Swynyard começou a puxar o cão.

Ouviu-se então um estalido atrás de Starbuck e o polegar do coronel descontraíu-se. O sargento Truslow baixou o cão da espingarda.

— Também posso ter um acidente — indicou Truslow.

Swynyard não disse nada, limitando-se a sorrir e a virar-se. A bateria nas proximidades deixara de disparar e os artilheiros içavam as peças para os seus armões. O fumo da bateria dissipou-se lentamente no ar parado. Os canhões rebeldes tinham travado um duelo com uma bateria nortista, duelo esse vencido pelos soldados do Norte.

— Os ianques vão subir a mira — comentou Swynyard, olhando pelos binóculos. — Têm peças de quatro polegadas e meia. Não podemos combater canhões de quatro polegadas e meia com peças de seis libras. Mais vale atirarmos pedras aos canalhas.

Starbuck observou as armas sulistas a serem puxadas para a retaguarda e interrogou-se se seria suposto combater canhões estriados de quatro polegadas e meia com espingardas. Sentia o coração a bater com demasiada força, enchendo-lhe o peito com o seu rufar. Tentou humedecer os lábios, mas tinha a boca demasiado seca.

O som da mosquetaria desvaneceu-se, sendo substituído pelos vivas nortistas. Os festejos ianques eram muito mais graves do que o ulular arrepiante dos rebeldes ao ataque. O fumo dos canhões dissipara-se o suficiente para que Starbuck visse uma faixa de terreno arborizado cerca de oitocentos metros mais à frente, e depois uma visão que nunca esperara testemunhar num dos campos de batalha de Thomas Jackson.

Viu pânico.

À frente e à esquerda de Starbuck, uma horda de soldados rebeldes saía a correr de entre as árvores e fugia para sul pelo vale baixo. Toda a disciplina desaparecera. As granadas explodiam entre os soldados de casacas cinzentas, o que lhes fazia aumentar o desespero. Uma bandeira rebelde tombou, foi outra vez erguida e depois desapareceu no meio de uma nuvem do fumo

e das chamas de um rebentamento. Por entre a massa em fuga, cavaleiros tentavam fazer com que os homens dessem meia-volta, e, aqui e ali, por entre o pânico, houve quem tentasse formar uma linha, mas grupos tão reduzidos não tinham qualquer hipótese de contrariar o medo que varria a maioria.

Swynyard talvez fosse alcoólico e um bruto irascível, mas era soldado profissional há tempo suficiente para reconhecer um desastre. Virou-se e viu que a Companhia G do capitão Medlicott tinha formado ao lado dos homens de Starbuck.

— Medlicott! — bradou Swynyard. — Avance com essas duas Companhias! Fica no comando! — Embora muito mais velho do que Starbuck, Medlicott tinha menos antiguidade na patente, mas Swynyard atribuíra-lhe o comando das duas Companhias numa tentativa de insultar Starbuck. — Está a ver aquele armão partido? — O coronel apontou para um veículo destroçado a duzentos passos de distância, onde uma faixa de erva estabelecia a divisão entre uma extensão de milho colhido e um campo mais vasto de trigo. — Forme aí a sua linha de escaramuceiros! Eu levo a Legião em apoio. — Swynyard devolveu a atenção a Starbuck. — Tome isto — disse e baixou-se na sela para estender um pedaço de papel dobrado.

Starbuck agarrou no papel e depois bradou aos seus homens para que avançassem a par da Companhia G. Uma granada gemeu por cima dos homens. Era estranho, pensou Starbuck, como o nervosismo debilitante que afligia um homem antes da batalha desaparecia tão depressa com a proximidade do perigo. Agora que estava debaixo de fogo, até o calor sufocante do dia parecia suportável. Humedeceu os lábios e desdobrou o papel que Swynyard lhe entregara. Imaginara que se tratasse de ordens escritas, mas em vez disso percebeu que era a etiqueta de um morto. *Starbuck*, dizia o papel, *Boston, Massachusetts*. Starbuck deitou-o fora, num acesso de raiva. Atrás dele, onde o resto da Legião se apressava a formar, Swynyard viu o gesto e riu-se.

— Isto é de loucos! — protestou Truslow com Starbuck. Duas Companhias de escaramuceiros não seriam capazes de fazer frente à onda de medo que fugia das armas ianques.

— O resto da Legião vai ajudar — garantiu Starbuck.

— Acho bem — declarou Truslow —, se não vamos ser pasto para os abutres.

A Companhia G avançava à direita de Starbuck. Medlicott não parecia preocupado com a desvantagem, abrindo caminho à frente dos homens de espingarda nas mãos, ou, então, pensou Starbuck, talvez o moleiro se limitasse a não exhibir o medo.

— Mantenham as filas direitas! — gritou Starbuck a Coffman. — Que-

ro-as firmes. — Procurou no bolso e encontrou a ponta de um charuto que estivera a guardar para a batalha. Pediu um charuto aceso a um dos homens, acendeu o seu e inspirou profundamente o fumo amargo.

O tenente Coffman adiantara-se à Companhia H e empunhava uma baioneta de punho de latão à laia de espada.

— Para trás, senhor Coffman! — ordenou Starbuck.

— Mas, meu capitão. . .

— O seu lugar é atrás da Companhia, tenente! Vá para lá! E livre-se dessa espada de brincar!

Os primeiros soldados nortistas apareceram de repente na linha de árvores na encosta oposta do vale, que ficou enfeitada com as pequenas bolas de fumo branco dos disparos de espingarda. Uma granada explodiu à frente de Starbuck, lançando fragmentos do invólucro à volta dele. O campo à esquerda fora parcialmente ceifado, pelo que algum do trigo estava de pé, mas a maior parte secava em medas. Pequenos fogos crepitavam nas zonas secas incendiadas pela explosão da granada. Havia extensões de restolho de milho entre o trigo e duas filas de milho por cortar, onde se abrigara um grupo de soldados rebeldes. O milho estremecia sempre que uma bala ou uma granada vergastava os caules. Nas árvores distantes surgiu uma bandeira nortista. O porta-estandarte agitava-a, fazendo com que as faixas abanassem, garridas. Ouviu-se um clarim e, a ocidente, a infantaria rebelde continuava a fugir. Os oficiais rebeldes ainda galopavam entre os fugitivos, tentando deter-lhes a fuga e fazê-los dar meia-volta. Entre eles contava-se o general Jackson, que fustigava os soldados em pânico com o sabre embainhado. Havia agora mais nortistas na linha das árvores, alguns deles mesmo à frente de Starbuck.

Mais uma granada caiu perto da Companhia H e Starbuck interrogou-se porque não teria ordenado Medlicott que as duas Companhias assumissem a posição de escaramuça. Decidiu então ignorar a etiqueta militar e bradar ele próprio a ordem. Medlicott ecoou a ordem, levando assim as duas Companhias a assumir uma formação atrapalhada. Deviam agora combater os escaramuceiros inimigos que avançariam à frente do grosso do ataque ianque.

— Confirmem que têm as armas carregadas! — alertou Starbuck. A linha nortista parara momentaneamente, talvez para se alinharem depois de terem avançado por entre as árvores. Os fugitivos sulistas tinham desaparecido atrás do flanco esquerdo de Starbuck e de súbito o campo de batalha pareceu silencioso e solitário.

Pareceu também muito arriscado. O capitão Medlicott acercou-se de Starbuck.

— Acha que isto está bem? — perguntou, apontando para a disper-

são de escaramuceiros isolados que se encontravam sozinhos no campo vasto. Medlicott nunca gostara de Starbuck e o emblema com o crescente vermelho que tinha no ombro da farda identificava-o como sendo um apoiante leal do general Faulconer, mas o nervosismo levava Medlicott a procurar a garantia do pior inimigo de Faulconer. Perto do homem, Starbuck pôde ver que Medlicott não estava, de todo, a ocultar o medo; tinha uma face a tremer descontroladamente e o suor escorria-lhe pelas faces e pingava da barba. Tirou o chapéu de abas largas para abanar o rosto e Starbuck viu que até a lisa cabeça pálida e calva do moleiro estava orlada com suor. — Não devíamos aqui estar! — exclamou Medlicott num tom petulante.

— Só Deus sabe o que está a acontecer — retorquiu Starbuck. Uma bateria nortista surgira onde a estrada desaparecia entre as árvores mais longínquas. Starbuck viu as peças darem a volta no meio de uma chuva de terra. *Daqui a um instante vão ter-nos na mira*, pensou. *Deus do Céu, que seja uma morte limpa, rápida como o pensamento, sem agonia à mercê da faca de um cirurgião ou a morrer banhado em suor por causa de uma febre num qualquer hospital infestado de ratazanas*. Virou-se para olhar para trás e viu a Brigada Faulconer a sair da estrada e a formar alas. — O Swynyard vai chegar não tarda nada — tentou ele descansar Medlicott.

A infantaria nortista voltou a avançar, com meia dúzia de bandeiras a deixarem-se ver sobre as fileiras escuras. Três dos estandartes eram Velhas Glórias, sendo as outras bandeiras regimentais, com divisas estatais ou insígnias marciais. Seis bandeiras representavam três regimentos que atacavam agora duas Companhias ligeiras. O capitão Medlicott voltou para junto dos seus homens e o sargento Truslow acercou-se de Starbuck.

— Somos só nós e eles? — perguntou, acenando com a cabeça na direção dos ianques.

— O Swynyard vai fazer avançar o resto da Brigada — disse Starbuck. Granadas da bateria acabada de formar gemeram por cima deles, com destino à Brigada Faulconer. — Antes eles do que nós, certo? — exclamou Starbuck com a indiferença dura de um homem poupado à atenção dos artilheiros. Viu George Finney apontar a espingarda. — Sustém o fogo, George! Espera até os sacanas estarem ao nosso alcance.

Os escaramuceiros nortistas correram à frente da linha de ataque. Tinham como missão afastar os homens de Starbuck, mas em breve, pensou o jovem capitão, o resto dos escaramuceiros da Brigada Faulconer avançaria para os reforçar. Outra salva de granadas ribombou acima dele, com os estrondos das explosões a fazerem-se ouvir um segundo depois do estampido dos canhões. Starbuck procurou oficiais inimigos entre os escaramuceiros que se aproximavam. Os oficiais ianques pareciam mais relutantes do

que os sulistas em abandonar as espadas, as cintilantes insígnias de patente e as dragonas brilhantes.

Uma segunda bateria ianque abriu fogo na cumeada. Uma granada gemeu a centímetros da cabeça de Starbuck. *Que o Senhor nos deixe verdadeiramente agradecidos*, pensou, *por aquilo que estamos prestes a receber*. Ouvia o rufar dos tambores da infantaria nortista. Seria aquela a grande batalha do Norte? Conseguiriam finalmente que a Confederação se rendesse? A maior parte das forças rebeldes na Virgínia encontrava-se a mais de cem quilómetros dali, no outro lado de Richmond com Robert Lee, mas era ali que os nortistas atacavam, e se conseguissem atravessar, quem os impediria de marchar para sul, cada vez mais para sul, até que Richmond ficasse isolada e toda a zona superior do Sul afastada da Confederação?

— Firmes! — bradou Starbuck aos homens enquanto percorria lentamente a frente da linha irregular de escaramuceiros. Mais um minuto, pensou, e os escaramuceiros nortistas estariam ao alcance deles. — Estás a ver aquele sacana ruivo de espada curva, Will? — perguntou Starbuck a Tolby, um dos melhores atiradores da Legião. — É todo teu. Mata o filho da mãe.

— Eu trato dele, capitão! — Tolby puxou o cão da espingarda.

Starbuck viu os canhões inimigos desaparecerem atrás de uma nuvem de fumo branco-acinzentado e antecipou uma nova chuva de granadas por cima deles, mas, em vez disso, os projéteis caíram no campo em redor dos homens de Starbuck. Um dos sargentos de Medlicott foi atirado para trás, com o sangue a pulverizar momentaneamente o ar quente. Um fragmento de granada foi bater no armão partido, que ostentava uma legenda a indicar que o veículo pertencia à 4ª de Artilharia dos EUA, prova de que os rebeldes tinham feito recuar os ianques pelo vale antes de serem rechaçados na mata distante. Ou talvez o armão tivesse sido capturado num momento anterior da guerra, pensou Starbuck, já que parecia que pelo menos metade do equipamento dos rebeldes era de origem nortista. Uma bola sólida caiu perto de Starbuck e depois ricocheteou. A proximidade do tiro fê-lo interrogar-se porque estariam os artilheiros ianques a apontar a uma linha de escaramuceiros dispersa quando poderiam estar a disparar contra a maior força da Brigada Faulconer. Essa curiosidade levou-o a procurar os reforços prometidos por Swynyard.

Mas o coronel desaparecera e com ele toda a Brigada Faulconer, deixando Starbuck e Medlicott sozinhos no campo. Starbuck virou-se outra vez. Os escaramuceiros nortistas estavam agora mais perto, o suficiente para que Starbuck visse que tinham fardas elegantes, sem estarem remendadas com tecido castanho e cinzento, como as dos rebeldes. Os nortistas avançavam com um bom estilo, com o sol a refletir-se nas fivelas dos cintos e nos botões de latão. Por trás da linha de escaramuceiros, um batalhão

pisoteou uma fila de caules de milho. Havia meia dúzia de oficiais montados na retaguarda da formação ianque, prova de que pelo menos um dos regimentos a atacar era novo na guerra. Os oficiais veteranos não chamavam a atenção dos atiradores ficando montados nas suas selas. Claro que duas Companhias de escaramuceiros também não procuravam lutar contra toda uma brigada ianque.

— Fogo! — vociferou Truslow e os escaramuceiros da Legião deram início à batalha. Os homens estavam aos pares, com um deles a disparar e depois a recarregar enquanto o companheiro procurava perigo. O ianque ruivo já estava no chão, agarrado ao peito.

Truslow correu até junto de Starbuck.

— Nunca fui um homem religioso — admitiu o sargento enquanto empurrava uma bala pelo cano da espingarda —, mas não há uma história na Bíblia sobre um rei filho da mãe que envia um homem para que morra em combate, só para poder ficar com a esposa desse homem?

Starbuck espreitou pelo véu de fumo de espingarda, viu um ianque a apoiar-se num joelho para apontar e disparou contra ele. Uma bala nortista rasgou o ar alguns centímetros à sua esquerda. Atrás da sua linha de escaramuceiros, a brigada nortista avançava continuamente à sombra das bandeiras garridas. Ouvia as botas dos soldados a esmagarem os caules de milho e sabia que assim que a linha em marcha chegasse ao extremo do campo de trigo, eles parariam para apontar, após o que uma salva mortal atravessaria o campo, estando cada bala destinada às duas Companhias isoladas da Legião. Não havia nada que detivesse os ianques no campo aberto. Não havia canhões rebeldes a disparar, nada de granadas a rebentar ou leques de metralha que salpicassem de vermelho o campo de trigo. Tom Petty, um rapaz de dezoito anos da Companhia de Starbuck, virou-se de boca aberta e olhos arregalados. Abanou a cabeça sem acreditar e depois caiu de joelhos. Viu os olhos de Starbuck fitos em si e obrigou-se a exibir um sorriso corajoso.

— Estou bem, meu capitão! Só magoado! — Conseguiu levantar-se e encarar o inimigo.

— O rei David — disse Starbuck em voz alta. O rei David enviara Urias, o hitita, para a linha da frente da batalha, para que Betsabé enviuvasse. — “Coloca Urias na frente, onde o combate for mais aceso” — recordou Starbuck o versículo — “e não o socorras, para que ele seja ferido e morra.” — Maldito fosse Faulconer, que mandara Swynyard colocar Starbuck na frente, onde o combate era mais aceso, para que fosse ferido e morresse. — Vamos sair daqui! — gritou Starbuck ao capitão Medlicott.

Embora oficialmente no comando, Medlicott ficou grato pela liderança do homem mais jovem.

— Para trás! — ordenou à Companhia G.

Os ianques aplaudiram e troçaram ao verem a retirada dos poucos escaramuceiros.

— Estão a gostar da tarefa, rapazes? — gritou um nortista. — Continuem a fugir! Nós vamos atrás de vocês! — bradou outro, enquanto um terceiro enviava os sentimentos ao Parede Jackson. — E digam-lhe que o vamos enforcar com jeitinho!

— Firmes! — disse Starbuck aos seus homens. Mantinha-se de costas para o inimigo, concentrando-se na sua Companhia. — De volta às árvores! Firmes, sem correr! — Não se via mais ninguém da Brigada. Swynyard ou Faulconer deveriam ter levado toda a Brigada de volta às árvores, abandonando Starbuck e Medlicott ao inimigo. Mas porque não teria Bird protestado? Uma granada caiu mesmo atrás de Starbuck, empurrando-o com uma onda de choque de ar quente. Virou-se e viu os escaramuceiros ianques a correrem na sua direção. — Passo acelerado para a mata! — bradou, permitindo assim aos seus homens que abandonassem a retirada lenta e firme. — Faça-os formar junto à estrada, sargento! — ordenou a Truslow.

Mais troças e uma mancheia de balas nortistas seguiram a retirada apressada dos escaramuceiros. Os ianques estavam animados. Tinham esperado muito tempo para dar uma lição ao Parede Jackson e agora brandiam com força o chicote. De volta às árvores, os homens de Starbuck arquejavam enquanto se acoravam e olhavam nervosamente para o superior que, por sua vez, estava a observar as sombras a estenderem-se sobre o campo de trigo. Dava também atenção à distante linha de árvores, onde tinham surgido ainda mais canhões e infantaria. Os ianques saíam triunfantes e os rebeldes estavam derrotados.

— Se aqui ficarmos — Medlicott regressara para junto de Starbuck —, é mais do que certo que seremos feitos prisioneiros.

— O Swynyard entregou-lhe o comando — fez Starbuck questão de lembrar.

Medlicott hesitou, sem vontade de assumir a responsabilidade, e depois sugeriu a medo que as duas Companhias deveriam retirar-se ainda mais para o meio das árvores. A leste da casa de portagem, uma batalha furiosa de artilharia enchia o ar do final da tarde com um barulho ensurdecedor. O fumo descia a encosta onde as peças rebeldes estavam posicionadas, mas esses canhões de nada serviam aos soldados derrotados a ocidente da estrada, onde a linha ianque esmagara o milho ainda de pé para empurrar a infantaria de Jackson de volta ao armão na cumeada sul do vale. As peças de artilharia nortistas tinham agora as árvores sob mira e as matas verdejantes enchiam-se com a ameaça da metralha. Starbuck interrogou-se quanto ao destino do regimento da Geórgia e onde estaria escondido o resto da Brigada.

— Não consigo ver a Brigada! — exclamou o desesperado Medlicott. Uma salva de granadas rebentou à frente dos escaramuceiros, enchendo as árvores de fragmentos de metal quente. Os homens que abriam a retirada tinham seguido o carreiro sinuoso até uma pequena depressão, onde se agacharam instintivamente, recusando-se a deixar a escassa proteção para entrar naquela zona de fogo. Perplexo e assustado, o capitão Medlicott parecia contentar-se em deixá-los descansar. — Talvez devêssemos enviar uma patrulha à procura da Brigada? — aventou a Starbuck.

— Enquanto os restantes aqui ficam para serem capturados? — indagou Starbuck, num tom sarcástico.

— Não sei — admitiu Medlicott. O moleiro ficara de súbito desprovido de confiança e de iniciativa. A expressão no rosto mole era a de uma criança magoada por ter sido castigada por uma asneira que não fizera.

— Ianques! — alertou Truslow, apontando para oeste, onde se viam fardas azuis entre as árvores.

— Fiquem quietos! — gritou Medlicott, num pânico repentino. — Baixem-se!

Starbuck teria continuado a retirada, na esperança de se juntar à reserva confederada, mas Medlicott vira-se obrigado pelo pânico a tomar uma decisão, o que levou os homens gratos a agacharem-se nas sombras. Dois dos elementos da Companhia de Starbuck pousaram o corpo que transportavam.

— Enterramo-lo? — perguntou um dos dois homens a Starbuck.

— Quem é? — Estava escuro no meio das árvores e a noite aproximava-se.

— O Tom Petty.

— Meu Deus — exclamou Starbuck. Vira Petty ferido, mas pensara que ele sobrevivesse, algo que merecia, pois era um menino e não um homem. Costumava barbear-se todos os dias, mas a lâmina não fizera qualquer diferença nas faces. Só a usara para explicar a falta de barba, mas fora um bom soldado, alegre e voluntarioso. Starbuck tencionava promovê-lo a cabo, mas agora teria de ser Mellors, que não era tão inteligente. — Abram-lhe uma cova rápida — concordou Starbuck — e o cabo Waggoner que faça uma oração.

Os gritos dos nortistas intensificaram-se à volta deles. A mata enchia-se de granadas ruidosas, tantas que por vezes as folhas arrancadas lembravam uma neve verde a cair pelo ar morno do fim da tarde. As árvores ecoavam os gritos patéticos dos moribundos. O tenente Coffman agachou-se ao lado de Starbuck, o rosto pequeno espantado por os seus amados rebeldes estarem a ser fustigados, por o Norte estar a ganhar e por nada fazer sentido no mundo.

...

O reverendo Elial Starbuck partilhou a alegria quando o quartel-general ianque se apercebeu da vitória. E que vitória se revelara! Os prisioneiros tinham confirmado que o comandante inimigo era, deveras, o afamado Parede Jackson.

— Esta noite, o maldito não vai buscar o jantar aos meus carros de suprimentos! — gabou-se o general Banks. Era verdade que o inimigo ainda se mantinha firme nas encostas da montanha Cedar, mas o estado-maior de Banks ia trazendo mensagem atrás de mensagem que davam conta de como a ala direita federal, às ordens do general Crawford, empurrava os rebeldes pelo vale, até às matas mais além. — Agora vamos flanqueá-los! — exclamou Banks, gesticulando de forma extravagante para mostrar como pretendia levar a ala direita do exército a contornar a montanha e assim cercar o que restava do exército confederado. — Talvez esta noite tenhamos o Jackson como convidado ao jantar!

— Duvido que tenha grande apetite depois desta coça — observou um major de artilharia.

— Seja como for, diz-se que o homem tem apetites estranhos como o diabo — comentou um ajudante-de-campo, que logo enrubesceu por ter praguejado à frente do reverendo Starbuck. — Segundo ouvi dizer, só come pão duro e couve picada.

— Podíamos picar-lhe couves, ein, Starbuck? — O general Banks atraía assim o seu convidado de honra para a animada conversa.

— Dar-lhe-ia a comer o que comem os escravos! — declarou o reverendo Starbuck.

— Acho que ele come pior do que qualquer escravo! — gracejou Banks. — Se obrigássemos um escravo a comer a habitual refeição do Jackson, tínhamos o mundo à nossa perna por sermos inumanos. Se calhar devíamos castigar o homem com uma refeição decente. Ostras e faisão, o que me dizem?

Os ajudantes-de-campo de Banks riram-se e o general devolveu a atenção ao fumo da batalha que já revelava a leve coloração rosada do sol do fim da tarde. Banks parecia soberbo à luz inclinada: de costas hirtas e rosto severo, era a imagem de um verdadeiro soldado, e de repente, depois de meses de desilusões, era assim que o político finalmente se sentia, como um soldado. Banks admitia modestamente para consigo que se adaptara ao trabalho e estava agora pronto para as batalhas que se seguissem. Isso porque, pesasse embora a grande vitória daquele dia, haveria mais batalhas a travar. Com a derrota de Parede Jackson, o general Robert Lee, que protegia Richmond do exército de McClellan, seria obrigado a avançar para norte,

mesmo que tal movimentação abrisse a capital rebelde às forças do general nortista. McClellan derrotaria prontamente as defesas de Richmond, Pope esmagaria Lee e depois, à parte algumas limpezas no Mississippi e incursões no Sul profundo, a guerra chegaria ao fim. Ainda melhor, seria ganha. Só restavam algumas batalhas, a rendição rebelde e a marcha da vitória federal, e, acima de tudo, a necessidade absoluta de o presidente Lincoln e os patetas do Congresso dos Estados Unidos perceberem que fora Nathaniel Prentiss Banks a acelerar o processo. Por Deus, pensou Banks, agora haveria quem quisesse roubar-lhe a glória! Sem dúvida que John Pope o tentaria e de certeza que George McClellan escreveria a todos os editores de jornais possíveis e imaginários, o que fazia com que o despacho sobre a vitória daquela noite tivesse de ser redigido com firmeza e clareza. Banks tinha noção de que o despacho desse serão viria a dar forma aos livros de História dos anos vindouros, mas ainda mais importante, as palavras que fosse escrever angariariam votos para o que lhe restasse da carreira.

Os oficiais nortistas reuniram-se para felicitar o general. O comandante dos guarda-costas de Banks, um zuavo alto da Pensilvânia, entregou ao general um frasco de prata de brandy.

— Um brinde ao seu triunfo, meu general — proclamou o zuavo. Uma fila irregular de prisioneiros desconsolados passou pelo grupo de cavaleiros. Um ou dois dos secessionistas capturados lançou um olhar carrancudo ao general do Norte, e um dos rebeldes cuspiu na direção dele, mas, naquela noite, pensou Banks, teria o mais valioso de todos os prisioneiros como convidado ao jantar. Trataria o general Jackson com cortesia, como seria próprio de um soldado galante, e o mundo ficaria pasmo com a modéstia do vencedor. Depois Banks imaginou-se numa outra mesa de jantar, num lugar muito mais distinto em Washington, uma mesa reluzente com as pratas presidenciais, e na sua mente viu os diplomatas estrangeiros e as suas esposas ornamentadas com joias a chegarem-se à frente para lhe beberem as palavras. Presidente Banks! E porque não? Talvez George Washington tivesse criado aquele país, mas fora preciso Nathaniel Banks para o salvar.

Quilómetro e meio a sul de Banks, numa faixa arborizada onde os fogos ateados pelas granadas torturavam os feridos, havia homens que gritavam, combatiam e morriam. O contra-ataque ianque estava a ser atrasado pela vegetação rasteira e pela oposição teimosa dos atiradores sulistas, cujas chamas dos disparos fendiam as sombras fumarentas. Granadas rasgavam as copas das árvores, desfazendo ramos e fazendo estremecer o céu com as explosões. O sangue e o fumo deixavam o seu fedor no ar, um homem chamou a mãe com a voz de uma criança, outro amaldiçoou Deus, mas o Norte nunca deixou de avançar, metro a metro, mergulhando no inferno na sua busca pela paz.

...

— Não adianta nada — comentou o general Washington Faulconer num tom gelado — dividir a Brigada em destacamentos pequenos. Vamos entrar em combate unidos.

— Se ainda restar alguma batalha — replicou Swynyard com uma satisfação demoníaca. Parecia estar a apreciar o pânico que infestara o lado ocidental da batalha de Jackson.

— Cuidado com a língua, coronel — alertou Faulconer bruscamente. Estava mais desagradado do que o habitual com o seu segundo comandante, que já perdera um quarto da Legião, em vez de se ter livrado unicamente da Companhia de Starbuck. O que restava da Brigada tinha de ser reunido e não desperdiçado por se dedicar à batalha em fragmentos. Faulconer afastou-se de Swynyard e olhou para a mata de cima do cavalo. As árvores estavam cheias de fumo e agitavam-se à passagem das granadas e dos dardos nortistas. Só Deus sabia o que se teria passado no vale amplo além da mata, mas até ali onde ele se encontrava, muito atrás do ponto onde o combate tivera lugar, os sinais de um desastre iminente eram mais do que óbvios. Os feridos afastavam-se das árvores, a cambalear; alguns eram ajudados por amigos, outros rastejavam ou coxeavam em sofrimento até onde os cirurgiões retalhavam, serravam e cosiam. Muitos dos fugitivos não estavam feridos de todo, sendo apenas homens assustados que tentavam escapar ao avanço ianque.

Faulconer não pretendia deixar que esse avanço lhe colhesse a Brigada.

— Quero a 65ª à direita — bradou Faulconer a Swynyard, referindo-se à 65ª da Virgínia, o segundo maior regimento da Brigada Faulconer a seguir à Legião —, os homens do Arcansas ao centro e a 12ª da Florida à esquerda. Todos os outros ficam na reserva, duzentos passos atrás. — Isso significava que as restantes seis Companhias da Legião, naquele momento o batalhão mais avançado da Brigada, tornar-se-iam a linha mais recuada de Faulconer. Essa nova distribuição não era necessária, mas deslocar a linha da frente para a retaguarda servia para matar alguns instantes preciosos, enquanto Faulconer tentava determinar os desastres que tinham lugar além da mata. — E coronel! — chamou Faulconer. — O Bird que vá fazer o reconhecimento do terreno. Ele que me venha apresentar o relatório daqui a meia hora!

— O coronel Bird já cá não está — indicou Swynyard. — Foi buscar os escaramuceiros dele.

— Sem ordens? — indagou Faulconer, com raiva na voz. — Então ele que se venha explicar assim que chegar. Agora vá-se embora!

— Meu general? — interveio nervosamente o capitão Thomas Pryor, um dos novos ajudantes-de-campo de Washington Faulconer.

— Sim, capitão? — respondeu Faulconer.

— As ordens do general Jackson foram bem claras, meu general. Temos de avançar rapidamente com as unidades disponíveis, meu general. Para as árvores, meu general. — Pryor apontou nervosamente para a mata.

Faulconer, no entanto, não pretendia avançar rapidamente. As árvores pareciam estar vivas com fumo e chamas, quase como se a própria terra se agitasse com os espasmos de um combate mítico. As espingardas crepitavam, os homens gritavam e os canhões enchiam o ar húmido com as suas explosões ribombantes. Faulconer não pretendia mergulhar nesse turbilhão. Queria ordem e sentido, e uma certa dose de segurança.

— O general Jackson — explicou a Pryor — está em pânico. Não vamos ajudar em nada se nos formos meter aos bocados. Avançamos de forma ordeira, ou não avançamos de todo. — Virou costas à batalha e regressou ao ponto onde a segunda linha se viria a formar. Essa linha de reserva era composta pelas seis Companhias restantes da Legião e toda a 13^a da Florida, dois regimentos que Faulconer pretendia manter afastados até que a primeira linha estivesse totalmente empenhada no combate. Só se essa primeira linha se quebrasse e fugisse é que a segunda entraria em ação, e mesmo então só para servir de proteção à primeira linha em fuga. Washington Faulconer dizia para consigo que estava a ser prudente e que tal cautela poderia vir ainda a significar a diferença entre uma derrota e um massacre.

Interrogou-se quanto ao paradeiro de Starbuck e sentiu a habitual chama do ódio. Faulconer culpava Starbuck por tudo o que lhe correra mal. Fora Starbuck que o humilhara em Manassas, Starbuck que subornara Adam, e Starbuck que o desafiara ao permanecer na Legião. Faulconer estava convencido de que se pudesse livrar-se de Starbuck, seria capaz de transformar a Brigada na unidade mais eficiente de todo o exército confederado, razão pela qual ordenara a Swynyard que deixasse uma Companhia de escaramuceiros bem adiantada em relação à posição da Brigada. Esperara que Swynyard soubesse ao certo qual a Companhia a ser sacrificada, mas não pensara que o idiota ébrio desperdiçasse ambas as Companhias. Claro que até essa perda valeria a pena, refletiu Faulconer, caso Starbuck se encontrasse entre as baixas.

À esquerda de Faulconer, uma coluna de tropas rebeldes avançava em passo acelerado, enquanto outra, que marchava com a mesma rapidez, se dirigia para a mata à direita da Brigada. Era óbvio que estavam a chegar reforços ao combate, o que significava, segundo decidiu, que não teria de fazer avançar os seus homens num pânico desesperado. Seria a lentidão e a firmeza que venceriam aquela luta, e tal cautela natural foi reforçada ao ver um cavalo sem cavaleiro, de flanco coberto de vermelho,

a coxear estrada abaixo com as rédeas a arrastarem pela terra e os estribos a pingar sangue.

A Brigada Faulconer formou atarefadamente as novas linhas de batalha. Na primeira ala estavam a 65ª da Virgínia, os homens de Haxall do Arcansas e a 12ª da Florida. Os três regimentos ergueram as bandeiras empoeiradas, com as cores garridas já desbotadas pelo excesso de sol e rasgadas por inúmeras balas. Os estandartes pendiam no ar parado. O coronel Swynyard entregou o cavalo a um dos seus dois escravos receosos e assumiu o lugar ao centro da primeira linha. O desejo sobrepôs-se finalmente à cautela e levou-o a tirar um frasco de uma bolsa que tinha no cinto.

— Estou a ver que o nosso galante coronel está a inocular-se contra os riscos da batalha — comentou sardonicamente o general Faulconer com o capitão Pryor.

— Bebendo água, meu general? — indagou Pryor, confuso. Thomas Pryor era novo na Brigada. Era o filho mais novo de um banqueiro de Richmond que fazia bastantes negócios com Washington Faulconer, e o financeiro suplicara ao general que aceitasse o filho. “O Thomas é um rapaz de boa índole,” escreveu o banqueiro, “talvez demasiado, pelo que provavelmente uma época de guerra poderá ensinar-lhe que a humanidade não é honesta por natureza.”

A sugestão ingénua de Pryor de que Swynyard estaria a beber água foi recebida por um instante de silêncio, após o que as gargalhadas varreram o quartel-general da Brigada.

— A água de Swynyard — informou Faulconer — é aquela que dá coragem, adormece os homens e os faz acordar com dor de cabeça. — O general sorriu com o seu dito espirituoso e depois virou-se, indignado, quando um homem montado galopou na sua direção vindo da estrada.

— O meu general tem de avançar! — gritou o oficial, que vinha de espada desembainhada na mão direita.

Faulconer não se mexeu, esperando que o oficial parasse o cavalo. O animal ergueu a cabeça e bateu nervosamente as patas. Estava salpicado de suor e revirava os olhos.

— Tem ordens para mim? — perguntou Faulconer ao oficial excitado.

— Do general Jackson, meu general. O meu general tem de avançar com as outras brigadas. — O ajudante-de-campo gesticulou na direção da mata, mas Faulconer continuou sem se mexer, limitando-se a estender a mão. O oficial ficou de boca aberta. Mais ninguém naquele campo exigira ordens escritas, pois decerto ninguém poria em causa a urgência do assunto. Se os Ianques vencessem ali, não haveria nada que os impedisse de atravessar o Rapidan e interromper a ligação ferroviária de Richmond com o vale do Shenandoah, nem que os impedisse, com efeito, de avan-

çarem sobre a capital rebelde. Não era altura para ter ordens escritas, mas sim para que os homens do Sul lutassem como heróis na proteção do país. — O general Jackson envia os seus cumprimentos, meu general — disse o ajudante-de-campo num tom que mal conseguia disfarçar a insolência —, e lamenta não ter tido tempo para escrever as ordens, mas ficaria muito agradecido se o senhor avançasse com a sua Brigada até às árvores e ajudasse a deter o inimigo.

Faulconer olhou para a mata. Os fugitivos continuavam a sair das sombras, mas a maioria era agora composta por feridos e não por homens assustados em busca de segurança. Perto da Brigada, duas pequenas peças de artilharia estavam a ser dispostas junto à estrada, mas os canhões pareciam uma força miserável para deter o barulhento assalto nortista que agitava as sombras das árvores. Eram sombras compridas, projetadas pelo sol que ia ficando cada vez mais vermelho a oeste. Os fogos ateados pelas chamas das granadas tremeluziam nas profundezas da mata, onde as espingardas crepitavam furiosamente.

— Transmito ao general Jackson que o meu general não vai avançar? — perguntou o oficial montado numa voz temperada pela proximidade do desespero. Não indicara o seu nome, nem anunciara a sua autoridade, mas a urgência do tom e a espada que empunhava eram toda a autoridade de que precisava.

Faulconer desembainhou a sua própria espada. Não queria avançar, mas sabia que agora não lhe restava qualquer alternativa. A reputação e a honra dependiam da sua entrada naquela mata terrível.

— Coronel Swynyrd! — chamou, mas as palavras pouco mais eram do que um gemido rouco. — Coronel! — voltou a gritar, desta vez mais alto.

— Meu general! — Swynyrd voltou a guardar o frasco de uísque na bolsa.

— Faça avançar a Brigada! — ordenou Faulconer.

Swynyrd desembainhou a espada, com a lâmina a trespassar a derreadeira luz do dia. À frente dele viam-se fogos a arder entre as árvores, as suas chamas brilhantes nas sombras escuras onde havia homens a lutar e a morrer.

— Avançar! — gritou Swynyrd.

Avançar para o inferno onde a mata ardia.

Para a batalha.

Ea vontade de Deus, Banks! A vontade de Deus! — O reverendo Elial Starbuck não cabia em si de satisfação. Tinha o cheiro da batalha entranhado nas narinas, inflamando-o como uma infusão de Espírito Santo. O pregador tinha cinquenta e dois anos de idade e nunca conhecera uma exultação como aquele entusiasmo pela vitória. Testemunhava os resultados da ação da mão de Deus e via o triunfo dos justos sobre a escravocracia. — Vamos, vamos! — gritou, numa tentativa de encorajamento a uma nova bateria de artilharia nortista que se dirigia ao fumo da batalha. O reverendo Starbuck chegara a Culpeper Court House para pregar às tropas, mas em vez disso dera consigo a incentivá-las na sua caminhada para a glória.

O júbilo do reverendo Elial Starbuck equiparava-se ao entusiasmo do general Banks. O até então político apercebia-se de que vencera! Estava deveras a esmagar o miserável e infame Jackson que tanto o atormentara no início do ano. Os sinos de Boston repicariam pelo êxito de um dos seus filhos e, de repente, a concretização das mais profundas ambições do governador mostrava-se extraordinariamente próxima. Nathaniel Prentiss Banks, décimo sétimo presidente dos Estados Unidos da América. Disse as palavras entre dentes, saboreando-as, mas depois a glória desse triunfo deixou-o tonto e para se recompor virou-se na sela para o reverendo Starbuck.

— Como está aquele seu filho, Starbuck? — perguntou Banks, tentando deixar passar a impressão de um homem humilde e confiante a ponto de ser capaz de fazer conversa de ocasião no momento da glória.

— O James está bem, obrigado, governador — respondeu o pregador.
— Está com as forças de McClellan à frente de Richmond. Teve uma febre há um mês, mas já escreveu a dizer que está recuperado.

— Referia-me ao jovem que batizou em minha honra — corrigiu Banks. — Como está ele?

— Segundo sei, o Nathaniel está bem — disse brevemente o reverendo Starbuck, tendo sido salvo de mais questões acerca do filho traidor pela chegada de um ajudante-de-campo montado num cavalo com crina empalidecida pela poeira e flancos a espumar com a transpiração. O ajudante-de-campo fez uma continência rápida e entregou uma mensagem do brigadeiro-general Crawford. A nota fora rabiscada com o general montado na sela e Banks teve dificuldade em decifrar as letras escritas a lápis.

— Notícias da vitória, espero? — aventou Banks ao oficial recém-chegado.

— O general pede reforços, meu general — emendou o ajudante-de-campo com todo o respeito. O cavalo estremeceu quando uma granada rebelde gemeu no ar.

— Reforços? — indagou Banks. Na pausa que se seguiu à questão, a granada rebelde explodiu inofensivamente atrás deles, espalhando terra sobre a estrada. — Reforços? — repetiu Banks, frazindo o cenho como se a palavra lhe fosse incompreensível. Depois esticou a farda já imaculada. — Reforços? — perguntou uma terceira vez. — Mas pensei que ele estivesse a expulsar o inimigo do campo.

— Temos de os derrotar, meu general. — O ajudante-de-campo parecia entusiasmado. — Mais uma brigada vai esmagá-los de vez.

— Esperava que já estivessem acabados — comentou Banks, amachucando a mensagem de Crawford.

— Estão escondidos na mata, meu general. Os nossos rapazes estão a pressioná-los, mas precisam de ajuda.

— Não há nenhuma ajuda! — exclamou Banks, indignado, como se o oficial lhe tivesse estragado o momento de glória. — Enviei-lhe a brigada do Gordon. Será que não chega?

O ajudante-de-campo relanceou os zuavos da Pensilvânia, de fardas garridas, que compunham a guarda pessoal do general Banks.

— Talvez devêssemos enviar todos os homens disponíveis, meu general, para os destruir antes de serem salvos pela noite? — Falava com todo o respeito, tal como se esperava de um capitão a apresentar um conselho tático a um major-general.

— Não temos reservas, capitão — adiantou Banks num tom de desprezo. — Estamos todos empenhados! Por isso pressionem. Pressionem bem. Diga ao Crawford que a responsabilidade agora é dele. Não quero homens a

pedir ajuda quando estamos à beira da vitória. Regresse a ele e diga-lhe que pressione, ouviu? Que continue a pressionar até à noite. — O longo discurso restaurara a confiança de Banks. Estava a vencer. Era a vontade de Deus que o vaidoso do Parede Jackson fosse humilhado. — São os nervos, nada mais do que nervos — foi a forma de Banks explicar o pedido do general Crawford aos homens que o rodeavam. — Um homem vê-se do lado dos vencedores e nem acredita na sorte que tem, por isso pede ajuda no último instante!

— Espero que o meu general seja generoso para com o Crawford nas suas memórias — observou o comandante zuavo.

— Assim será, assim será — replicou Banks, que até àquele momento ainda não pensara nas suas memórias, mas que agora dava consigo a sonhar com uma obra em três volumes, provisoriamente intitulada *A Guerra de Banks*. Decidiu que representaria as derrotas iniciais como armadilhas necessárias para atrair aquele Jackson apaixonado por couves para a destruição na montanha Cedar. *Posso ter sido ultrajado*, ensaiou o general a frase na sua mente, *mas estava a fazer uma jogada mais longa do que o imaginado pelos meus críticos, especialmente os miseráveis dos jornais que se atreveram a dar-me conselhos quando nem sequer sabiam distinguir um armão de uma carroça*.

O reverendo Elial Starbuck interrompeu as divagações pedindo a autorização de Banks para avançar, para que pudesse observar a perseguição e derradeira humilhação do inimigo.

— O seu triunfo é a resposta às minhas preces, governador — disse o pregador —, e gostaria muito de testemunhar o seu resultado.

— Meu caro Starbuck, é claro que tem de avançar. Capitão Hetherington? — chamou Banks um dos seus ajudantes-de-campo subalternos para acompanhar o pregador, embora também tivesse alertado o capitão para não expor o reverendo Starbuck a qualquer risco. Tal cautela destinava-se a garantir que o reverendo Starbuck sobreviveria para pregar a fama de Banks a partir do seu púlpito influente. — Um rafeiro ferido ainda consegue morder — avisou Banks o pregador —, por isso tem de ficar longe das mandíbulas do animal moribundo.

— Deus irá guardar-me, governador — declarou o reverendo Starbuck. — É o meu escudo e protetor.

Assim protegido, o reverendo Starbuck partiu pelos campos com Hetherington, percorrendo primeiro um carreiro entre filas de carros do exército com coberturas de lona branca, depois passando por um hospital de campanha, onde o reverendo Starbuck fez uma pausa para inspecionar o rosto dos prisioneiros sulistas feridos deitados na erva no exterior das tendas depois das intervenções cirúrgicas. Alguns ainda se encontravam

comatosos devido aos efeitos do clorofórmio, outros tinham adormecido devido à exaustão, mas a maioria jazia, pálida e assustada. Algumas baixas grosseiramente ligadas esperavam deitadas pelas facas dos cirurgiões, e para quem não estivesse habituado às batalhas, a visão de homens tão gravemente feridos poder-se-ia revelar excessiva mesmo para um estômago mais forte, mas o reverendo Starbuck parecia animado com o espetáculo hediondo. Com efeito, o pregador desceu da sela para observar mais de perto os membros estropiados e a cabeça ensanguentada de um dos homens.

— Repare no espaço craniano baixo e nos dentes pronunciados — comentou com Hetherington.

— Desculpe, senhor reverendo? — disse Hetherington, confuso.

— Olhe para o rosto dele, homem! Olhe para o rosto de todos eles! Não vê a diferença acentuada entre eles e a aparência nortista?

O capitão Hetherington julgava que os Sulistas não eram muito diferentes dos Nortistas, salvo pelo facto de serem regra geral mais magros e de terem fardas muito menos alinhadas, mas não queria contradizer o destacado pregador, pelo que concordou que os rebeldes capturados tinham, na verdade, testas mais baixas e dentes de aspeto animalesco.

— Tais feições são sintomas clássicos de espíritos fracos e degradação moral — declarou alegremente o reverendo Starbuck, lembrando-se então do dever cristão merecido até por almas perdidas como as daqueles prisioneiros rebeldes. — Embora os vossos pecados sejam abomináveis — bradou-lhes —, ainda se podem tornar puros como a neve. Devem arrepender-se! Arrepender-se! — Viera munido de exemplares do seu opúsculo, *Libertar os Oprimidos*, que explicava o motivo por que os cristãos deveriam estar preparados para morrer pela causa sagrada da abolição da escravatura, e agora o reverendo Starbuck largava algumas cópias entre os feridos. — Alguma coisa para lerem durante o vosso cativeiro — disse-lhes —, algo que explica os vossos erros. — Seguiu caminho, animado pela oportunidade de espalhar a palavra sagrada. — Sabe, capitão — declarou o reverendo a Hetherington quando os dois homens deixaram o hospital pelas costas —, fizemos mal em limitar o nosso trabalho missionário aos territórios pagãos e aos escravos sulistas. Deveríamos ter enviado mais homens aos Estados rebeldes, para combaterem os demónios que habitam a alma do branco.

— Não existem muitas igrejas nos Estados secessionistas? — indagou respeitosamente o capitão Hetherington depois de levar o pregador a contornar um emaranhado de fios telegráficos que tinham sido deixados ao lado de uma vala.

— É verdade que existem igrejas no Sul — admitiu o reverendo num tom desagradado — e pastores também, mas a sua existência não nos deve

enganar. As escrituras alertam-nos para os falsos profetas que virão a habitar os últimos dias. E tais profetas não terão dificuldade em convencer os homens de espírito fraco a seguir o caminho do demo. Mas a Segunda Epístola de Pedro garante-nos que os falsos profetas farão recair sobre eles uma rápida destruição. Creio que estamos a assistir ao início dessa providência. Pois este é o trabalho do Senhor — declamou alegremente o reverendo doutor Starbuck, gesticulando na direção de um par de cães que lutavam pelos intestinos de um homem junto à cratera fumegante de uma granada — e com ele devemos alegrar-nos! — Um impulso menos pio levou o reverendo a interrogar-se se por acaso o dinheiro que acabara de gastar na cavalaria de Galloway teria sido desperdiçado. Talvez a guerra pudesse ser vencida sem os homens de Galloway? Depois ignorou a preocupação e deixou que as boas notícias daquele dia o preenchessem com alegria.

O capitão Hetherington queria afastar os dois cães das entranhas por que lutavam, mas o reverendo Starbuck não parou de avançar e as ordens do ajudante-de-campo eram acompanhar o pregador, pelo que galopou para o alcançar.

— O senhor reverendo está a dizer que nenhum dos rebeldes é cristão? — perguntou Hetherington respeitosamente.

— Como podem ser? — redarguiu o pregador de Boston. — A nossa fé nunca pregou a rebelião contra a autoridade divina e legal do Estado, pelo que, na melhor das hipóteses, o Sul está a cometer um erro grave e, logo, desesperadamente a precisar de se arrepender e de ser perdoado. Na pior das hipóteses? — O reverendo Starbuck abanou a cabeça, recusando-se sequer a ponderar sobre tal questão, mas o simples facto de a ter colocado levou-o a pensar no seu segundo filho e em como Nate estava irremediavelmente condenado ao fogo do Inferno. Nate passaria a eternidade a arder nas chamas, atormentado por agonias inimagináveis. — E ele bem o merece! — protestou o reverendo Starbuck em voz alta.

— Perdão, senhor reverendo? — perguntou Hetherington, pensando que não ouvira um comentário que lhe pudesse ter sido dirigido.

— Nada, capitão, nada. E o senhor, já se salvou?

— Com efeito, senhor reverendo. Cheguei a Cristo há três anos e desde então que louvo Deus pelas Suas misericórdias.

— Louvado seja o Senhor — respondeu o reverendo Starbuck, embora a bem da verdade tivesse ficado desiludido por a sua escolta se ter revelado um cristão renascido, já que havia pouco que Elial Starbuck mais gostasse do que ter o que chamava de peleja com um pecador. Podia gabar-se de já ter deixado muitos homens fortes em lágrimas depois de uma boa hora de argumentação.

Os dois homens chegaram a uma bateria nortista de napoleões de doze libras. Os quatro canhões estavam silenciosos, com os artilheiros em mangas de camisa encostados às rodas das peças e a olhar para o outro lado do vale, onde um renque sombreado de árvores estava coroadado com o fumo dos tiros.

— Não há alvos — respondeu o comandante da bateria quando o reverendo Starbuck lhe perguntou porque não disparavam. — Os nossos rapazes estão naquela mata, ou umas centenas de metros mais à frente, o que significa que o nosso trabalho está acabado por hoje. — Bebeu um gole da garrafa que continha brandy. — Aquelas explosões são das granadas que os rebeldes estão a disparar — acrescentou, apontando para as deflagrações brancas que surgiam a espaços na cumeada distante. O som de cada explosão fazia-se ouvir segundos depois, como um breve ribombar de trovão. — Só resta a retaguarda deles — garantiu o artilheiro com toda a confiança — e os camponeses podem tratar deles.

— Os camponeses — repetiu, intrigado, o reverendo Starbuck.

— A infantaria, senhor reverendo. Os mais baixos de todos, se é que me entende.

O reverendo Starbuck não entendia, mas decidiu não levantar questões com a sua confusão.

— E os rebeldes? — perguntou em vez disso. — Onde estão eles?

O major de artilharia reparou no cabeção do homem mais velho e endireitou-se, num gesto de respeito.

— Daqui podemos ver alguns dos mortos, reverendo, com o perdão pelo linguajar, e o resto, por esta altura, já deve estar a meio caminho de Richmond. Esperei mais de um ano para ver os malandros a fugir, e é uma bela visão. As nossas meninas puseram-nos a andar em grande estilo. — O major deu uma palmada no cano ainda quente da peça mais próxima, a qual, à semelhança dos restantes napoleões da bateria, tinha um nome feminino pintado na coneteira. Aquela peça chamava-se *Maud*, enquanto as companheiras tinham sido batizadas *Eliza*, *Louise* e *Anna*.

— É a obra do Senhor, a obra do Senhor! — murmurou alegremente o reverendo Starbuck.

— Os secessionistas ainda estão agitados naquela zona. — O capitão Hetherington apontou para a longínqua montanha Cedar, onde ainda havia fumo a ser cuspidado das baterias rebeldes.

— Mas não por muito tempo. — O major artilheiro parecia confiante. — Vamos contorná-los e capturar até ao último homem. Isso, desde que a noite não chegue primeiro — acrescentou. O Sol já estava muito baixo e a luz ganhava um tom avermelhado.

O reverendo Starbuck tirou um pequeno telescópio do bolso e apon-

tou-o para a mata mais à frente. Pouco via além de fumo, folhas e crateras em chamas abertas pelas granadas, embora no terreno aberto mais próximo conseguisse avistar as formas dos mortos que jaziam no que restava do campo de trigo.

— Vamos até à mata — anunciou ao companheiro.

— Talvez não o devêssemos fazer, senhor reverendo — sugeriu educadamente o capitão Hetherington. — Ainda há granadas a cair.

— Nada nos acontecerá, capitão. Embora andemos pelo vale da sombra da morte, não recearemos qualquer mal. Vamos! — A bem da verdade, o reverendo Starbuck queria aproximar-se das granadas a rebentar. Decidiu que o seu prazer era sintoma de um gosto natural pela batalha, que talvez estivesse a descobrir um talento divino para a guerra, e de repente deixou de se admirar que o Senhor dos Exércitos tantas vezes incitasse Israel a combater. Tanto sangue e mortandade era a forma de realizar o trabalho de Deus! Os sermões e o trabalho missionário, isso estava tudo muito bem, e sem dúvida Deus escutaria as orações de todas as mulheres com marcadores de seda nas suas Bíblias muito folheadas, mas aquele martelar da batalha seria um método mais garantido de trazer à terra o Seu reino. Os pecadores estavam a ser purificados pelo santo zurzir das espadas, do aço e da pólvora, e o reverendo doutor Starbuck exultava com todo esse processo. — Em frente, capitão — incitou ele Hetherington. — O inimigo está derrotado, não há nada a recear!

Hetherington fez uma pausa, mas o major de artilharia concordava com o pregador.

— Foram bem derrotados, senhor reverendo, e amém — declarou o major, e tal encorajamento foi quanto bastou ao reverendo Starbuck para entregar alguns exemplares do *Libertar os Oprimidos* aos artilheiros exaustos. Depois, animado, esporeou o cavalo além do quarteto de manchas queimadas em forma de leque no restolho que marcava o local onde *Eliza*, *Louise*, *Maud* e *Anna* tinham vomitado chamas e fumo contra o inimigo.

O capitão Hetherington seguiu-o, pesaroso.

— Não sabemos se os rebeldes já foram expulsos da mata, senhor reverendo.

— Nesse caso vamos descobri-lo, capitão! — disse alegremente o reverendo Starbuck. Passou a trote ao lado dos restos de um nortista que tinha sido desfeito com o impacto direto de uma granada rebelde e que agora não passava de uma confusão minada de moscas de ossos partidos, entranhas azuladas, carne rasgada e restos de farda. O reverendo não sentiu qualquer angústia com a visão, apenas a satisfação de que o falecido era um herói que fora ao encontro do Criador por ter morrido numa causa tão nobre como qualquer outra que já tivesse levado alguém para o campo de batalha.

Alguns passos além do federal morto estava o cadáver de um sulista, de garganta rasgada até ao osso por um fragmento de invólucro de granada. O desgraçado usava sapatos rotos, calças rasgadas e um casaco puído de um tom cinzento-claro remendado com castanho, mas o aspeto mais repelente do corpo era a expressão ávida no rosto. O pregador imaginava ter visto a mesma fisionomia depravada no rosto da maior parte dos rebeldes mortos e no dos feridos sulistas que tinham pedido ajuda à passagem dos dois cavaleiros. Tais rebeldes, decidiu o reverendo Starbuck, eram nitidamente fracos de espírito e donos, sem dúvida, de uma moralidade pueril. Os médicos de Boston estavam convencidos de que tais fraquezas mentais eram traços congénitos, e quanto mais o reverendo Elial Starbuck via os Sulistas, mais convencido ficava dessa verdade clínica. Teria havido miscigenação? Teria a raça branca chegado ao ponto de se desgraçar de tal forma com os seus escravos, estando agora a pagar o preço hereditário? Essa ideia deixou o reverendo tão repugnado que estremeceu, mas depois ocorreu-lhe um pensamento ainda mais terrível. Teria sido a degradação moral do filho Nathaniel herdada? O reverendo Starbuck descartou tal suspeita. Nathaniel era um apóstata e sem dúvida culpado. Os pecados de Nathaniel não poderiam ser atribuídos aos pais, mas apenas a ele próprio.

O reverendo Elial Starbuck ia ruminando sobre a hereditariedade, a escravatura e a fraqueza de espírito enquanto percorria o quente campo de batalha, mas não ignorou totalmente os gritos dos feridos sedentos deixados indefesos pelos combates. Os rebeldes feridos suplicavam água, um médico, ou ajuda para chegar aos hospitais de campanha, e o reverendo Starbuck ofereceu-lhes o conforto que estava ao seu alcance garantindo-lhes que poderiam chegar à salvação através de um arrependimento sincero. Um homem de barba escura, abrigado debaixo de uma árvore marcada pelas balas, com metade da perna esquerda decepada e a alça de uma espingarda a fazer as vezes de torniquete à volta da coxa, maldisse o pregador e exigiu brandy em vez de um sermão, mas o reverendo Starbuck limitou-se a deixar cair um opúsculo na direção do indivíduo, seguindo depois tristemente o seu caminho.

— Quando esta rebelião chegar ao fim, capitão — observou —, iremos deparar-nos no Sul com uma tarefa colossal. Teremos de pregar o verdadeiro evangelho a um povo induzido em erro por falsos professores.

Hetherington fez menção de concordar com tão pio comentário, mas foi impedido de falar por um som repentino que lhe chegou vindo de ocidente. De todo habituado ao barulho dos combates, para o reverendo Starbuck, o ruído assemelhava-se a gigantescas tiras de lona rígida a serem rasgadas, ou talvez o barulho feito pelos malfadados rapazolas que gostavam de correr Beacon Hill abaixo a bater com paus nas grades de ferro. O som

foi tão repentino e intrusivo que o pregador deteve instintivamente o cavalo, mas depois, imaginando que o estranho barulho pressagiaria o final da rebelião, voltou a incitar o animal e murmurou uma oração de graças pela obra de Deus ao conceder a vitória ao Norte. Menos otimista, o capitão Hetherington segurou a montada do pregador.

— Não julgava que os rebeldes estivessem tão a ocidente — comentou, aparentemente falando para consigo.

— Ocidente? — indagou o pregador, confuso.

— Salvas de espingardas, senhor reverendo — adiantou Hetherington, explicando o estranho barulho. O capitão fitou o Sol que se desvanecia, onde sobre as árvores começava a ver-se um véu de fumo.

— Aquele som! — exclamou o reverendo Starbuck. — Escute! Está a ouvir aquele barulho? O que é? — A excitação fora provocada por um novo som, subitamente acrescentado às salvas das armas. Era um barulho agudo, imbuído de um triunfo esganiçado e atravessado por um ulular de satisfação que sugeria que as criaturas que o produziam entravam de livre vontade, até mesmo com prazer, naquele campo de morte. — Sabe o que está a ouvir? — O reverendo Starbuck apresentou a questão com entusiasmo. — É o *paeon*! Nunca esperei ouvi-lo em vida!

Hetherington olhou para o pregador.

— O *peão*, senhor reverendo? — indagou, confuso.

— Leu o seu Aristófanes, imagino? — atirou o pregador com impaciência. — Lembra-se de como ele descreve o hino de guerra da infantaria grega? O *paeon*? — O pregador imaginou que talvez algum oficial de Yale ou Harvard, com uma formação clássica, tivesse tido a ideia de ensinar esse brado de guerra aos seus soldados nortistas. — Escute, homem — incitou, entusiasmado —, é o som da falange! O som dos Espartanos! O som dos heróis de Homero!

O capitão Hetherington ouvia perfeitamente o som.

— Isto não é o *paeon*, senhor reverendo. É o grito rebelde.

— Quer dizer... — começou a deduzir o reverendo Starbuck, após o que se silenciou abruptamente. Lera sobre o grito rebelde nos jornais bostonianos, mas agora estava ele próprio a ouvi-lo, e, de repente, o som pareceu-lhe tudo menos clássico. Em vez disso, deixava transparecer o mais puro dos males; era um som que gelava o sangue, como um bando de animais selvagens a uivar ou os gemidos de uma horda de demónios a implorar pela abertura dos portões do Inferno. — Porque estão a gritar? — quis saber o pregador.

— Porque não foram derrotados, senhor reverendo, é por isso — respondeu Hetherington, pegando nas rédeas do pregador e dando meia-volta ao cavalo. O reverendo Starbuck protestou contra a mudança de direção,

pois já estava muito perto da mata e queria ver o que se encontrava do outro lado das árvores, mas o capitão não se moveu. — A batalha não foi ganha, senhor reverendo — disse tranquilamente —, pode até estar perdida.

Pois um grito rebelde só podia querer dizer uma coisa: um ataque rebelde.

Isso porque os desgraçados não estavam, de todo, derrotados.

Agachado na mata, perto da estrada, o capitão Nathaniel Starbuck ouviu os gritos do contra-ataque rebelde.

— Já não era sem tempo — murmurou, sem nenhum destinatário em particular. O tiroteio no meio das árvores fora esporádico durante os últimos minutos e Starbuck começara a recear que os escaramuceiros isolados da Legião tivessem ficado encurralados muito atrás de um exército nortista vitorioso. Até então, a única resistência ao ataque nortista parecera confusa e fútil, mas agora os disparos de espingarda aumentavam para a intensidade da batalha, à qual os gritos dos sulistas ao ataque davam uma melodia preternatural. Para Starbuck, a batalha resumia-se a barulho, pois não conseguia ver nada através da vegetação mergulhada em fumo e sombras; no entanto, o som indicava que os nortistas ao ataque estavam a ser parados e até mesmo contra-atacados. — Se calhar devíamos juntar-nos — aventou Starbuck ao capitão Medlicott.

— Não! — exclamou Medlicott. — Nem pensar! — A resposta fora demasiado veemente, traíndo o medo sentido pelo capitão. O moleiro transformado em soldado tinha o rosto tão branco como se tivesse acabado um dia duro de trabalho nas suas mós. O suor pingava e cintilava-lhe na barba, enquanto os olhos percorriam nervosos o santuário encontrado fortuitamente entre as árvores pelos seus homens. Tal abrigo consistia de uma depressão baixa que ficaria inundada com o mais leve dos aguaceiros, mas estava de tal forma cercada por vegetação rasteira que um exército podia marchar pela estrada sem notar os homens escondidos a meros passos de distância. — Vamos esperar aqui até que as coisas se acalmem — insistiu Medlicott.

Starbuck não gostava da ideia de ficar à espera nas sombras. Até então, as duas Companhias tinham evitado nortistas, mas essa sorte poderia não ser eterna. Contudo, Medlicott não dava ouvidos às ideias do jovem. Medlicott não se importara de aceitar a orientação de Starbuck quando tinham ficado expostos ao fogo inimigo, mas agora que se encontrava num refúgio à primeira vista seguro, o capitão voltava a assumir a autoridade que lhe fora atribuída pelo coronel Swynyard.

— Ficamos aqui — voltou a insistir. — É uma ordem, Starbuck.

Starbuck regressou à sua Companhia. Deitou-se na borda da depressão baixa e espreitou na direção dos sons de batalha por entre a folhagem. Os ramos na mata criavam um rendilhado escuro contra o céu do fim da tarde, cruzado por faixas avermelhadas de fumo de pólvora. O grito rebelde aumentava e desvanecia-se, sugerindo ondas, enquanto os regimentos avançavam e se detinham antes de voltar a avançar. Ouviam-se salvas entre as árvores e depois soavam passos na vegetação ali perto, mas as folhas cresciam de forma tão densa que Starbuck não via ninguém. Mesmo assim, receava o aparecimento súbito de uma Companhia de ianques nervosos, pelo que se virou e ordenou que os seus homens calassem as baionetas. Se os ianques aparecessem, Starbuck estaria pronto para os receber.

Puxou da sua própria lâmina e encaixou-a no devido lugar. Esquilos gritavam, infelizes, nos ramos mais acima e um clarão de penas vermelhas deixou-se ver quando um cardeal voou entre os troncos das árvores. Atrás de Starbuck, além da estrada deserta, o fumo da pólvora pairava como camadas de neblina acima dos vários campos de trigo e de milho. Não havia qualquer infantaria à vista aí. Era quase como se a estrada dividisse o campo de batalha em duas metades diferentes, uma cheia de fumo dos canhões e a outra repleta de homens em combate.

Truslow apareceu ao lado de Starbuck, de espingarda equipada com o seu aço.

— O que se passa com o Medlicott?

— Está com medo.

— Nunca prestou para nada. O pai era igual. — Truslow cuspiu uma bola de suco de tabaco viscoso para as folhas apodrecidas. — Uma vez vi o velho John Medlicott a fugir de um par de ladrões de cavalos que ainda mal tinham feito quinze anos.

— O sargento era um deles? — indagou Starbuck, com malícia.

Truslow sorriu, mas antes de poder responder, ouviu-se um súbito arrastar em pânico de pés, com um único soldado nortista a irromper por entre os arbustos mais à frente. O ianque não deu conta das duas Companhias rebeldes até ficar a poucos passos de distância, altura em que os olhos se arregalaram e ele se deteve, assustado. Ficou de boca aberta. Virou-se, aparentemente fazendo menção de alertar os camaradas, mas Starbuck já se pusera de pé e bateu com a coronha da espingarda no crânio do nortista uma fração de segundo antes de Truslow o puxar pelos pés. O ianque caiu como um veado abatido. Truslow e Starbuck arrastaram-no de volta à Companhia e desarmaram-no.

— Fica de boca fechada — sibilou o jovem capitão ao homem, que começara a agitar-se.

— Não estou...

— O oficial mandou-te calar a boca, seu filho de uma rameira, por isso cala-te, ou então arranco-te a porra da língua — resmungou Truslow e o nortista assumiu um silêncio absoluto. A fivela do cinto indicava que se tratava de um soldado da Pensilvânia. Entre as raízes do cabelo louro, acima da orelha, surgia um fio de sangue. — Vais ficar com um belo galo, sacana — comentou Truslow alegremente, enquanto revistava os bolsos e as bolsas do indivíduo. Atirou as munições de espingarda para a Companhia e depois encontrou um pacote castanho-claro marcado com o símbolo do Tabaco Fino John Anderson de Nova Iorque. — Não é da Virgínia, mas alguém o há de fumar — disse Truslow, enfiando-o na bolsa.

— Deixe-me ficar algum — suplicou o homem da Pensilvânia. — Há horas que não fumo.

— Então devias ter ficado na Pensilvânia, seu filho de uma puta, em vez de nos andares aqui a pisar o milho. Não és bem-vindo. Se tivesses o que mereces, já estavas a respirar por um buraco nas costelas. — Truslow tirou um maço de notas de dólar nortistas do bolso de cima do homem. — Temos sorte às cartas, é?

— E com as mulheres. — O homem da Pensilvânia tinha um encanto atrevido.

— Fica quieto e calado, rapaz, se não a tua sorte acaba aqui. — Truslow soltou o cantil do rapaz e viu que ainda tinha um dedo de água, a qual ofereceu a Starbuck. Este, apesar da sede, recusou, pelo que Truslow esvaziou ele próprio o cantil.

Starbuck levantou-se para espreitar o terreno à volta dos arbustos. O capitão Medlicott sibilou-lhe que baixasse a cabeça, mas Starbuck ignorou o moleiro. Novos gritos anunciaram mais uma carga rebelde e, desta vez, um grupo de cerca de duas dúzias de ianques apareceram a meros vinte passos do esconderijo de Starbuck. Alguns dos nortistas ajoelharam-se e dispararam para o meio das árvores antes de voltarem a retirar. Dois dos ianques caíram quando começaram a correr, abatidos por balas rebeldes, e o resto dos homens teria continuado a fugir se o grupo das cores não tivesse entrado pelas árvores para os reunir. Um oficial alto de cabelo branco brandiu uma espada na direção dos rebeldes.

— *Vorwärts! Vorwärts!* — gritou o oficial e os homens em retirada viraram-se, ovacionaram e dispararam uma salva contra os perseguidores. Nas sombras repletas de fumo, as duas bandeiras eram quadrados garridos de seda. Uma delas era a Velha Glória, rasgada e suja pelas batalhas, enquanto a segunda era um estandarte roxo, bordado com uma águia e uma legenda que Starbuck não conseguiu decifrar. — *Vorwärts!* — voltou o oficial de cabelos brancos a bradar.

— Os sacanas são alemães? — indagou Truslow. O sargento nutria

uma antipatia irracional pelos imigrantes alemães, culpando-os por muitas das regras e regulamentos que tinham começado a infestar o seu antigo país. — Os Americanos costumavam ser livres — declarava muitas vezes. — Depois os malditos Prussianos vieram organizar-nos.

— Somos *holandeses* da Pensilvânia — explicou o prisioneiro.

— Então são uns sacanas filhos da puta miseráveis — exclamou Truslow. Starbuck conseguia agora ler a legenda de letras góticas da segunda bandeira: “*Gott und die Vereinigten Staaten*”, assim dizia, e Starbuck decidiu que tal bandeira seria um excelente troféu.

— *Feuer!* — gritou o oficial de cabelo branco, e logo uma nova salva foi disparada contra os atacantes rebeldes. Os alemães celebraram, sentindo que a resistência súbita tinha surpreendido os atacantes.

— Podemos derrubar aqueles desgraçados — disse Starbuck a Truslow.

O sargento olhou na direção do capitão Medlicott.

— Mas não com a ajuda daquele covarde.

— Então vamos fazê-lo sem a ajuda daquele covarde — disse Starbuck. Sentia a elação de um soldado a quem era dada a vantagem inestimável da surpresa. Era uma luta que não podia perder, pelo que engatilhou a espingarda e deu meia-volta para fitar a sua Companhia. — Vamos disparar uma salva contra aqueles sacanas alemães e depois expulsá-los das nossas terras. Rápido e duro, rapazes, vamos pregar um susto de morte aos desgraçados. Prontos? — Os homens ofereceram-lhe sorrisos rasgados, dando-lhe a saber que estavam prontos. Starbuck retribuiu-lhes o sorriso. Havia alturas em que se interrogava se alguma vez voltaria a encontrar algo que lhe soubesse tão bem como aqueles momentos em combate. O nervosismo da antecipação desaparecera por completo, dando lugar a um entusiasmo feral. Olhou para o prisioneiro. — Tu ficas aqui, ianque.

— Nem me mexo! — garantiu o prisioneiro, embora, a bem da verdade, ele pretendesse correr o mais possível assim que ficasse sozinho.

— De pé! — bradou Starbuck. Foi percorrido pela mistura inebriante de medo e excitação. Compreendia a tentação de seguir a deixa de Medlicott e ficar escondido em segurança, mas também queria humilhar o outro capitão. Starbuck queria mostrar que era o melhor no campo de batalha e não havia como comprovar tal arrogância ficando escondido nos arbustos. — Apontar! — gritou. Alguns dos ianques em formação ouviram a ordem e olharam, receosos, à sua volta, mas já era demasiado tarde. Os homens de Starbuck estavam já de pé, com as espingardas apoiadas nos ombros.

Foi então que as coisas correram mal.

— Parem! — gritou Medlicott. — Para baixo! É uma ordem! Para baixo! — O moleiro entrara em pânico. Corria pela depressão acima e gritava

aos homens de Starbuck, chegando mesmo a puxar alguns para o chão. Outros homens agacharam-se e todos estavam confusos.

— Fogo! — gritou Starbuck, e uma mísera mancha de chamas iluminou as sombras.

— Para baixo! — Medlicott agitou freneticamente a mão.

— Levantem-se e disparem! — O brado de Starbuck foi feroz. — Cima! Fogo! — Os homens voltaram a levantar-se e premiram os gatilhos, levando uma salva intermitente a rasgar o lusco-fusco. — Carregar! — vociferou Starbuck, pronunciando a ordem como um grito de guerra.

O oficial de cabelo branco ordenara aos soldados da Pensilvânia que se virassem para enfrentar a ameaça inesperada ao seu flanco. A interferência de Medlicott dera aos ianques alguns segundos preciosos, o suficiente para que meia Companhia formasse uma linha irregular de fogo num ângulo reto em relação ao resto do batalhão. Essa meia Companhia encarava agora o confuso assalto de Starbuck, e ao observar os ianques a levarem as espingardas aos ombros, este percebeu o desastre iminente. A tão curta distância, até mesmo a salva de meia Companhia ceifaria a coragem do seu assalto. Foi percorrido por uma onda de pânico. Sentiu-se tentado a saltar para a direita e procurar a proteção dos arbustos, uma tentação de fugir dali, mas depois a salvação chegou quando o regimento rebelde que atacava os homens da Pensilvânia a partir do sul disparou uma salva esmagadora. A linha nortista formada à pressa desmoronou-se. A fuzilada que deveria ter destruído Starbuck não chegou a ser disparada. Em vez disso, as duas bandeiras da União caíram quando os ianques sobrepujados começaram a bater em retirada.

O alívio transformou o grito de guerra de Starbuck num guincho arrepiante e incoerente enquanto liderava os homens até à clareira. Um soldado de casaca azul tentou agredi-lo com a coronha da espingarda, mas Starbuck deteve com facilidade o golpe brusco e serviu-se da sua própria arma para derrubar o homem. Um disparo de espingarda deixou-o ensurdecido; o nortista que o disparara recuava de costas e tropeçou num ramo caído. Robert Decker saltou sobre o homem, gritando tão alto quanto a vítima aterrorizada. Só Truslow avançava sem gritar; procurava, em vez disso, pontos onde o inimigo pudesse recuperar a iniciativa. Viu Isaiah Clarke, um dos novos recrutas da Legião, ser derrubado por um enorme soldado da Pensilvânia. Truslow sacara da faca de mato. Desferiu um par de golpes com ela e depois empurrou o soldado moribundo para que o corpo não tombasse sobre Clarke.

— Levanta-te, miúdo — disse a Clarke. — Isso não é grave. Nada que um gole de uísque não resolva.

Os soldados da Pensilvânia estavam a fugir. As faixas da Velha Glória

tinham desaparecido para a segurança mais a norte, mas a bandeira azul com a águia e a sua legenda rebuscada em alemão estava a ser transportada por um sargento que coxeava. Starbuck correu para o homem, gritando-lhe que se rendesse. Um cabo ianque viu Starbuck e apontou-lhe um revólver que recuperara do corpo de um oficial rebelde tombado, mas as câmaras não estavam escorvadas, pelo que a arma se limitou a emitir-lhe cliques na mão. O cabo praguejou em alemão e tentou desviar-se, mas a baioneta de Starbuck acertou-lhe em cheio na barriga; depois a coronha da espingarda de Esau Washbrook acertou-lhe no crânio e o homem caiu. Vinda de sul, chegava uma onda de rebeldes aos gritos. O oficial de cabelo branco tirou a bandeira azul da águia das mãos do sargento a coxear e brandiu-lhe a haste como se fosse uma alabarda improvisada. O sargento caiu e tapou a cabeça com as mãos e o oficial, que gritava o seu desafio em alemão, tropeçou no corpo derrubado do sargento. O oficial tombado procurou o revólver que trazia à cintura, mas Starbuck estava já em cima dele e trespassou-lhe as costelas com a baioneta. Starbuck gritou e o brado, em parte alívio, em parte impulso visceral, abafou o som do oficial à beira da morte. Starbuck forçou a lâmina até ao aço não entrar mais e depois apoiou-se na coronha da arma enquanto Truslow retirava a bandeira da águia das mãos retorcidas e subitamente fracas do moribundo, cujo longo cabelo branco assumia agora um tom vermelho à última luz do dia.

Starbuck, com um instinto tão primitivo como qualquer selvagem, tirou a bandeira a Truslow e agitou-a no ar, fazendo saltar gotas de sangue das franjas.

— Consequimos! — exclamou a Truslow. — Consequimos!

— Só nós — adiantou Truslow num tom firme, virando-se para onde Medlicott continuava escondido.

— Vou dar cabo daquele sacana — prometeu Starbuck. Enrolou a bandeira ensanguentada em torno da haste envernizada. — Coffman! — chamou, querendo que o tenente se encarregasse do estandarte capturado. — Coffman! Onde é que você está?

— Aqui, meu capitão. — A voz do tenente soou débil por trás de uma árvore caída.

— Ah, Cristo! — blasfemou Starbuck. A voz de Coffman parecera fraca, como a de alguém à beira de perder a consciência. Starbuck correu até à clareira, saltou por cima da árvore e encontrou o jovem tenente ajoelhado, de olhos arregalados e tez pálida, mas não era Coffman que estava ferido. Coffman estava ileso, apenas em choque. Era sim Thaddeus Bird, o gentil coronel Bird, que jazia, branco como a cal e a sangrar ao lado do tronco caído.

— Por Deus, Nate, como dói. — Bird falava com dificuldade. — Vim buscar-te, mas eles deram-me um tiro. E levaram-me o revólver.

— Tentou sorrir. — Nem sequer estava carregado, Nate. Esqueço-me sempre de o carregar.

— O senhor não, o senhor não! — Starbuck caiu de joelhos, a bandeira capturada e a cobardia de Medlicott esquecida enquanto os olhos se lhe turvavam. — O Pica-pau não!

Pois o melhor homem da Brigada fora abatido.

Os rebeldes avançavam por todo o campo, desde as encostas da montanha Cedar aos milheirais a oeste da estrada, à luz de um Sol poente que era agora uma bola inchada de fogo vermelho a desvanecer-se, suspenso por nuvens de fumo de canhão. Uma leve brisa vespertina começara finalmente a soprar o fumo da pólvora sobre os feridos e os mortos.

As quatro peças chamadas *Eliza*, *Louise*, *Maud* e *Anna* voltaram a ter uso quando a infantaria cinzenta surgiu, qual alcateia, junto à linha de árvores. Os artilheiros dispararam sobre os seus próprios infantes em fuga, lançando granadas fumegantes contra a mata escurecida.

— Tragam os armões! Depressa! — O major, que momentos antes estivera a folhear o exemplar bastante manuseado da bateria de *Devaneios de um Solteiro* aos últimos raios de Sol, viu que teria de deslocar as suas peças para norte, caso pretendesse evitar a captura da bateria. — Tragam-me o cavalo! — bradou.

As quatro peças continuaram a disparar enquanto se traziam as parelhas. Um tenente, acabado de sair de West Point, reparou num grupo de oficiais rebeldes montados que estava à beira da mata.

— Girar à esquerda! — ordenou, e a equipa serviu-se de uma alavanca para girar a estrutura de carvalho branco de *Eliza*. — Aí! Elevem-na uma volta. Carregar granada! — O saco de pólvora foi empurrado cano abaixo e o sargento artilheiro enfiou uma cavilha pelo ouvido da arma para perfurar o saco de lona.

— Já não há granadas, meu tenente! — informou um dos artilheiros junto ao monte de munições.

— Carreguem bolas sólidas. Carreguem seja o que for, mas pelo amor de Deus, despachem-se! — O tenente continuava a observar o alvo tentador.

Enfiaram uma bola sólida sobre o saco de lona. O sargento enfiou o fulminante de fricção no ouvido e depois afastou-se com a correia de fricção na mão.

— Peça pronta — gritou.

O armão de *Eliza*, puxado por seis cavalos, galopou até à traseira da arma para levar o canhão.

— Fogo! — gritou o tenente.

O sargento puxou o cordão para si, fazendo raspar a vareta de fricção sobre o tubo cheio de fulminante. O fogo chegou ao saco de lona, a pólvora explodiu e a bola de ferro de quatro polegadas e meia foi disparada a uivar sobre o campo coberto de fumo. O canhão recuou com a força de uma locomotiva acelerada, saltando uns bons dez passos e esmagando as pernas dos dois primeiros cavalos da parelha do armão. Esses cavalos da frente caíram a relinchar. Os outros cavalos empinaram-se e espernearam, aterrorizados. Um dos animais despedaçou uma barra de tração, outro partiu uma perna no armão e, de repente, a retirada ordenada da bateria transformara-se num cenário de horror de cavalos a relinchar em pânico.

Um artilheiro tentou libertar os cavalos ilesos, mas não conseguiu aproximar-se, pois os animais feridos debatiam-se na sua agonia.

— Pelo amor de Deus, abatam-nos! — bradou o major da sela. Uma bala de espingarda assobiou no ar por cima deles. À luz sinistra do início da noite ouviu-se o tétrico grito rebelde. O artilheiro que tentava soltar os cavalos foi golpeado na coxa por um coice, gritando e caindo de perna fraturada. Depois, uma granada da artilharia rebelde caiu na terra a alguns passos e os fragmentos do invólucro assobiaram contra a massa de cavalos e homens que gritavam de terror. As outras três peças já tinham sido instaladas nos armões.

— Vão! — ordenou o major. — Vão, vão, vão! — E *Louise, Maud e Anna*, com os seus canos enegrecidos, foram levadas rapidamente, com as equipas agarradas aos punhos metálicos dos armões, enquanto os condutores faziam estalar chicotes sobre os cavalos assustados. O canhão de seu nome *Eliza* ficou abandonado a fumejar e uma segunda granada rebelde caiu em cheio na confusão de sangue, arreios partidos e cavalos a debaterem-se. O tenente de *Eliza* vomitou com a súbita erupção de sangue e depois encaminhou-se para norte, a coxear.

O capitão Hetherington levou o reverendo doutor Starbuck ao largo da peça de artilharia abandonada e da confusão ensanguentada que restava da sua parelha. O reverendo perdera o chapéu alto e virava-se constantemente na sela para observar a linha cinzenta de homens que avançavam à sombra dos seus estandartes malditos. Um dos rebeldes em marcha usava a cartola do bostoniano. No entanto, não fora esse insulto que levara o pregador a franzir o cenho, mas sim a confusão que sentia por Deus ter permitido aquela nova derrota. Porque seria que uma causa justa, levada a cabo pela nação escolhida por Deus, sofria desastres tão constantes? Se Deus favorecia os Estados Unidos, por certo o país deveria prosperar, mas era óbvio que tal não acontecia, o que só podia querer dizer que a causa do país, por mais justa que fosse, não era suficientemente boa. Os líderes da nação poderiam

estar empenhados na causa política que era a manutenção da União, mas pouco ligavam à emancipação dos escravos, e até que se desse esse passo, Deus continuaria a castigar o país. A causa da abolição tornava-se, assim, mais explícita e urgente do que nunca. Assegurada a nobreza da missão, o reverendo Starbuck galopou para lugar seguro, de cabelo branco agitado pelo vento.

Quilómetro e meio atrás do reverendo Elial Starbuck, na encosta arborizada onde o ataque nortista ganhara impulso, parara e depois fora repellido, o general Washington Faulconer e o seu estado-maior observavam o campo de batalha montados nos seus cavalos. Duas brigadas de infantaria nortista retiravam sobre o vasto campo de trigo, com o seu avanço acelerado pelos recém-chegados canhões sulistas que disparavam granadas e metralha sobre as alas em passo acelerado. Apenas uma bateria ianque respondia ao fogo.

— Não vale a pena fazermo-nos de alvos — anunciou Faulconer aos ajudantes-de-campo, após o que regressou às árvores para se esconder dos artilheiros.

Apenas Swynyard permaneceu em espaço aberto. Estava a pé, pronto a liderar a primeira linha da Brigada pela longa encosta abaixo. Outras tropas rebeldes estavam já quase a um quilómetro além da mata, mas a Brigada Faulconer dera início mais tarde ao seu avanço e tinha ainda de passar as árvores. Swynyard viu que Faulconer desaparecera na mata, pelo que puxou do frasco de uísque e o levou à boca. Esvaziou a garrafa e depois virou-se para ordenar à linha avançada que se apressasse, mas, nesse momento, um golpe que lembrava o sopro de um vento poderoso uivou à sua volta. O ar foi-lhe sugado do peito. Tentou chamar, mas não era capaz de falar e muito menos de gritar. Quando as pernas lhe cederam, o uísque azedou-lhe subitamente na garganta. Tombou um segundo antes de algo estalar atrás dele como o fragor dos portões do Inferno, e depois pareceu a Swynyard que uma luz brilhante, mais potente do que uma dúzia de sóis ao meio-dia, lhe enchia e toldava a visão. Ficou caído de costas, incapaz de se mover, mal conseguindo respirar, e a luz brilhante tremeluziu-lhe nos olhos durante alguns breves segundos dourados até que o cérebro entorpecido pela bebida desistiu de tentar compreender o que acontecera.

Ficou inconsciente e a espada escorregou-lhe das mãos insensíveis. A bola disparada pela condenada peça *Eliza* falhara-lhe o crânio por centímetros e fora bater num carvalho que crescia atrás do coronel. O tronco da árvore fora aberto pela bola de canhão, tombando para os lados como uma letra Y, deixando as faces interiores à mostra como ouro acabado de cunhar.

A Brigada Faulconer marchou ao lado do coronel prostrado. Ninguém parou para o ajudar, nem sequer espreitou para ver se o coronel estaria vivo

ou morto. Alguns dos homens cuspiram-lhe e haveria quem tentasse revistar-lhe os bolsos, mas os oficiais mantiveram as linhas em andamento, pelo que a Brigada prosseguiu ao longo do campo de trigo, numa perseguição lenta ao inimigo em retirada.

Foi o capitão Starbuck e o sargento Truslow quem acabou por encontrar o coronel Swynyard. Tinham transportado o coronel Bird até ao posto de socorros do doutor Danson, onde fingiram acreditar nas garantias proferidas por Doc Billy de que o ferimento que o coronel tinha no peito poderia não se revelar fatal.

— Já vi outros sobreviverem com pior — afirmou Danson, curvando-se com o seu avental enrijecido pelo sangue sobre o corpo pálido de Bird, que respirava superficialmente. — E o Pica-pau é um passarão resistente — insistiu Danson —, por isso tem boas hipóteses. — Starbuck e Truslow tinham esperado um pouco enquanto Danson analisava o ferimento, mas depois, quando se aperceberam de que não poderiam ajudar e que a espera só lhes piorava o nervosismo, tinham voltado a seguir o caminho da Brigada em movimento. Foi então que encontraram Swynyard. O Sol já baixara e todo o campo de batalha estava envolvido numa luz de tom pérola, dissipada pelo fumo que ainda refletia o avermelhado do Sol nas suas extremidades mais altaneiras. Aves necrófagas, de asas irregulares e pretas, iam baixando até à terra, onde rasgavam a carne dos mortos com os seus bicos retorcidos.

— O cabrão está morto — disse Truslow, ao olhar para Swynyard.

— Ou bêbado — aventou Starbuck. — Acho que está bêbado.

— Alguém deu uma bela tarefa ao sacana — comentou Truslow, apontando para um hematoma que se espalhava em tons amarelados e acastanhados no lado do crânio do coronel. — De certeza que não está morto?

Starbuck acocorou-se.

— O desgraçado está a respirar.

Truslow passou o olhar pelo campo, marcado com crateras de granadas e pontilhado com as formas escuras dos mortos.

— Então e o que vamos fazer com ele? — indagou. — O filho de uma puta tentou matar-nos a todos — acrescentou, para o caso de Starbuck se sentir tentado a exhibir misericórdia.

Starbuck endireitou-se. Swynyard jazia indefeso, com a cabeça para trás e a barba a apontar para o céu. A barba estava imunda, com suco de tabaco seco e fios de saliva. O coronel respirava lentamente, com um ligeiro arrastar na garganta sempre que inalava. Starbuck pegou na espada caída do coronel e aproximou a ponta estreita da parte de baixo da barba de Swynyard, como se estivesse prestes a enfiar o aço no pescoço descarnado do coronel. Swynyard não se mexeu com o toque do aço. Starbuck sentiu-se tentado a empurrar e depois desviou a lâmina.

— Ele não merece o esforço — comentou e depois espetou a espada num panfleto que fora soprado pela brisa recente contra o crânio magoado do coronel. — O miserável que sofra com a dor de cabeça — disse, após o que os dois homens se afastaram.

De regresso à estrada, os federais realizaram uma derradeira tentativa para salvar o dia perdido. A infantaria em retirada trocava salvas com os rebeldes que avançavam, os quais estavam igualmente a ser alvo do fogo de uma derradeira bateria de artilharia ianque que permanecera para cobrir a retirada dos nortistas. Parecia agora que as peças dessa última bateria teriam de ser capturadas, pois os artilheiros estavam quase ao alcance das espingardas sulistas, que ameaçavam matar as parelhas de cavalos antes de poderem ser atreladas aos canhões.

Para salvar as armas, a 1ª de Cavalaria da Pensilvânia recebeu ordens para avançar. Os homens montavam cavalos bem alimentados com milho e formaram três linhas, com cinquenta cavaleiros por linha. Um clarim fez soar o avanço e os cavalos baixaram as cabeças, fazendo as crinas agitarem-se à luz do fim da tarde à medida que a primeira ala de cavaleiros trocava por entre os canhões.

A segunda linha avançou, seguida da terceira, cada uma deixando espaço suficiente entre cavaleiro e entre a linha mais avançada para que os soldados pudessem contornar animais mortos ou moribundos. Os sabres foram desembainhados e cintilaram à luz sanguínea do fim do dia. Alguns dos cavaleiros deixaram as espadas nas suas bainhas, empunhando antes revólveres. Na primeira fila era levado um pendão bifurcado azul e branco.

Os canhões foram montados nos armões e a parafernália dos artilheiros guardada em caixas ou pendurada em ganchos. Os artilheiros apressaram-se, sabendo que a cavalaria lhes conseguia momentos preciosos para que conseguissem fugir. Os cavalos seguiam agora num trote rápido, levantando pequenas nuvens de poeira atrás dos cascos. As três linhas estenderam-se para os campos de cada lado da estrada que atravessava searas de trigo e milho já ceifadas. As barbelas dos freios e as correntes das bainhas tilintavam.

A infantaria confederada deteve-se à frente dos cavaleiros. Ouviu-se um estrepito metálico quando as varetas empurraram com força as balas sobre as cargas de pólvora. Dedos manchados de preto pela pólvora empurraram fulminantes de latão nos cones escurecidos pelo fogo.

— Esperem até se aproximarem, rapazes! Esperem! Esperem! — gritou um oficial.

— Apontem aos cavalos, rapazes! — indicou um sargento.

— Esperem! — bradou o oficial. Os homens formaram linhas e ainda mais soldados correram para se juntarem às alas rebeldes.

O clarim nortista voltou a tocar, desta vez de forma irregular, e os cavalos iniciaram um meio galope. O estandarte foi baixo para que a ponta da lança ficasse virada para a infantaria que aguardava, formando uma linha cinzenta irregular ao longo da estrada. Grassavam fogos na encosta distante, com o fumo que subia lentamente a cobrir o céu cada vez mais escuro, onde a estrela da tarde era já um ponto de luz fria e brilhante sobre as encostas trajadas de fumo da montanha Cedar. A Lua crescente, brilhante e acutilada como uma lâmina, erguia-se por trás das matas sulistas. Ainda mais soldados de infantaria correram para a estrada, onde juntariam o seu poder de fogo à salva que ameaçava os cavaleiros que se aproximavam.

O clarim soou em desafio uma derradeira vez.

— À carga! — bradou um oficial e os cavaleiros gritaram ao ataque e esporearam os grandes cavalos para assumirem o galope total. Eram jovens agricultores, vindos das terras férteis da Pensilvânia. Os antepassados tinham cavalgado nas guerras da antiga Europa e nos combates de libertação da América, e agora os descendentes baixavam os sabres para que as pontas das lâminas trespassassem como lanças as costelas dos soldados na linha rebelde. Os campos secos de ambos os lados da estrada estremeceram com o troar dos cascos. — À carga! — voltou a bradar o oficial de cavalaria, atirando as palavras para a noite próxima como um grito de guerra.

— Fogo! — foi o grito de resposta dos rebeldes.

Quinhentas espingardas cuspiram chamas no lusco-fusco. Cavalos relincharam, tombaram, morreram.

— Recarregar!

As varetas retiniram e raspam nos canos quentes das espingardas. Cavaleiros a pé afastaram-se a cambalear do massacre na estrada. Nem um único homem da ala da frente ficara na sela, e não havia um cavalo que restasse de pé. A segunda linha também fora fustigada, mas tinham restado homens suficientes que continuaram a galopar, de bocas abertas e sabres brilhantes enquanto avançavam sobre os restos da primeira linha, onde os cavalos relinchavam, os cascos estrebuchavam e os animais moribundos se contorciam e espirravam sangue viscoso. Um cavaleiro da segunda linha saltou por cima de um amontoado de corpos, vindo a ser atingido por duas balas. Eram os rebeldes que gritavam agora enquanto avançavam, carregando e disparando. Um cavaleiro a pé recuou alguns passos, depois dobrou-se e vomitou sangue. Os cavalos soltavam gritos patéticos, com o sangue a escorrer em fios negros que criavam poças espessas na estrada poeirenta. A terceira linha estacou atrás do que restava da segunda. Alguns cavaleiros disparavam revólveres sobre a barricada sangrenta, tudo o que restava das primeiras linhas, mas depois uma nova salva foi disparada com fumo e chamas pelas alas rebeldes a avançar, obrigando os cavaleiros so-

breviventes a puxar as rédeas com força para darem meia-volta. A retirada mereceu a troça do inimigo. Soaram mais espingardas e outras selas ficaram vazias. Um cavalo afastou-se a coxear, outro caiu entre os caules de trigo e um terceiro galopou sem cavaleiro em direção a oeste. Os cavaleiros restantes seguiram para norte, atrás das peças de artilharia recuperadas que regressavam a Culpeper Court House.

Cento e sessenta e quatro cavaleiros tinham carregado sobre um exército. Regressavam setenta.

Finalmente, trazida por uma brisa quente que tresandava a sangue, a noite caiu.

Nos campos no sopé da montanha Cedar, o campo de batalha estava escurecido por baixo das camadas de fumo que amortalhavam o céu. Nuvens altas tinham-se espalhado e ocultado a Lua, embora uma vastidão de estrelas brilhantes ainda se estendesse pela zona norte do céu.

Os feridos gritavam e pediam água. Alguns dos sobreviventes da batalha procuravam feridos na mata e nos milheirais, prestando-lhes a ajuda possível, enquanto outros saqueavam os mortos e roubavam os feridos. Havia guaxinins a procurar comida entre os corpos e uma doninha, perturbada por um cavalo ferido que vagueava por entre as árvores, libertou o seu fedor, que se foi juntar ao cheiro pestilento que já marcava o campo de batalha.

A nova linha da frente rebelde encontrava-se no ponto onde os ianques tinham começado o dia, enquanto estes se tinham retirado para norte, estabelecendo uma nova linha defensiva na estrada para Culpeper Court House. Mensageiros levaram notícias ao general Banks que davam conta de mais tropas nortistas que se deslocavam para sul, vindas de Manassas, para o caso de o ataque rebelde ser o presságio de um avanço em grande escala para norte. Culpeper Court House tinha de ser mantida, ordenou o general Pope, embora essa ordem não tivesse impedido alguns ianques em pânico de carregar carroças com os saques retirados das casas abandonadas e de começar a avançar para norte, não fosse a temida cavalaria rebelde estar já a varrer as zonas leste e oeste da povoação, para cortar o caminho ao exército do general Banks.

Outros carros chegaram com os primeiros feridos do campo de batalha. O tribunal da povoação, um belo edifício cercado por arcadas com torre de campanário, foi transformado em hospital, onde os cirurgiões passaram a noite a trabalhar à luz fumegante de velas e de candeeiros a petróleo. Sabiam que a primeira luz da manhã lhes traria mais corpos devastados e talvez também lhes trouxesse os rebeldes em busca de vingança. O som das

serras de ossos fazia-se ouvir na escuridão, juntando-se aos arquejos, aos soluços e às orações dos soldados.

O general Banks redigiu o seu despacho numa quinta requisitada para o exército que fora saqueada por soldados nortistas que tinham assumido as ordens do general Pope de retirar o seu sustento das terras como autorização para pilhar todas as casas sulistas. Banks estava sentado num barril de pólvora vazio e servia-se de outros dois barris como mesa. Mergulhou o aparo de aço na tinta e escreveu que tinha obtido uma vitória. Não fora, segundo admitia para consigo, a grande vitória que ele esperara, mas não deixava de ser uma vitória, e as suas palavras descreviam agora como a sua pequena força tinha enfrentado, combatido e detido um poderoso avanço rebelde para norte. Como bom político que era, escreveu sempre com um olho na História, transformando a batalha numa narrativa de desafio obstinado que em nada ficava atrás dos espartanos que tinham defendido a Grécia das hordas persas.

Dez quilómetros a sul, o adversário também reclamava vitória. A batalha não decidira nada, mas Jackson ficara com o comando do campo, pelo que o general se ajoelhou para agradecer a Deus Todo-Poderoso a mais recente prova das Suas misericórdias. Quando o general terminou a oração, deu ordens breves para aquela manhã: os feridos deviam ser recolhidos, os mortos enterrados e o campo de batalha vasculhado em busca de armas que ajudasse a causa confederada. Depois, enrolado num cobertor puído, Jackson dormiu no chão, por baixo do fumo que se desvanecia.

Sentinelas nervosas perturbaram o sono de ambos os exércitos com descargas esporádicas de fogo de espingarda, e, de vez em quando, um artilheiro nortista apreensivo disparava uma granada para sul, na direção dos pontos brilhantes que eram as fogueiras a marcar a zona onde os sulistas tentavam descansar entre os horrores de um campo depois da batalha. Os lumes tremeluziam vermelhos, esbatendo-se com o avançar da noite, até que, por fim, uma paz instável se abateu sobre os campos feridos.

Nessas trevas nervosas, uma patrulha de soldados avançava em silêncio.

A patrulha era composta por quatro homens, todos a usar o emblema de tecido branco bordado com um crescente vermelho. O líder da patrulha era o capitão Moxey, o ajudante-de-campo preferido de Faulconer, enquanto os restantes homens pertenciam à Companhia do capitão Medlicott, uma das mais leais ao general. Medlicott cedera de bom grado os três homens, embora não tivesse pedido autorização ao major Paul Hinton, que assumira o comando da Legião quando Thaddeus Bird fora ferido. À semelhança de Moxey e Medlicott, Hinton usava o emblema com o crescente vermelho, mas estava tão ambivalente quanto à sua lealdade que sujara e

puíra deliberadamente o emblema até mal ser reconhecível como o brasão de Faulconer. Caso Hinton tivesse conhecimento da missão de Moxey, sem dúvida teria impedido tal disparate antes de ser iniciado.

Os quatro homens levavam consigo espingardas, nenhuma delas carregada. Aos três soldados, tinha sido prometida uma recompensa de cinco dólares em moedas, e não em notas, caso a missão fosse bem-sucedida.

— Talvez tenham de partir umas quantas cabeças — alertara Faulconer —, mas não quero derramamento de sangue. Não quero conselhos de guerra, entendido?

— É claro, meu general — respondera Moxey.

Contudo, a missão acabou por se revelar ridiculamente simples. A patrulha esgueirou-se pelas linhas da Legião, bastante atrás do círculo de sentinelas cuja responsabilidade era observar o exterior e não o interior. Moxey abriu caminho por entre os corpos adormecidos, contornando as fogueiras esbatidas, a caminho do local onde a Companhia H de Starbuck dormia sob as estrelas. Ao chegar perto, e receando que um dos cães da Companhia acordasse e comesse a ladrar, Moxey levantou a mão.

O problema que levava à necessidade de tal missão começara ao início da noite, quando os homens da Brigada Faulconer faziam o jantar possível com a pouca comida que tinham pilhado ou encontrado nas mochilas. O capitão Pryor, o novo ajudante-de-campo do general Washington Faulconer, dirigira-se a Starbuck e pedira a entrega da bandeira da Pensilvânia capturada.

— Porquê? — indagara Starbuck.

— O general quer a bandeira — foi a resposta inocente de Pryor. Thomas Pryor era demasiado novo na Brigada para compreender a inimizade existente entre Starbuck e Faulconer. — Devo levá-la.

— Está a querer dizer que o Faulconer pretende fingir que foi ele que a capturou? — quis saber Starbuck.

Pryor enrubescou ao ouvir tão ignóbil acusação.

— Tenho a certeza que o general não seria capaz de fazer tal coisa — defendeu.

Starbuck riu-se da ingenuidade do ajudante-de-campo.

— Vá dizer ao general Faulconer, a par dos meus cumprimentos, que se quiser, pode vir pessoalmente pedir a bandeira.

Pryor quisera insistir, mas a figura de Nathaniel Starbuck parecia-lhe intimidante, até mesmo assustadora, pelo que transmitira a mensagem ao general. Este, para sua surpresa, não mostrou qualquer sinal de indignação com a insolência de Starbuck. Pryor atribuiu a reação do general à magnanimidade, mas, na verdade, Washington Faulconer estava furioso, limitando-se a ocultar essa fúria. Queria a bandeira, sentindo mesmo que tinha

todo o direito à bandeira, já que fora capturada por homens às suas ordens. Considerava assim que a bandeira era propriedade sua e tencionava expor o troféu no átrio de entrada da sua casa, nos arredores de Faulconer Court House, motivo pelo qual, às três e um quarto da madrugada, o capitão Moxey e outros três homens se encontravam junto à área onde dormiam os homens de Starbuck.

— Ali — murmurou um dos homens de Moxey, apontando para onde o tenente Coffman se enroscava debaixo de um cobertor.

— De certeza que é ele que a tem? — murmurou Moxey em resposta.

— De certeza.

— Fiquem aqui — indicou Moxey. Depois percorreu a erva em bicos de pés, até chegar ao adormecido tenente e ver a bandeira enrolada meio escondida por baixo do cobertor de Coffman. Moxey baixou-se e levou a mão ao pescoço de Coffman. O aperto acordou o rapaz. — Abres a boca — sibilou Moxey — e corto-te o pescoço.

Coffman fez menção de se levantar mas foi empurrado com força pela mão esquerda de Moxey. Com a outra mão, Moxey agarrou a bandeira e começou a puxá-la.

— Fica quieto — ameaçou —, ou mando dar cabo das tuas irmãs.

— Moxey? — Coffman crescera na mesma povoação que Moxey. — És tu?

— Cala-te, miúdo — ordenou Moxey. A bandeira libertou-se finalmente e Moxey recuou, quase lamentando não poder espancar o adormecido Starbuck, mas também aliviado por não ter de se arriscar a acordar o nortista. Starbuck tinha reputação de ser beligerante, tal como a sua Companhia, considerada a mais temerária da Legião, mas os homens da Companhia H tinham continuado a dormir durante a incursão de Moxey. — Vamos embora! — ordenou Moxey aos seus homens, que se afastaram em segurança, com o troféu conquistado.

Coffman ficou a tremer na escuridão. Interrogava-se se deveria acordar Starbuck ou Truslow, mas estava com medo. Não compreendia porque Moxey precisaria de roubar a bandeira e não suportava pensar que tinha desiludido Starbuck. Fora o capitão Starbuck que envergonhara o general Washington Faulconer para que lhe pagasse o soldo, e Coffman receava profundamente que Starbuck ficasse agora zangado consigo, pelo que se deixou ficar imóvel e assustado enquanto escutava os gemidos e gritos distantes que chegavam das tendas iluminadas onde os médicos exaustos serravam membros e arrancavam balas da carne magoada e ensanguentada. Thaddeus Bird encontrava-se numa das tendas do doutor Danson, ainda a respirar, mas com o rosto tão pálido como a lona por baixo da qual dormia.

A situação dos homens que ainda se encontravam no campo de ba-

talha era bem pior. Iam dormitando em sofrimento, acordando por vezes com as vozes de outros homens a pedir debilmente ajuda ou com o som dos cavalos feridos que passavam uma longa noite a morrer. A brisa leve da noite soprava para norte, onde os ianques assustados esperavam por um novo ataque rebelde. De vez em quando, um artilheiro nervoso disparava uma granada a partir das linhas ianques, e a carga ia explodir no meio do milho pisoteado. Pedacos de terra saltavam e uma nuvem de fumo acre era levada para norte, enquanto um coro de vozes assustadas se fazia ouvir mais alto por breves momentos, antes de voltarem a desvanecer-se. Aqui e ali, uma lanterna indicava os sítios onde alguns homens procuravam amigos ou tentavam salvar os feridos, mas eram demasiados os que jaziam em sangue e muito poucos os que se esforçavam por ajudar, pelo que os abandonados iam sofrendo e morrendo com o arrastar da madrugada.

O coronel Griffin Swynyard não morreu nem pediu ajuda. Em vez disso, o coronel ficou a dormir e, pela alvorada, quando os primeiros raios de Sol se deixaram ver sobre a cumeada da montanha Cedar e foram dourar o campo onde os mortos jaziam a apodrecer e os feridos gemiam, ele abriu os olhos para receber o brilho.

Cinquenta quilómetros a norte, onde os comboios iam chegando ao Entroncamento de Manassas, enchendo a noite com o estrépito das carruagens, o silvo das válvulas e o fedor do fumo, Adam Faulconer observou os cavalos comprados com o dinheiro do reverendo Elial Starbuck a descerem dos vagões de carga. Os animais estavam assustados com os barulhos e com os cheiros intensos daquele lugar estranho, pelo que arrebavam as orelhas e reviravam as orelhas, e relincharam, lamentosos, quando foram levados por entre duas linhas de homens até um curral improvisado criado com carruagens vazias do exército. O capitão Billy Blythe, que comprara os cavalos e os enviara para Manassas, estava sentado em cima de um dos vagões e via se Adam gostava dos animais.

— São cavalos muito especiais, Faulconer — gritou Blythe. — Fui eu que os escolhi. Sei que não parecem grande coisa, mas não é nada que uns dias a comer não resolvam. — Blythe acendeu um charuto e esperou pela avaliação de Adam.

Adam mal se atrevia a dizer fosse o que fosse, com receio de que isso provocasse uma discussão com Blythe. Os cavalos eram animais de aspeto miserável. Adam já vira bichos com melhor ar à espera no matadouro.

Tom Huxtable era o primeiro sargento de Adam. Vinha do Luisiana, mas optara por lutar pelo Norte, em vez de ir contra a lealdade da sua esposa nova-iorquina. Huxtable cuspiu ao ver os cavalos recém-chegados.

— Isto não são cavalos, meu capitão — disse a Adam. — Que raios, isto não são cavalos. Não passam de mulas doentes. — Voltou a cuspir. — De dorso curto, esparavonados e cheios de bichos. Imagino que o Blythe tenha posto metade do dinheiro ao bolso.

— Disse alguma coisa, Tom Huxtable? — perguntou um sorridente Billy Blythe de cima do poleiro.

O sargento Huxtable limitou-se a cuspir em resposta. Adam refreou a fúria que sentia enquanto inspecionava os vinte cavalos assustados e tentava descortinar alguma característica redentora entre os animais, mas à luz fraca do candeeiro, as montadas pareciam realmente um bando miserável. Tinham jarretes inchados e quartelas curtas, dorsos inclinados e, o que se revelava ainda mais problemático, muitos tinham o nariz a escorrer. Um cavalo com problemas nos pulmões era um animal que tinha de ser abatido, mas eram aquelas as montadas que seriam entregues aos homens às ordens de Adam. O jovem capitão maldisse-se por não ter sido ele próprio a comprar os cavalos, mas o major Galloway insistira que a experiência de Blythe com os negócios nesses animais era uma das mais-valias do regimento.

— Então, Faulconer, o que é que acha? — perguntou Blythe, num tom trocista.

— Quanto é que pagou por eles?

Blythe acenou com o charuto num gesto despreocupado.

— Paguei bastante, rapaz, bastante.

— Nesse caso foi enganado. — Adam não conseguia ocultar a amargura sentida.

— Não há muitos cavalos disponíveis, rapaz. — Blythe servia-se deliberadamente do termo “rapaz” na esperança de provocar em Adam um acesso de fúria. Blythe não se importava de ser o segundo comandante de Galloway e não percebia a necessidade de o major ter requisitado um terceiro oficial para o regimento. — O exército já comprou os cavalos decentes todos, por isso quem chegou depois tem de se contentar com o que sobra. Está a dizer-me que não se vai safar com esses cavalos?

— Acho que este cinzento tem esgana — indicou o cabo Kemp. À semelhança de Adam, Harlan Kemp era um virginiano que não fora capaz de abandonar a lealdade aos Estados Unidos. Ele e a família tinham abandonado a sua quinta para se deslocarem para norte.

— Nesse caso é melhor abater o animal — comentou Blythe alegremente.

— Mas não com uma das suas armas — retorquiu Adam. — Pelo menos se forem tão boas como os cavalos.

Blythe riu-se, satisfeito por ter arrancado uma mostra de fúria por parte de Adam.

— Tenho aqui umas boas armas para si, Faulconer. *Colts* de repetição, novinhos, ainda nas caixas do Connecticut. — O *Colt* de repetição pouco mais era do que um revólver alongado com uma coronha comprida, mas o cilindro de revolução dava ao soldado a possibilidade de disparar seis tiros no mesmo tempo que um atirador inimigo precisava para disparar um único. A arma não era famosa pela precisão, mas o major Galloway imaginara que um pequeno grupo de cavaleiros precisava de volume de tiro e não de precisão, argumentando que quatro dezenas de cavaleiros a disparar seis tiros era melhor do que duas centenas de homens com espingardas de tiro único.

— Não são armas de confiança — murmurou o sargento Huxtable a Adam. — Já vi o cilindro a rebentar e a arrancar a mão de um homem.

— E tem o cano demasiado comprido — acrescentou Harlan Kemp. — É difícil de transportar a cavalo.

— O senhor falou, Harlan Kemp? — desafiou Blythe.

— Estou a dizer que o *Colt* não é uma arma de cavaleiro — respondeu Kemp. — Devíamos ter carabinas.

Blythe riu-se.

— Tem sorte de ficar com armas de todo. No que diz respeito a armas e a cavalos, ficámos com a última teta, por isso é melhor mordê-la com força e chupar com ganas.

Huxtable ignorou a grosseria de Blythe.

— O que lhe parece, meu capitão? — perguntou a Adam. — Estes cavalos não se podem montar. Só servem de alimento para os bichos. — Adam não respondeu e Tom Huxtable abanou a cabeça. — O major Galloway não nos vai deixar montar pilecas destas, meu capitão.

— Pois, imagino que não — concordou Adam. Naquela noite, o major Galloway ia receber as ordens do general Pope, ordens essas que deveriam dar início às primeiras patrulhas ofensivas da cavalaria de Galloway, mas Adam sabia que não podia fazer nada com aqueles animais doentes.

— Então o que fazemos? — indagou Harlan Kemp, e os restantes homens da tropa de Adam juntaram-se para ouvir a resposta do seu capitão.

Adam mirou os animais miseráveis e doentes, que tremiam à frente dele. As costelas sobressaíam da pele sarnenta. Por um instante sentiu-se tentado a ceder ao desespero, e interrogou-se porque haveria cada empreendimento humano de estar tão minado pela inveja e pelo ressentimento, mas depois olhou para o rosto sorridente de Billy Blythe e o desespero incipiente de Adam foi dominado por uma onda de resolução.

— Vamos trocar os cavalos — disse Adam aos seus soldados ansiosos. — Vamos levar estas pilecas para sul e vamos trocá-las pelos melhores cavalos da Virgínia. Vamos trocá-las por cavalos velozes como o vento e fortes

como as montanhas. — Riu-se ao ver a incompreensão no rosto de Blythe. Adam não seria vencido, pois sabia exatamente onde encontrar esses cavalos, os melhores cavalos, e assim que encontrasse os seus animais, lançaria o caos entre os seus inimigos. Com ou sem Billy Blythe, Adam Faulconer ia lutar.